



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

ALBANEIDE MARIA DA SILVA FÉLIX

**POESIA INFANTIL E FORMAÇÃO CONTINUADA: REVERBERAÇÕES NA SALA
DE AULA**

CAMPINA GRANDE-PB

2021

ALBANEIDE MARIA DA SILVA FÉLIX

**POESIA INFANTIL E FORMAÇÃO CONTINUADA: REVERBERAÇÕES NA SALA
DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro
Alves

CAMPINA GRANDE-PB

2021

F316p Félix, Albaneide Maria da Silva.
Poesia infantil e formação continuada : reverberações na sala de aula /
Albaneide Maria da Silva Félix. - Campina Grande, 2021.
148 f.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".
Referências.

1. Poesia Infantil. 2. Formação Continuada. 3. Alfabetização. 4. Ou
Isto ou Aquilo. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-1-053.2(043)

ALBANEIDE MARIA DA SILVA FÉLIX

POESIA INFANTIL E FORMAÇÃO CONTINUADA: REVERBERAÇÕES NA SALA DE AULA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Aprovação em 26 de fevereiro de 2021.

Banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves – UFCG



Examinadora interna: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Tavares Silva – UFCG



Examinadora externa: Prof^ª. Dr^ª. Evangelina Maria Brito de Faria – UFPB

Suplente: Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega – UFCG

*Dedico esta dissertação aos cinco pilares que sustentam minha vida:
Deus, mãe Maria Edvirges, filha Sofia Agnes, esposo Edgley e a
poesia infantil, sinônimo de força, renovação, esperança e luz em
minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Primeiro lugar a Deus em quem busco força, sabedoria, abrigo e perseverança para prosseguir com meus sonhos.

Ao prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves, querido orientador, pela atenção, confiança e paciência com que me conduziu nesta pesquisa. Uma pessoa condensada de grande bagagem de conhecimento e simplicidade ao mesmo tempo, que muito contribuiu nas questões teóricas e práticas no que concerne a minha vida acadêmica e profissional; a ele toda admiração.

À prof^a. Dr^a. Evangelina Maria Brito de Farias, pela gentileza com a qual aceitou o convite para participar da banca de qualificação e de defesa desta dissertação, que de modo especial vem acompanhando meu desenvolvimento profissional através das formações continuada e acadêmico.

À prof^a. Dr^a. Márcia Tavares Silva, por quem tenho muito apreço e que gentilmente aceitou e disponibilizou parte de seu tempo para dar suas contribuições a este trabalho desde as discussões na banca de qualificação desta dissertação: minha gratidão.

À prof^a. Dr^a. Marta Nóbrega sempre gentil em todas suas ações.

À prof^a. Dr^a. Josilene Pinheiro Mariz, pessoa inspiradora, comprometida e engajada na melhoria do outro; a você todo meu respeito.

Aos professores do Curso de Mestrado do PPGLE/UFCG, com destaque aos da Linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores e aqueles com quem tive a oportunidade de cursar disciplinas e ampliar os conhecimentos.

Aos meus pais, pessoas adoráveis e fonte de amor inesgotável, por me ensinarem a prosseguir diante dos obstáculos. Especialmente a minha mãe pelo incentivo constante aos estudos.

Ao esposo Edgley Félix, companheiro e parceiro pelo o apoio incondicional durante todas as etapas desta pesquisa.

À minha filha Sofia Agnes (nove anos), que tanto amo e que me ajudou lendo os poemas para mim.

À minha irmã Inácia Cunha, parceira dos meus sonhos.

À Alexsandra Melo por me manter informada de todos os eventos durante a caminhada nas disciplinas, pelas caronas, troca de experiências e apoio na etapa final.

À Berlita Macêdo de Farias Alves, pela compreensão e apoio incondicional durante a realização desta pesquisa. Sem seu aval não poderia prosseguir com o estudo.

À Diana Ribeiro, que me deu a boa nova da aprovação neste mestrado.

Ao grupo de professores alfabetizadores, com quem trabalho há quase quinze anos, e que se tornou uma família. Dividimos nossas ansiedades, conquistas e desejo de fazer sempre o melhor pela educação de Boa Vista.

Às companheiras de jornada Claudenice Silva e Livia Marbelle por compartilharmos do mesmo orientador e com isso dividirmos momentos que ficarão na minha memória com sabor de saudades, a exemplo da leitura realizada pelo professor do poema “A chácara de Chico bolacha” no finalzinho da tarde, embaixo da árvore, e nós três desfrutando daquele agradável momento de orientação. A vocês, meninas, meu carinho.

Aos amigos, que me deram suporte em diferentes contextos nesse estudo: Diana Ribeiro, Silvan Borborema, Simony Araújo, Claudenice Silva e Livia Marbelle, Fernanda, Emilly e Lucicláudia, Maria Helena, Márcia Almeida e Gabriela Santos.

Aos amigos que sempre tinha uma palavra de incentivo: Érica Montenegro, Clébia, Hebert, Michelle, Daysinha, Janile Simony, Antonio Clarindo Barbosa de Souza e Verônica Melo, Gitana e Risoneide.

Às companheiras de trabalho, em especial Sayonara, que muito me inspira com seu jeito dinâmico e humilde de vivenciar o cotidiano, também a Simony Araújo por compartilharmos do desejo de uma educação pública de qualidade e por nossa amizade.

Às crianças que são fontes inesgotáveis de inspiração.

À doce Carolina que tinha sempre um versinho em seus lábios (Professora da 1ª série).

À professora Cléa Gurjão que sempre apostou em mim. A todos meus professores do ensino básico.

À Dayse Alves (*In Memoriam*), a quem atribuo as mais fortes lembranças no percurso anterior a esta pesquisa. Acredito que estiveste comigo durante todo o curso, vibrando a cada conhecimento adquirido. A você, minha irmã de corpo e alma, minha gratidão por acreditar em mim.

RESUMO

A partir da constatação de que a abordagem do poema no ciclo de alfabetização enfrenta problemas dos mais diversos, realizamos uma pesquisa voltada para a formação de professores, tendo como foco a vivência com a poesia infantil com os referidos profissionais. Elegemos como objetivo geral: analisar as possíveis reverberações das práticas de leituras de poemas em salas de alfabetização a partir de uma experiência de formação continuada com os professores alfabetizadores do Município de Boa Vista – PB. Os objetivos específicos foram os seguintes: 1. Contextualizar os encontros de formações continuadas oferecidos aos professores do ciclo de alfabetização e discutir a abordagem predominante nas práticas desses profissionais, quanto ao ensino de poesia infantil. 2. Refletir, mais detidamente, sobre a obra *Ou isto ou aquilo*, observando os recursos expressivos, estéticos, bem como os temas mais recorrentes nos poemas; 3. Analisar o processo de transposição da vivência dos poemas infantis do espaço da formação continuada para a sala de aula do ciclo de alfabetização. A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e levantamento bibliográfico. O percurso metodológico privilegiou a leitura oral dos poemas pelos professores e, conseqüentemente, das crianças. Trabalhou-se, no decorrer do experimento, com poemas do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles (2012), bem como com poemas de diferentes autores(as). A fundamentação teórica esteve alicerçada nos estudos de Jauss (1979) da teoria da recepção; Tardif (2014) sobre os saberes docentes; Imbernón (2004) quanto à formação docente; Aguiar e Bordini (1988), sobre o método recepcional de ensino; Bordini (1986) trata da poesia infantil. Também nos guiou o pensamento de Freire (1996) e as reflexões teórico-metodológicas de Pinheiro (2000 e 2018), dentre outros. Os resultados demonstram que um percurso formativo bem planejado, envolvendo os profissionais em seu contexto tem reflexos claros no cotidiano da sala de aula. Os dados da pesquisa revelaram que os professores fizeram, a seu modo, diferentes transposições didáticas do que estudaram e experimentaram na formação para a sala de aula.

Palavras-chave: Poesia infantil. Formação continuada. Alfabetização. *Ou isto ou aquilo*.

ABSTRACT

Based on the observation that the approach of the poem in the literacy cycle faces the most diverse problems, we performed a research aimed to teacher's education, focusing on the children's poetry experience with these professionals. We elected as a general objective: to analyze the possible reverberations of the poetry reading practices in literacy classes from an experience of continuing education with literacy teachers in the city of Boa Vista - PB. The specific objectives were as follows: 1. To contextualize the continuing education meetings offered to teachers in the literacy cycle and to discuss the predominant approach in the practices of these professionals regarding the teaching of children's poetry. 2. To reflect, more closely, upon the piece *Ou Isto ou aquilo*, observing the expressive and the aesthetic resources, as well as the most recurring themes in the poems; 3. To analyze the process of transposing the experience of children's poems from the space of continuing education to the classroom of the literacy cycle. The research is of a qualitative, exploratory, and bibliographic nature. The methodological path privileged the oral reading of the poems by the teachers and, consequently, by the children. During the experiment, we worked with poems from the book *Ou isto ou aquilo*, by Cecília Meireles (2012), as well as with poems by different authors. The theoretical foundation was based upon Jauss (1979) studies of reception theory; Tardif (2014) about teaching knowledges; Imbernón (2004) regarding teacher education; Aguiar and Bordini (1988) about reception teaching method; Bordini (1986) children's poetry. It also guided us the thoughts of Freire (1996) and the theoretical-methodological reflections from Pinheiro (2000 and 2018), among others. The results reveal that a well-planned educational path, involving professionals in their context, has clear reflexes in the daily classrooms. The research data revealed that the teachers did, in their own way, different didactic transpositions than the ones they studied and experienced in the classroom education.

Keywords: Children's poetry. Continuing education. Literacy. *Ou isto ou aquilo*.

O fato é que meus sonhos permanecem vivos, a força dos meus sonhos me leva dizer a vocês mais uma vez: por favor, não desistam.

Não permitam que esta nova ideologia do fatalismo mate a sua necessidade de *sonhar*. Sem sonhos não há vida, sem sonhos não há seres humanos, sem sonhos não há existência humana.

(FREIRE, 2016, p. 49)

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Professora e Poetisa (Rita Maria de Macedo Araújo - Cabaceiras-PB)	75
Foto 2: Professor e Poeta (Severino Pereira Lacerda – Boa Vista – PB).....	75
Foto 3: Confecção do vestido pelos participantes.....	76
Foto 4: Leitura de poema: “Remorso”, de Olavo Bilac	78
Foto 5: Performance: a importância da entonação e da pontuação.....	80
Foto 6: Reverberação da formação continuada em outras modalidades de ensino.....	81
Foto 7: Prof ^ª . Marta Nóbrega (Contexto Histórico).....	83
Foto 8: Leitura “O último andar”, FM 87,9	85
Foto 9: Leitura de “Cantigas para adormecer Lúlu”	86
Foto 10: Leitura de “Leilão de jardim”	87
Foto 11: Leitura de “Ou isto ou aquilo”	87
Foto 12: Leitura de “Colar de Carolina”	88
Foto 13: Oficina <i>Ou isto ou aquilo</i> : leitura oral no espaço de formação	90
Foto 14: “Café com poesia”, (2º ANO).....	90
Foto 15: Leitura de poesia na formação continuada	91
Foto 16: Poema com fins pedagógicos e ao mesmo tempo datas comemorativas.....	93
Foto 17: Poemas com propósito moralizante	94
Foto 18: Poema no viés literário	94
Foto 19: Turma multisseriada	95
Foto 20: O relógio, de Vinícius de Moraes (2º ano)	98
Foto 21: Poema: dedicado ao dia dos pais (Data comemorativa).....	100
Foto 22: Registro de aula (3º ano).....	101
Foto 23: Aluna do 2º ano, Zona Urbana, atividade de casa	102
Foto 24: Turma multisseriada	103
Foto 25: Turma de 2º ano, campo	104
Foto 26: Poema: “Batatinha aprende a latir”	105
Foto 27: Grupo de Alfabetizadores em rede social.....	107
Foto 28: Leitura de poema no transporte	107
Foto 29: Leitura de poesia infantil na rádio (Turma do campo)	108
Foto 30: Leitura de poesia infantil na rádio (Escola - Urbana).....	108
Foto 31: Leitura no mercado público de Boa Vista	109
Foto 32: Aluno do campo, aulas remotas.....	110

Foto 33: Confeção do “Colar de Carolina”	111
Foto 34: Trabalho com “O colar de Colar de Carolina”	114
Foto 35: Em busca dos elementos naturais para o “Leilão de Jardim” (Parte 1).....	114
Foto 36: Em busca dos elementos naturais para o “Leilão de Jardim” (Parte 2).....	115
Foto 37: Dramatização do “Leilão de jardim”	115
Foto 38: Apresentação de maquete a partir da leitura do “O último andar”	116
Foto 39: 2º ano. Poema: “A casa e seu dono”, Elias José	117
Foto 40: 3º ano. “A casa e seu dono”, de Elias José	118
Foto 41: Leitura e dramatização “O menino Azul”	119
Foto 42: Apresentação da “Bailarina”.....	120
Foto 43: Apresentação do poema “A foca”.....	120
Foto 44: Leitura do poema “O relógio”	121
Foto 45: “Trem de ferro”.....	122
Foto 46: Leitura de poemas realizada pela pesquisadora.....	123
Foto 47: Apresentação do poema “As meninas”.....	124

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Livro didático do SOMA – Língua Portuguesa - PROGRAMA SOMA	26
Imagem 2: “O relógio” Atividade de matemática (I)	99
Imagem 3: “O relógio” Atividade de matemática (II)	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos professores alfabetizadores - Boa Vista-PB.....	64
Gráfico 2: Regime Presencial e Presencial em Regime Especial na formação inicial	66
Gráfico 3: Especialização dos professores	67
Gráfico 4: Tempo de serviço dos professores alfabetizadores – Boa Vista-PB	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cadernos de linguagem (PNAIC)	22
Quadro 2: Categorias temáticas de poemas do livro <i>Ou isto ou aquilo</i>	40
Quadro 3: Categoria de leitura realizada pelos professores	69
Quadro 4: Leitura realizada pelo professor para as crianças.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FORMAÇÃO CONTINUADA DE ALFABETIZADORES	19
1.1 PROGRAMAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE ALFABETIZADORES.....	19
1.2 PROFESSORES, SABERES E PRÁTICAS.....	27
1.3 POESIA INFANTIL E O PAPEL DO MEDIADOR NA FORMAÇÃO CONTINUADA	30
2 OU ISTO OU AQUILO, DE CECÍLIA MEIRELES: TEMAS E VALORES ESTÉTICOS.....	34
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	34
2.2 RECEPÇÃO DO LIVRO PELA CRÍTICA	36
2.3 O LIVRO E SEUS TEMAS	38
2.3.1 Natureza.....	41
2.3.2 Coisas de Criança.....	45
2.3.3 Presença feminina.....	49
2.3.4 Animais.....	52
2.3.5 Temas Diversos.....	55
3 ENCONTROS COM PROFESSORES E FORMAÇÃO CONTINUADA PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	58
3.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	58
3.2 NOSSO PERCURSO METODOLÓGICO	59
3.3 CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA	62
3.4 PROFESSORES ALFABETIZADORES: PERFIL E QUESTIONÁRIOS	63
4 ENCONTRO DE ALFABETIZADORES COM A POESIA	74
4.1 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS	74
4.2 DIÁRIO DE CLASSE	92
4.3 A BUSCA PELA COMPREENSÃO DA NOSSA EXPERIÊNCIA: CATEGORIAS DE ANÁLISE	95

4.3.1 Leitura em voz alta: entre risos e suspiros	96
4.3.2 A busca da livre expressão	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICES	132
APÊNDICE I: PLANO DE AULA PARA NOSSAS EXPERIÊNCIAS COM OFICINAS .	132
ANEXOS.....	141
ANEXO I: POEMAS LIDOS NO PRIMEIRO ENCONTRO	141
ANEXO II: LIVROS DIDÁTICO DO SOMA – LÍNGUA PORTUGUESA: PROGRAMA SOMA.....	144
ANEXO III: LEVANTAMENTO DO ACERVO DE LIVROS OFERECIDOS PELO PNAIC (2014).....	145
ANEXO IV: 1º QUESTIONÁRIO	146
ANEXO V: INFORMAÇÕES SOBRE AS ESCOLAS MUNICIPAIS DE BOA VISTA - PB	148

INTRODUÇÃO

Ao pensar em poesia infantil é inevitável não lembrar o momento da alfabetização mediada pela doce Professora da 1ª série (hoje considerada como 2º ano), Dona Carolina, uma senhorinha que tinha uma voz suave e que, todos os dias, lia um versinho para animar, brincar, cantar, ler por ler. Essa vivência é para ser guardada na memória e compartilhada nas formações de professores até que reverbere nas salas de aula, em diferentes tempos. Se fechar os olhos, consigo “ouvir” o silêncio que a turma fazia e ao mesmo tempo o “barulho” que provocava diferentes sensações quando os poemas eram lidos.

Imbuídos dessas lembranças começamos a refletir sobre o papel da formação continuada, no contexto em que observa-se que a leitura de poemas infantis sempre vem atrelada à pretextos pedagogizantes, associadas ao livro didático, atividade comum e recorrente nessa modalidade de ensino. Essa forma de abordagem sempre inquietava, apesar de considerar viável e pertinente, naquela ocasião, já que não tínhamos conhecimento da prática de leitura literária. Só a partir dos Programas de Formação Continuada advindo da esfera nacional e estadual, compactuada com os municípios, é que passamos a procurar novos conhecimentos, e essa busca nos trouxe até o Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores, culminado nesta dissertação.

Os programas de formação continuada destinados aos professores foram um diferencial nos municípios por possibilitar renovação das práticas a partir de estudos e reflexão. Contudo, ainda está longe de ser o ideal, por motivos distintos. Primeiro a mudança constante no bloco de poder que gera a descontinuidade fragilizando e promovendo a descrença por parte dos envolvidos.

Boa Vista – PB, município que atuo profissionalmente, aderiu aos seguintes Programas de formação continuada de professores: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA); Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e linguagem (Pró-Letramento); Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), mais recente e atuante o Pacto Pela Aprendizagem na Paraíba (SOMA). É oportuno observar que todos os estudos conferidos a esses Programas de formação que estão relacionados à Língua Portuguesa privilegiavam as questões de análise linguístico-textuais com finalidades de formar leitores alfabetizados.

Desse modo, selecionamos como objeto de estudo para essa pesquisa as práticas docentes desenvolvidas no cotidiano da alfabetização, privilegiando a recepção de poemas infantis, a partir do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles (2012). A escolha dessa obra se deu pelo fato do seu valor estético e a abordagem de temas pertinentes ao universo da criança.

Nesse contexto, as questões norteadoras da pesquisa foram as seguintes: As formas de abordagens de poemas, nas práticas docentes no Ciclo de Alfabetização, contribuem para a formação de leitores de poesia? A vivência formativa dos alfabetizadores a partir de poemas de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, poderá ter efeitos na formação leitora das crianças?

Na tentativa de responder as indagações acima, traçamos os objetivos da pesquisa: **Objetivo geral:** analisar as possíveis reverberações das práticas de leituras de poemas em salas de alfabetização a partir de uma experiência de formação continuada com os professores alfabetizadores do Município de Boa Vista – PB; **Objetivos específicos foram os seguintes:** **1.** Contextualizar os encontros de formações continuadas oferecidos aos professores do ciclo de alfabetização e discutir a abordagem predominante nas práticas desses profissionais, quanto ao ensino de poesia infantil; **2.** Refletir, mais detidamente, sobre a obra *Ou isto ou aquilo*, observando os recursos expressivos, estéticos, assim como os temas mais recorrentes nos poemas; **3.** Analisar o processo de transposição da vivência dos poemas infantis do espaço da formação continuada.

Diante da carência de estudos relativos à leitura de poemas infantis no ciclo de alfabetização e também da possibilidade de promover formação continuada voltada aos profissionais dessa modalidade, nossa pesquisa justifica-se pelo fato de favorecer e ampliar as práticas docentes, no que se refere às lacunas deixadas pela graduação. A pesquisa proporcionou o contato com a obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles e outros poemas no espaço de formação que poderão ecoar na sala de aula favorecendo uma experiência literária.

Organizamos nossa pesquisa em quatro capítulos, tendo em vista contemplar os objetivos propostos para esta investigação. No primeiro capítulo, **Formação continuada de alfabetizadores**, calçados por Tardif (2014) sobre os saberes docentes; Imbenón (2004) no que se refere à formação docente, também o pensamento de Freire (1996) e Pinheiro (2018) quanto a poesia e o papel do mediador. Discutimos o funcionamento dessa formação na base, oferecida pelos órgãos governamentais. Apresentamos os *Programas de formação continuada de alfabetizadores* em nosso município a partir de um contexto pactuado com as esferas estaduais e federais. A seguir abordamos a temática sobre *Professores, saberes e*

práticas como questão imprescindível para nossa pesquisa. Por fim, refletimos sobre *Poesia infantil e o papel do mediador na formação continuada*.

O segundo capítulo é uma análise do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles (2012), estivemos pautados em Bordini (1986), que trata da poesia infantil, e nas reflexões de Pinheiro (2018), com propósito de refletir sobre os valores estéticos e constantes temáticas que a obra traz em seu conjunto, desde sua primeira publicação, ainda com a autora em vida, fazendo um breve percurso até os dias atuais. Agrupamos a obra através de categorias que sugerem a diversidade temática e de abordagem de que lança mão a autora. Para uma melhor compreensão desse capítulo, fizemos uma breve retrospectiva histórica a partir da *Contextualização* da obra e, na sequência, apresentamos *O livro e seus temas* organizando em categorias: Natureza, Coisas de Criança, Presença feminina, Animais e Temas Diversos.

Iniciamos o terceiro capítulo, **Encontros com professores e formação continuada procedimentos metodológicos**, delineando os caminhos percorridos durante nosso estudo; nele discorreremos sobre a *Natureza da pesquisa* que é qualitativa, de caráter exploratório abrangendo o levantamento bibliográfico. *Nosso percurso metodológico* está embasado na teoria da recepção de Jauss (1979) e no método recepcional de ensino a partir das ideias de Aguiar e Bordini (1988), que trata da relação participativa do leitor com diferentes textos, e as reflexões teóricas de Pinheiro (2018; 2020). Trouxemos para o debate informações acerca da formação dos professores e de suas práticas voltadas para leitura de poesia em sala de aula. Isso foi complementando com as informações retiradas do Diário de classe dos mesmos. Todos esses pontos corroboraram com análise dos dados despontando nas nossas categorias.

O quarto capítulo denominado **Experimento: encontro de alfabetizadores com a poesia** analisa o experimento de formação continuada realizado através de oficinas, a partir da poesia infantil da obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles e com base nas reflexões de Aguiar e Bordini (1988); Pinheiro (2018; 2020). Elegemos duas categorias para reflexão: **“Leitura em voz alta: entre risos e suspiros”** e **“A busca da livre expressão”**. Essas vivências envolveram cada participante nos encontros propostos por essa pesquisa e as ações que ecoam na sala de aula.

Quando penso na formação do leitor, me vem à mente uma educação de qualidade comprometida com ser humano e voltada para a sensibilidade do outro e de si. Acredito que encontramos na poesia, especialmente a infantil, caminhos possíveis para que o leitor mirim consiga desenvolver o gosto pela leitura. Para tanto, consideramos imprescindível a formação continuada dos professores, visando amenizar a ausência de conhecimentos que não foram proporcionados pela graduação.

Com base no que foi exposto, em nossas considerações finais refletimos sobre as contribuições do experimento realizado, observando de que modo os saberes adquiridos reverberaram nas salas de aula dos professores envolvidos.

1 FORMAÇÃO CONTINUADA DE ALFABETIZADORES

Para melhor entender o percurso de nosso capítulo apresentamos os Programas de Formação Continuada de Alfabetizadores a partir da esfera nacional e estadual, que subsidiaram o município desta pesquisa até os dias atuais. Por fim, refletiremos sobre a Poesia infantil e o papel do mediador na formação continuada.

1.1 Programas de formação continuada de alfabetizadores

O ensino brasileiro historicamente vem sendo foco de reflexões, discussões e inquietações nas pautas das universidades, das políticas públicas e dos profissionais que atuam diretamente no processo de formação, ensino e aprendizagem. Numa tentativa de melhorar o quadro atual da educação, que atravessa grandes insucessos comprovados pelos baixos índices de aprendizagem, expressos através do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) do nosso país. O Governo Federal em parceria com os Estados e Municípios, promoveu formação continuada, nas últimas décadas, sobretudo para os anos iniciais, nas áreas de Linguagem e Matemática, evidenciando a ideia de ensino a partir da prática social interativa, a exemplo, de programas como o PNAIC (2012-2018). Esta perspectiva articula-se ao pensamento de Tardif (2014) que afirma:

Com essa ideia de trabalho interativo, procuro compreender as características da interação humana que marcam o saber dos atores que atuam juntos, como os professores com seus alunos numa sala de aula. A questão do saber está ligada, assim, a dos poderes e regras mobilizados pelos atores sociais na interação concreta. (TARDIF, 2014, p. 22).

É nessa perspectiva que ocorreram os vários programas de formação continuada, subsidiados por esferas nacionais e estaduais a exemplo do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA); Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem (Pró-Letramento); Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), mais recente e atuante o Pacto Pela Aprendizagem na Paraíba (SOMA), com professores/alfabetizadores.

Estudiosos definem a formação continuada de professores sob diferentes prismas, mas todas convergem para uma perspectiva de encontro de saberes, conforme Tardif (2014).

É através das relações com os pares e, portanto, através do confronto entre os saberes produzidos pela experiência coletiva dos professores, que os saberes

experienciais adquirem uma certa objetividade: as certezas subjetivas devem ser, então, sistematizadas a fim de se transformarem num discurso da experiência capaz de informar ou de formar outros docentes e de fornecer uma resposta a seus problemas. (TARDIF, 2014, p. 52).

A formação, portanto, é um encontro de saberes, vivências com pessoas que fazem parte do mesmo grupo, e também de troca de experiências em torno de atividades profissionais desenvolvidas pelos professores.

Imbernón (2004) defende a mesma ideia de Tardif (2014): “Mas a principal contribuição desse modelo é que, quando os professores trabalham juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso os leva a compartilhar evidências, informações e a buscar soluções” (IMBERNÓN, 2004, p. 76).

É nesse contexto, que conseguimos perceber a semelhança entre as ideias dos autores acima citados, no que se refere à formação continuada dos professores. No entanto, para enriquecer ainda mais, essa discussão, lançamos mão das ideias de Favero; Tonieto (2010) que afirma.

É comum que professores e dirigentes educacionais partilhem a concepção de que formação continuada é participar de cursos, seminários, eventos, palestra e coisas do gênero. O processo envolve tais atividades, mas não apenas elas. Um trabalho sério e comprometido de formação continuada é aquele capaz de ajudar o professor a produzir o seu próprio conhecimento, levando em consideração o seu contexto de ação, ou seja, a escola e a sala de aula. (FAVERO; TONIETO, 2010, p. 57).

Essa perspectiva de compreensão do processo de formação, por outro lado, demanda um tipo de prática interativa, cada vez menos “bancária”, para usar a expressão de Paulo Freire.

Boa Vista – PB¹ aderiu a todos esses programas em tempos diferentes, com destaque para PNAIC que mais se aproximou e envolveu os professores alfabetizadores desse município. Podemos relacionar esse fato pelas condições dispensadas durante sua realização, como: formação em serviço, disponibilização de material de estudo e incentivo financeiro através de uma bolsa aos coordenadores, formadores e alfabetizadores.

Os encontros de formação do PNAIC aconteciam aos sábados nos turnos manhã e tarde, de acordo com o calendário proposto pela equipe de formação nacional e estadual,

¹ Boa Vista- PB encontra-se localizado no cariri paraibano com aproximadamente 6.227 habitantes (IBGE 2010), é destaque na Paraíba estar sempre acima da média nacional (5ºano) nas avaliações do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) desde a primeira participação, estando em lugar confortável nos últimos resultados no Ensino Fundamental I, também apresentou desempenho satisfatório na Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), que lhe conferiu o segundo lugar, entre os duzentos e vinte e três municípios paraibanos.

abordando temáticas previamente estabelecidas nos cadernos de estudos. O trabalho formativo inicialmente foi oferecido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, posteriormente, seguiu com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB); instituição que passou a subsidiar as formações continuada de professores na Paraíba pelo SOMA, programa do governo do estado em parceria com os municípios pactuados², sendo repassado aos professores pelos formadores municipais³ em suas respectivas cidades.

Um dos pontos principais do PNAIC consistia nos cadernos de estudos que foram produzidos e distribuídos para os formadores e professores em todo país. Durante o percurso formativo, levou-se em consideração o espaço garantido para leitura e reflexão desses materiais pelos profissionais, embora de forma “limitada”, pois o tempo sempre foi considerado insatisfatório pelos participantes.

Em Boa Vista-PB, o grupo dos alfabetizadores inseridos na primeira etapa da formação continuada seguiu em todas as fases subsequentes do programa, sem haver muita rotatividade para outras modalidades de ensino, só em casos específicos de saúde e de licença concedida por direitos adquiridos.

A formação do PNAIC era traçada a partir dos cadernos de formação que funcionavam como espécie de bloco de estudos. Inicialmente estavam voltados apenas para linguagem, depois matemática, e em seguida outras disciplinas. É importante salientar que as unidades de estudo tinham um material direcionado às escolas do campo, porém com as mesmas temáticas dos demais cadernos. Contudo, esse material de estudo fazia referência à peculiaridade do campo, a linguagem, as sementes, as atividades agrícolas e outros aspectos.

O quadro referente às questões de língua portuguesa apresenta as peculiaridades de cada unidade, evidenciando no quadro a seguir:

² Dos duzentos e vinte e três municípios da Paraíba, apenas quatro não compactuaram com o Programa SOMA. A saber: João Pessoa, Campina Grande, Guarabira e Serra Grande.

³ Professor formador indicado (a) pela Secretaria de Educação do município, função desenvolvida por mim de 2017 a 2020.

Quadro 1: Cadernos de linguagem - (PNAIC)

UNIDADES DE ENSINO	TÍTULO DOS CADERNOS	UM DOS ITENS DO COMPARTILHANDO
UNIDADE 01	Currículo na alfabetização: concepções e princípios	Aparecem os Direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização – Língua Portuguesa
UNIDADE 02	Planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa	Direitos de aprendizagem em História no ciclo de alfabetização.
UNIDADE 03	A aprendizagem do sistema de escrita alfabética.	Trabalhando as atividades do livro didático em sala de aula.
UNIDADE 04	Ludicidade na sala de aula	Direitos de aprendizagem de matemática.
UNIDADE 05	Os diferentes textos em salas de alfabetização.	Direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização – Ciências. Direitos de Aprendizagem no ciclo de alfabetização – Geografia
UNIDADE 06	Planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento projetos didáticos e sequências didáticas.	Projeto Didático: Os nomes e perfis dos animais de estimação. Sequência Didática: Conhecendo Aves.
UNIDADE 07	Alfabetização para todos: diferentes percursos, direitos iguais.	Direitos de aprendizagem: componente curricular Arte.
UNIDADE 08	Organização do trabalho docente para promoção da aprendizagem	Relato de experiência sobre a atividade de planejamento da avaliação como forma de monitoramento das aprendizagens.

Fonte: Arquivo do PNAIC, no município de Boa Vista – PB (2019).

Os alfabetizadores tinham os cadernos de formação impressos, para acompanhamento dos estudos e hoje esse material está disponível em alguns sites.

Nesses materiais foram apresentados os Direitos de aprendizagem do ciclo de alfabetização, que colaboraram diretamente com o processo formativo do PNAIC e que norteia todos os parâmetros referentes a essa modalidade até os dias atuais.

Levando em consideração que o município ainda não tem o seu próprio documento orientador do currículo, os Direitos de aprendizagem configuraram uma referência importante para seguir com as propostas de trabalho delineadas para uso exclusivo do ciclo de alfabetização. Nos encontros formativos realizados no nosso município, os professores, vez

por outra, se colocavam sobre esse norte específico, para essa etapa de ensino, “como se ‘todos’ naquele momento falassem a mesma língua no país”, a partir da proposta do PNAIC, como podemos conferir a seguir:

São descritos direitos de aprendizagem gerais, que permeiam toda a ação pedagógica e depois são expostos quadros com conhecimentos e capacidades específicos organizados por eixo de ensino da Língua Portuguesa: Leitura, Produção de textos Escritos, Oralidade, Análise Linguística. O eixo Análise Linguística foi dividido em dois quadros, com o objetivo de destacar as especificidades do ensino do Sistema de Escrita Alfabética, necessário para que as crianças tenham autonomia na leitura e produção de textos, separando tais direitos de outros aspectos da análise linguística, também fundamentais para a ampliação das capacidades para lidar com as situações de produção e compreensão de textos orais e escritos (BRASIL, 2012, p. 31).

Nesse contexto, a formação continuada trouxe contribuição importante para as práticas pedagógicas, com reflexões, ponderações por parte dos docentes. O programa sugeriu a organização do trabalho pedagógico a partir de projetos didáticos e sequência didática, promovendo a participação das crianças nas dimensões do lúdico e do artístico, e também a organização metodológica de planejar as aulas nas mais diferentes áreas em que atuam. Associamos essa discussão às considerações de Brandão, Selva e Coutinho (2006) quando evidenciam o que faz parte de qualquer projeto didático a leitura de diferentes gêneros. Para as autoras,

Independentemente da(s) áreas de conhecimento que venha(m) a ser prioritariamente enfocada (s) no projeto (Ciências Naturais, Artes, História, Língua Portuguesa, etc.), a leitura de textos de diferentes gêneros está frequentemente presente em projetos didáticos de qualquer natureza (BRANDÃO; SELVA; COUTINHO, 2006, p. 117).

O planejamento para elaboração e cumprimento das atividades a partir da proposta de projetos pedagógicos, perpassa pela definição de leitura, tempo de atividade, conteúdo, espaço e culminância, tudo isso arrolado com a colaboração dos discentes, docentes e equipe de coordenação pedagógica durante todo processo. É válido salientar que essa estratégia não conseguiu atrair todos os professores naquele momento.

Destarte, durante o nosso acompanhamento pedagógico, e também em conversa com os professores, percebemos que alguns desses profissionais apresentavam certa resistência ao formato de planejamento mais sistematizado tornando-os um pouco distante do molde de trabalho com projeto pedagógico e sequência didática. Acreditamos que essa atitude ocorreu pelo fato de não haver uma prática constante de registro escrito anteriormente à formação do PNAIC. Foi a partir de muito estudo, reflexão e encaminhamento que conseguimos adesão de

todos. Desse modo, os projetos passaram a fazer parte do calendário municipal com datas previamente estabelecidas.

O PNAIC e outros programas formativos, apesar do que foi dito, se esvaziaram pela fragilidade que as políticas de formação continuada apresentaram com as mudanças de governos gerando descontinuidades. Para exemplificar, lembramos que em um momento temos o PROFA, depois Pró-Letramento e outros, sempre extintos e sem retorno. Isso porque, com as mudanças de governo, surgem outros programas gerenciados pelo grupo que está no poder. O mais recente, e que faz parte do governo atual em nível nacional, é denominado “Tempo de Aprender”, que não apresentou/propôs nenhuma formação até o momento.

Ainda nesse contexto, é importante salientar o fato de que a política de formação continuada sempre vem no formato engessado, com propostas sistematizadas, prontas para que os multiplicadores reproduzam em seus respectivos municípios, até que consiga chegar às salas de aula, sem abertura para criar e recriar. Isso não se adequa ao PNAIC que, dentre outros programas nacionais, se apresentava num formato menos diretivo o que convidava a possibilidades de imaginação e criação das equipes locais. Alguns programas induzem, em certa medida, que as redes inseridas nesse processo fiquem presas ou viciadas aos programas de formação vindo das esferas estaduais ou federais, sendo incapazes de manter ou proporcionar o processo de formação continuada dos professores em nível municipal. Isso porque não depende apenas de estratégias pedagógicas, mas há toda uma questão de gestão financeira e administrativa.

É importante salientar que os encontros de formação, apesar de diferentes vertentes, favorecem as trocas de experiências a partir das práticas docentes realizadas no cotidiano escolar, como bem lembra Tardif (2014),

[...] Cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos “macetes”, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula, etc. Além disso, eles também trocam informações sobre os alunos. Em suma, eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação (TARDIF, 2014, p. 52-53).

As relações de troca de experiências referenciadas por Tardif (2014) retratam parte das práticas acontecidas durante o PNAIC. É nesse contexto que nos lembramos do “Cantinho de leitura” e enfatizamos sua importância para nosso município, pelo fato de que os professores, muitas vezes, não tinham acesso aos livros de literatura, ficando à mercê, apenas dos livros didáticos e xerox. Temos consciência de que esse espaço (cantinho de leitura) nunca foi o

ideal, mas a partir dele é que conseguimos aproximar os livros a sala de aula de alfabetização em nosso município, e suscitar desejo de procurar livros que não faziam parte do programa, mas existiam na secretaria ou na “biblioteca” que não tinham uso até aquele momento.

O programa PNAIC nos municípios sempre teve uma ampla visibilidade, sobretudo, no encerramento de suas atividades, com um seminário local, em que havia apresentações de práticas pedagógicas realizadas em suas respectivas salas. Nesse dia todos os alfabetizadores participavam, seja pela categoria oral ou por meio de banner, apresentando suas propostas de trabalho. O evento em questão movimentava todos os envolvidos do ciclo de alfabetização, sendo considerado pelos professores uma ação festiva no âmbito educacional. Igualmente havia o seminário final em nível estadual; nesse caso, os municípios enviavam o formador local que também apresentava uma prática considerada exitosa em seu município; o coordenador do programa e o secretário (a) de educação, para compartilhar os trabalhos que foram realizados em suas respectivas cidades.

Diante desse contexto, indagamos: por que o programa de formação continuada, que chegou tão perto da realidade dos alfabetizadores, que mobilizou, instigou, proporcionou condições dos profissionais dessa modalidade estudarem em seu local de trabalho, não teve continuidade? O que faltou?

Olhando pelo âmbito nacional, talvez as reverberações, na maioria dos municípios, não aconteciam conforme a proposta do programa, já que na formação dos formadores em nível estadual, tínhamos depoimentos de professores que foram enviados para ser formador e repassar as “instruções”. No entanto, esses permaneciam em sala de aula, sem condições de acompanhar e ajudar quando e, se necessário, o trabalho dos demais professores, que ficaram em seus municípios. A falta de apoio de algumas secretarias de educação que julgavam ser um trabalho a mais e desnecessário, pode contribuir para os desgastes dos programas de formação e conseqüentemente colocar em risco a credibilidade dos mesmos.

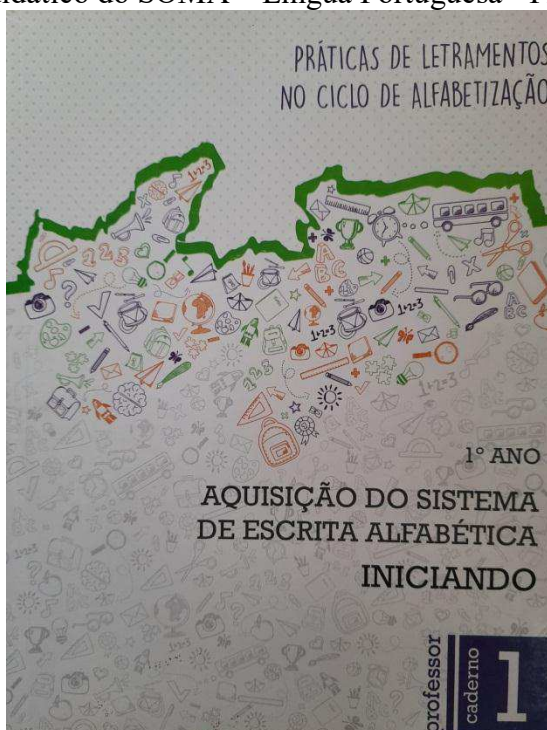
A pouca cultura de formação continuada e de reflexão sobre as práticas pedagógicas de muitas redes de educação, pode ter influenciado na não consolidação da modalidade formativa na proposta do PNAIC e tantos outros programas.

Em Boa Vista, os impactos dessas formações foram positivos, pois passamos a querer mais conhecimentos, tivemos resultados satisfatórios acima da média nacional, nas avaliações estandardizadas, e também se passou a buscar novas propostas de trabalho voltadas para o coletivo através de formação. Somando-se a isto, o interesse por essa pesquisa nasce nessa época, pois foi movimentado e despertado a partir de novas leituras, sobretudo, no contexto literário.

Com o fim do PNAIC, em 2018, na Paraíba ficamos amparados pelo SOMA, subsidiados pela UFPB no que se refere à formação continuada para os alfabetizadores, estendendo para o 5º ano do ensino fundamental. Esse programa segue a mesma linha formativa do seu precedente, mantendo a área de matemática e linguagem, sendo repassada para os respectivos municípios, estando em consonância com o Plano Nacional da Educação (PNE) 2014, conforme a Meta 16, ao afirmar que é preciso “garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.” (BRASIL, 2014, p. 25).

O Estado da Paraíba disponibilizou livros didáticos de língua portuguesa e matemática para o ciclo de alfabetização, elaborados e distribuídos pela UFPB a todas as cidades que estão pactuadas com o programa, porém com números insuficientes para atender todas as crianças devidamente matriculadas nesse ciclo e atendidas pelo programa.

Imagem 1: Livro didático do SOMA – Língua Portuguesa - PROGRAMA SOMA



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A Imagem 1 é da capa do livro didático que corresponde ao 1º ano do ciclo de alfabetização, demonstrando uma relação com os eixos de ensino da Língua Portuguesa, assim como os livros do 2º e 3ª anos da mesma modalidade. Os livros, do ponto de vista de alfabetização, conquistaram os professores, pois vieram dentro da proposta dos Direitos de aprendizagem. Porém em relação à leitura literária, ainda persistiam propostas pragmáticas,

apesar de incluírem poemas infantis de valor estético, a exemplo dos que estão incluídos nos livros *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles e *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes.

Os livros didáticos a que nos referimos trazem pelo menos um poema, mas não foram utilizados na formação estadual. Tivemos como proposta de trabalho o material citado, e também a sequência didática que permeou o PNAIC e seguiu com o SOMA até o primeiro semestre do ano (2020), quando a equipe da UFPB esteve presente na orientação e organização de ambos os programas e colaborou positivamente com os resultados mais recentes da avaliação do IDEB em todas as cidades pactuadas na Paraíba.

Em ambos os programas observamos a ausência, que ainda prevalece, de uma visita/acompanhamento dos formadores estaduais, em nosso município, para uma reflexão mais próxima do desenvolvimento do trabalho realizado na base. O programa SOMA segue na Paraíba com um bom propósito, mas em Boa Vista a experiência com o PNAIC teve maior relevância até o momento.

É pertinente evidenciar a importância que os programas formativos têm no desempenho das práticas desenvolvidas pelos professores, sobretudo, no âmbito municipal que é tão carente de formação continuada, mesmo com muitos acertos a serem conquistados.

Seguiremos no próximo subtópico abordando os saberes dos professores aliados às práticas de ensino.

1.2 Professores, saberes e práticas

O professor é um grande protagonista na formação dos sujeitos. É um profissional cuja ação favorece a mediação no processo formativo relacionado à aquisição de leitura, escrita, apropriação dos direitos de aprendizagem, experiência docente na educação básica, no ensino profissionalizante ou superior. Esse agente de conhecimento também é reconhecido como educador e tem papel fundamental na sociedade, como elucida Freire (1996)

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. [...] O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo (FREIRE, 1996, p. 14).

Apesar do importante papel social do professor, nas mais diferentes sociedades, sempre colaborando com a socialização humana na mediação dos conhecimentos que potencializam a criticidade dos sujeitos e também contribui para qualificação e inserção no mercado de trabalho, esse profissional, muitas vezes, não é reconhecido ou valorizado na sociedade na qual está inserido.

Na trajetória enquanto discente, temos experiências com diferentes docentes, algumas bem sucedidas que nos impulsionam a acreditar em nosso potencial e prosseguir com nossos estudos, superando os desafios que assolam a caminhada estudantil. Um gesto, um olhar sensível ou mão estendida de um professor na sala de aula faz toda diferença na vida dos estudantes, como podemos conferir com uma experiência de Freire (1996):

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando meu texto, sem dizer palavras, balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que não seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se estivesse sido testemunhado hoje (FREIRE, 1996, p. 19).

O gesto humanizador ou autoritário, enquanto educador, pode revelar quais os posicionamentos políticos e as correntes teóricas que subsidiam as práticas de ensino em sala de aula.

A formação inicial em nível de graduação é de suma importância na construção de saberes docente, mas ainda é limitada e faz-se necessário à sua continuidade em serviço com seus pares, como afirma Wideen (1998 *apud* TARDIF, 2014),

Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana (WIDEEN, 1996 *apud* TARDIF, 2014, p. 270).

Contudo, muitas vezes, a prática cotidiana não corresponde ao que é desenvolvido nos cursos de formação acadêmica, havendo um desencontro com a teoria. Assim, as atividades

propostas no ambiente de ensino precisam aprimorar seus conhecimentos a partir de diferentes experiências.

Os saberes dos professores no campo formativo e de experiências adquiridas no trabalho sempre estão mediados pelas relações das teorias e práticas. Isso significa que ambos são importantes e devem convergir para um diálogo onde favoreçam a qualificação desses profissionais como técnico conhecedor de seu ofício, e, sobretudo, como facilitador de aprendizagem, capaz de promover ações reflexivas, cooperativas e participativas dos e com os seus alunos.

Quando o professor recém-formado chega à escola para desenvolver sua prática docente, encontram situações desafiadoras e, na maioria das vezes, provocadoras, como: currículo engessado; trabalho desenvolvido apenas na teoria tradicional, com a escassez de condições de diálogos no ambiente; colegas de trabalho “dono e senhor” do conhecimento. Por outro lado, também encontra pessoas que acolhem, informam, incluem e socializam as experiências vividas pelo grupo.

Nesse contexto, saberes como: experiencial, curricular, disciplinar, profissional e também cultural (TARDIF, 2014) são expressamente necessários no cenário da educação, do ponto de vista da articulação entre os diferentes conhecimentos, que servem de base para desempenhar sua profissão.

Vivências positivas e negativas podem configurar no conhecimento plural por meio da experimentação, segundo Tardif (2014),

Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2014, p. 36).

Essa discussão firmada pelo autor nos permite refletir que, nem um saber sobressai a outro, mas todos precisam confluir para abordagens colaborativas que se bem fundamentadas teórica e conceitualmente poderão favorecer política danosa, que impedem os sujeitos em seu ofício de lutar pelos seus direitos e condições digna de trabalho.

O professor ao adquirir conhecimentos formativos advindos das disciplinas oferecidas pelas instituições de ensino, com base nos conteúdos e métodos preestabelecidos nas formações, e, sobretudo, mobilizados pelo saber social e de grupos, passa a vivenciar práticas com mais competência no que se refere ao seu ofício, e também as habilidades humanas, conforme afirma Freire (1996).

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante (FREIRE, 1996, p. 38, grifo do autor).

O autor sugere reflexões sobre as práticas docentes a partir do ponto de vista dos saberes das experiências humanas, apresentando a conscientização como objetivo primordial no cenário da educação, o que constitui em provocação frequente de atitudes críticas e mais humanizadas nos alunos, contribuindo com toda e qualquer ação docente. Prosseguimos refletindo sobre o papel do mediador na formação continuada e a poesia infantil.

1. 3 Poesia infantil e o papel do mediador na formação continuada

Atualmente temos visto muitos eventos voltados à leitura como: feira literária, congresso, palestras e encontros que colaboram com o incentivo para práticas de leitura. Contudo, ainda não chegamos ao patamar de um país considerado de leitores. Pensando nesse cenário, refletiremos sobre o papel do professor mediador no contexto da literatura a partir da poesia infantil na formação continuada de docentes.

É comum escutarmos falar de mediação no ambiente de ensino de literatura, contudo, nesta pesquisa, abordaremos, especificamente, o professor enquanto mediador de leitura de poesia para crianças, sem determo-nos, assim, em outros profissionais que também exercem tal função, dentre os quais, os contadores de história, bibliotecários/as, pessoas que trabalham em livraria, dentre outros.

Seguimos refletindo sobre o papel do mediador ancorados nos princípios sociointeracionistas vygotskyanos, por considerar a educação como prática de intervenção na realidade social, como aborda Rego no estudo sobre Vygotsky (2001). As interações são necessárias nas práticas de abordagens no ensino/aprendizagem dos poemas infantis, e a mediação também tem importante papel na formação do leitor no ciclo de alfabetização.

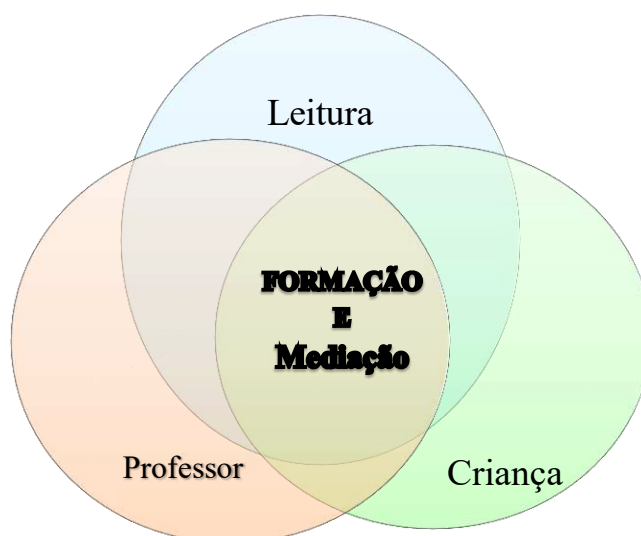
Nesse sentido, a vivência literária é construída no contexto sócio histórico e também cultural do indivíduo. Por isso, é importante sublinhar que,

A partir de sua inserção num dado contexto cultural, de sua interação com membros de seu grupo e de sua participação em práticas sociais

historicamente construídas, a criança incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas na experiência humana (REGO, 1996, p. 55).

Dessa forma, o encontro entre a poesia infantil e a criança acontece a partir de experiências com seus pares e grupos de convivência. Acreditamos que o papel do mediador aqui referido é de articular as relações que permeiam o leitor mirim, a leitura e seu professor no cotidiano escolar. A formação continuada poderá potencializar esse encontro com a poesia. Podemos representar através de o diagrama, a seguir, o ponto de encontro, que denominamos aqui de mediação.

Diagrama 1. Mediação de leitura na formação do professor



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Essa organização demonstra que o entrelaçamento ocorrido dentre as categorias (criança, professor, leitura e formação) converge para mediação entre todas elas. Contudo, para que a prática do professor enquanto mediador literário seja significativa, é essencial que ele goste de livros, igualmente tenha uma vivência efetiva e afetiva com a leitura. É o que argumenta Pinheiro (2018) ao afirmar que:

A primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor com uma experiência significativa de leitura. [...] Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale apenas, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia (PINHEIRO, 2018, p. 22).

Desse modo, acreditamos que a convivência do professor com a leitura acontece quase que isolada no espaço escolar, cada um com suas experiências adquiridas através de sua história cultural e particular, passando a ser considerada uma prática quase solitária no contexto de ensino. É importante lembrar que ser leitor também é uma escolha e essa acontece quando se têm possibilidades. Portanto, talvez alguns professores não tenham tido condições adequadas de acesso a livros, uma vez que a nossa realidade é muito complexa e dificulta o contato desse profissional com a leitura.

Por isso, é importante que aconteça a mediação de leitura de poemas, dentro do espaço de formação continuada, pois a interação, a troca de experiência, compartilhamento de leituras entre seus pares e planejamento são itens pertinentes e necessários para ecoar na sala de aula, favorecendo o conhecimento sobre as obras literárias (poética ou narrativa). Desse modo, é preciso “Compreender a questão da mediação, que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens” (REGO, 2001, p. 109).

O professor mediador articula, propõe, reflete e interage com criança partindo da abordagem de leitura que fora escolhida; ele precisa considerar em seu plano de trabalho o horizonte de expectativa do leitor, a importância de ler e reler o poema várias vezes, em voz alta, e também de ver e ouvir a impressão e expressão da criança sobre a leitura.

Desse modo, chamamos a atenção para a importância de planejar levando em consideração a escolha do texto, da obra poética ou narrativa, do grupo que está inserido (idade, série), do tempo de atividades, da metodologia, do espaço e da flexibilidade durante todo processo. Esses aspectos precisam caminhar juntos, para que aconteça uma boa mediação. Do contrário, “Se alguém tomar algumas sugestões de forma mecânica, sem envolvimento, sem convivência com os poemas e com a poesia em geral, terá grandes chances de não envolver os alunos”. (PINHEIRO, 2018, p. 9). Isso pode limitar o gosto da criança pela leitura.

A escolha de livros e a apreciação da obra, quanto ao valor estético, é também um fator imprescindível para que o mediador consiga realizar um trabalho satisfatório na sala de aula. Pois, só “através da experiência estética, o pequeno leitor aprende a ordenar seu mundo interno e a projetar valores a partir de um confronto ético-estético com o real, o fictício e o imaginário”. (AGUIAR, 2001, p. 160).

Os livros quando acessados têm um poder de transformar nossos pensamentos, de levar a lugares nunca antes habitados, transporta-nos para tempos diferentes. Também ajudam a refletir sobre os conflitos existentes no cotidiano. Tudo isso liberta e poderá nos transformar em uma pessoa mais sensível consigo e com o outro. Dito isto, nos reportamos ao pensamento

de que “[...] a literatura infantil e a poesia, em especial, por extensão mais breve, será adonada pela escola como meio didático que fala à sensibilidade e não apenas ao intelecto.” (BORDINI, 1986, p. 50). Sabemos, pois, que a escola é um espaço privilegiado para o contato da criança com a leitura de poemas infantis no contexto literário. Portanto, cabe ao professor mediador traçar caminhos com estratégias diferenciadas para favorecer o leitor o gosto pela leitura.

Para mediar, alguns alfabetizadores usam como estratégia a roda de leitura. Os professores elegem contos, fábulas, parlenda, trava-língua e poemas para serem lidos em dias diferentes. Outros compartilham da “sacola” ou “mala” de leitura, que são enviadas para ler em casa com a família. Nas diferentes situações vinham sempre acompanhadas de uma atividade para “compreensão da leitura” entre outros pretextos.

Convém lembrar que o leitor experiente ao ler ou compartilhar uma obra/texto faça-o com prazer, e também esteja aberto para opiniões divergentes das suas. Nesse percurso, cabe ao professor mediador levar o estudante a refletir, voltar ao texto quantas vezes for necessária, favorecendo o encontro do leitor com o texto.

Para ser um bom mediador é preciso estudar e estar sempre em contato com a leitura. Contudo, existem muitos desafios que impedem ou limitam esse profissional de se tornar um mediador com qualidade. Um exemplo é a ausência de disponibilidades de tempo e espaço no ambiente de ensino, para que o docente possa ler e conhecer novos livros na escola em que trabalha. Na tentativa de mudar esse paradigma, é importante que aconteça um trabalho com parceria envolvendo a Secretaria de Educação, coordenadores pedagógicos, gestores e família. Destarte, proporcionar e garantir a formação continuada levando conhecimentos que não foram adquiridos na graduação e trocas de experiências. É relevante que os gestores municipais e estaduais colaborem também com aquisição de livros escolhidos pelos professores. Também é muito importante a abertura ao outro, empatia no processo formativo do leitor. Sem abertura ao outro não se faz mediação, não se estabelece o diálogo.

No próximo capítulo nos deteremos na reflexão sobre o livro *Ou isto ou aquilo*, que foi a obra que serviu de base para nosso experimento de formação continuada com a poesia infantil.

2 *OU ISTO OU AQUILO*, DE CECÍLIA MEIRELES: TEMAS E VALORES ESTÉTICOS

Ah, tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda...tu, sim és um livro infantil, o teu prestígio será, na verdade, imortal (MEIRELES, 1979, p. 28).

Neste capítulo analisaremos o livro intitulado *Ou isto ou aquilo*, da edição 2012, com foco no valor estético e aspectos temáticos da obra. Faremos uma breve apresentação do percurso que compreende desde a primeira publicação até a mais recente. Lançaremos mão a partir de um quadro de categorias temáticas para agrupar os poemas existentes na obra.

2.1 Contextualização

Ao longo dos 55 anos, desde sua primeira publicação, o livro *Ou isto ou aquilo* permanece proporcionando aos leitores uma viagem cheia de emoções e fantasias. A primeira edição desta obra foi ilustrada por Maria Bonomi e publicada pela Editora Giroflé no ano de 1964, com 20⁴ poemas, a única com a autora em vida. Conforme Camargo (1989) a segunda edição foi publicada em 1969 pela Editora Melhoramentos, agregando mais 36 poemas, com ilustrações de Rosa Frisoni. Além disso, nessa publicação, o título também apresenta uma alteração, a saber, “Poesia: Ou isto ou aquilo & inéditos”.

A terceira edição de 1981 teve por ilustradora Eleonara Affonso e foi publicada pela Editora Civilização Brasileira. Na edição publicada no ano de 1987, pela Editora Nova Fronteira, é a única vez em que o poema “Ou isto ou aquilo” aparece iniciando a coletânea. As ilustrações são de Fernanda Correia Dias, neta da poetisa. A edição publicada também pela Nova Fronteira, em 1990, foi ilustrada por Beatriz Berman. É importante frisar que, em 1993, os poemas da obra *Ou isto ou aquilo* foram inseridos em “Poesia Completa”, pela Editora Nova Aguilar, com xilogravuras feitas por Graciela Fuensalida. Não há imagens transitando entre os poemas, no decorrer da obra. A edição publicada no ano de 2002 foi ilustrada por Thais Linhares, e é dividida em duas partes, a primeira composta por 20 poemas, que provavelmente são os que constituíram a edição de 1964; a segunda parte apresenta 36 poemas inseridos na segunda edição e que permaneceram nas demais.

A mais nova edição de *Ou isto ou aquilo*, de 2012, pela Editora Global, é constituída por 56 poemas e foi organizada por Walmir Ayala e ilustrada por Odilon Moraes. Estas várias

⁴ Esta informação foi extraída da dissertação de Luís Camargo, (1989).

publicações atestam a constante recepção da obra por leitores, os mais diversos: crianças, adultos e críticos.

Trata-se, portanto, de um livro de poemas que parecem ter sido escolhidos cuidadosamente, pela forma como cada palavra foi escrita. No que se refere à divulgação da obra no contexto de ensino, a mais recente edição publicada em 2012 foi distribuída às salas de aula das turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental das escolas da rede pública em todo país, pela Secretaria de Educação Básica, através do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD via PNAIC (2014).

É possível perceber, na obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, uma forma inovadora e comunicativa, ou seja, os poemas estão conectados de algum modo aos horizontes de expectativas do universo infantil, pela musicalidade, ritmo, humor, pelo que se pode denominar de valor estético presente em todo livro. São recorrentes na obra a retomada de cantigas de embalar, já que “As cantigas de embalar são um dos motivos mais belos de ternura humana” (MEIRELES, 2017, p. 82). Desse modo, seus poemas, por meio das associações sonoras e musicalidade, conseguem organizar um jogo de sentidos, que envolve a criança leitora. Os poemas infantis presentes no livro de Cecília Meireles são compostos por meio de jogos sonoros, ilogismo e da simplicidade da sintaxe poética na percepção do mundo infantil.

A poesia infantil passa por diferentes contextos, ao longo da história, em espaços distintos. Segundo Bordini (1986):

A poesia infantil segue, historicamente, três caminhos divergentes. No seu nascedouro, enquanto gênero para crianças, no século XVIII, com as mudanças ocorridas na noção de infância como estágio de formação para a vida, ou a própria criações folclóricas de origem camponesa, circulantes desde a Idade Média indiferenciadamente entre adultos e crianças, ou verseja conforme o estilo poético vigente sobre o dever-se infantil [...]. (BORDINI, 1986, p. 9).

Os diferentes contextos históricos que a poesia infantil percorre, apresentam construção diferenciada e importante no processo de formação do leitor.

O livro *Ou isto ou aquilo* resistiu ao tempo e vem conquistando o espaço escolar no decorrer da história, desde sua publicação. A diversidade de temas abordados nele aparece sempre de modo lúdico (jogo de palavras, de sons) riquezas de imagens poéticas, de humor e imaginação fazem com que essa obra se destaque na poesia infantil brasileira. Portanto, trabalhar com o livro completo de poesia em sala de aula é possível e viável, segundo Pinheiro, (2018, p. 57). “[...] Desde cedo é possível trabalhar com livros inteiros, de um

mesmo poeta ou poetisa [...]”. O livro de poemas é um instrumento importantíssimo, no que concerne ao contato da criança com a obra, favorecendo o primeiro encontro do leitor com a poesia nas salas de alfabetização.

Refletiremos a seguir sobre a recepção da crítica frente à obra em estudo.

2.2 Recepção do livro pela crítica

O livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, tem sido aclamado e comentado por diferentes leitores, escritores, estudiosos, poetas que tecem sua crítica com elevado nível de compreensão. No geral, os críticos destacam que esta obra tem despertado, ao longo dos anos, o gosto pela leitura não apenas do público infantil, além de evidenciarem, com diferentes elogios, a qualidade estética e os aspectos temáticos da referida obra. Ainda no ano da primeira publicação, em 10 de julho de 1964, em uma crônica publicada no “Correio da Manhã” por Carlos Drummond de Andrade, ele discorda quanto ao público que a obra se destina: “crianças, apenas? Tenho para mim que adultos se encantarão com este livro novo que não é para eles” (p. 6, 1º Caderno); e completou sua análise afirmando: “encontro do pequeno com a poesia: sorte dos garotos que toparem com essa caixa de surpresas. [...] Não sei se passo o livrinho ao pessoal miúdo da minha roda ou se fico com ele para mim”.

Mesmo diante das marcas da linguagem infantil, nos poemas de Cecília, Azevedo Filho (1970), em reflexão sobre a referida obra, afirma que essa também traz uma mensagem para os adultos, pois os poemas são escritos numa linguagem plurilinear, que admite várias interpretações.

Mais adiante, já na década de 80, Carvalho expressa com bastante sensibilidade que a obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília dispensa comentários, e justifica que “A poética e incomparável obra é um livro de beleza para as crianças. Seu jogo fônico é música e cor; movimento e ritmo, que só ela poderia compor”. (CARVALHO, 1982, p. 130). Ainda nos anos 80, mais especificamente 1985, Pondé destaca a recorrência de associações sonoras, rimas, fluidez, musicalidade, ludismo e, por vezes, o ilogismo, ao mesmo tempo, que reflete sobre o experimentalismo na obra de Cecília, o qual “não leva ao hermetismo, pois consegue aliar temas populares a uma forma inovadora e comunicativa, criando uma poesia moderna que proporciona o prazer não só de crianças como de adultos.” (PONDÉ, 1985, p. 190). É nesse cenário que, ainda hoje, esse livro tem sua qualidade estética preservada, atraindo leitores mais jovens e mais experientes. Nesse mesmo período, Bordini, em seu livro “Poesia

infantil” (1986) discorre sobre alguns poemas, dentre eles, estão inseridos os seguintes: “O menino azul”, “Sonho de Olga”, “Bolha” e o “Último andar”, que é pertencente à obra em estudo. Apesar de não analisar a obra *Ou isto ou aquilo* em si, a autora faz suas considerações em uma perspectiva similar às que já foram mencionadas, e acrescenta a admiração, enfatizando os aspectos sonoros: “Ao se levantarem constantes estruturais do poema infantil, impõem-se ao ouvido os aspectos fônicos, responsáveis pela interação concreta entre texto e criança, em termos lúdicos” (BORDINI, 1986, p. 63).

Em 2000, Coelho, de forma discreta, faz referência à ilustração por Maria Bonani e reforça com suas palavras que é um livro para todas as idades “em cujos lúdicos poemas a arte maior da poeta ilumina (para crianças e adultos) novas maneiras de ver as coisas mais simples do cotidiano” (COELHO, 2000, p. 244). Para tanto, a autora exemplifica essa relação das “coisas já tão conhecidas” com “novas experiências” através dos poemas “O colar de Carolina” que apresenta o jogo poético, o movimento livre e lúdico que percorre todo poema. Ela traz a cor vermelha como elemento comum entre o colar e a face corada da criança. Do mesmo modo, o poema “Ou isto ou aquilo” traz semelhante dinâmica. Entretanto, o tema central discorre sobre escolhas que precisamos fazer o tempo todo.

Relatando como se deu sua vivência com os poemas de Cecília Meireles, Camargo (2012) diz que seu primeiro contato ocorreu ainda na infância, quando estudava na 3ª série⁵, por meio do livro didático. Mais tarde, ele descobre a obra completa do *Ou isto ou aquilo* lendo um artigo de Abramovich quando ela enfatizou que este livro é “indispensável”, Camargo realizou diversas leituras e levou para seus alunos. O autor reflete sobre a poesia da perspectiva histórica apontando alguns pontos importantes, como: a importância da escola para a circulação da literatura infantil, a importância dos suportes materiais que veiculam a literatura e as interações da literatura com outras linguagens. Embora ele tenha sido fisgado pelo poema “A canção dos tamanquinhos”, de Cecília Meireles, esse não pertence à coletânea *Ou isto ou aquilo* e sim a “Criança meu amor...”. Apesar disso, com a ampliação de suas leituras, ele afirma que: “Talvez seja possível dizer que os poemas de “Ou isto ou aquilo” atualizem experiências, sentimentos e fantasias de Cecília menina, mas sem o tom nostálgico dos poemas para adultos” (CAMARGO, 2012, p. 199). Camargo chama a atenção para a riqueza das imagens presentes nos poemas da obra em estudo, e traz detalhadamente uma análise do “O menino azul”.

⁵ 3ª série correspondente ao 4º ano do ensino fundamental nos dias atuais.

Recentemente, Marquezi (2018) escreveu um artigo que nos chamou bastante atenção a começar pelo título: “Ou isto ou aquilo – a (há) poesia além da pedagogia”, e no decorrer dessa relação entre a poesia e educação a autora afirma que “é um dos mais fascinantes de poesia infantil publicado no Brasil” (MARQUEZI, 2018, p. 116). Em conformidade com as reflexões até aqui estabelecidas, a estudiosa também exalta o lúdico e o efeito estético, mas tenta conciliar com a função formativa. Portanto, ela discorre que “Cecília Meireles, talvez por sua condição de educadora, e também porque escreveu teoria sobre o gênero, o que já é um indicador de sua preocupação com uma melhoria estética, consegue romper esses paradigmas morais que envolvem a poesia destinada a crianças, preocupando-se com a necessidade de uma conciliação entre o caráter estético e o caráter e o formativo”.

É nesse contexto que consideramos importante ter, ler e compartilhar do livro *Ou isto ou aquilo* nos mais diferentes espaços, sobretudo, a sala de aula. Isso porque é uma obra com qualidade, o que é endossado por unanimidade nas reflexões aqui colocadas.

A seguir, faremos um mapeamento temático da obra, trabalho que nasceu de nossa leitura.

2.3 O livro e seus temas

Conforme podemos observar, nos poemas do livro *Ou isto ou aquilo*, existe uma preocupação da autora com o universo infantil, que se materializa em sua escrita de forma singular, a partir do modo como aborda as temáticas na obra. Em sua Crônica de Educação no texto denominado “Os poetas e a infância”, Meireles exterioriza sua confiança nos livros que os poetas escrevem para crianças:

Por isso, eu sempre tive uma confiança total nos livros que os poetas escrevem para infância. Creio mesmo que só eles são capazes de os escreverem bem. Porque até quando lhes falta a beleza que pregam, quando ficam no cais, mostrando, apenas, o rumo que os outros podem seguir, ainda assim estão sendo os melhores guias. Revelam a beleza que talvez não conseguiram realizar em si, neste mundo de dias e criaturas ainda hostis. Beleza que, não obstante, foi sua, esteve em seu coração como as inquietudes que não florescem e os pensamentos que não chega a ter forma (MEIRELES, 2017, p. 104).

A partir da leitura e releitura realizada do livro, *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, consideramos pertinente organizar as temáticas predominantemente em categorias, com propósito de vislumbrar e refletir sobre diferentes possibilidades de abordagem que a obra favorece, ou seja, por grupos distintos ou semelhantes. É importante salientar que alguns

poemas podem ser encaixados em diferentes categorias, sem amarras, favorecendo liberdade de escolhas de leituras dentro da obra estudada.

Nesse sentido, reunimos os poemas da obra, classificando-os em: Natureza, Coisas de criança, Presença feminina, Animais e Diversos. O critério para escolha dessas categorias tem a ver com temáticas afins.

O quadro a seguir demonstra uma das várias possibilidades de organização.

Quadro 2: Categorias temáticas de poemas do livro *Ou isto ou aquilo*

CATEGORIAS				
Natureza	Coisas de criança	Presença Feminina	Animais	Temas Diversos
Leilão de jardim	Colar de Carolina	A bailarina	O cavaleiro branco	Na sacada da casa
Pescaria	Moda da menina trombuda	As meninas	Os carneirinhos	O violão e o vilão
Rio na sombra	Jogo de bola	As duas velhinhas	O mosquito escreve	
A lua é do Raul	Tanta tinta	Canção de Dulce	Passarinho no Sapé	O chão e o pão
Rômulo Rema	Bolhas	A língua do nhem	A pombinha da mata	Pregão do vendedor de lima
Enchente	O menino azul	A flor amarela	O lagarto medroso	Cação
Rola a chuva	Cantiga da babá	Sonho de Olga	A égua e a água	O santo no monte
O tempo do temporal	A avó do menino			O último andar
Canção da flor da pimenta	O vestido de Laura			Para ir à lua
Jardim de igreja	Roda na rua			Sonhos da menina
Uma flor quebrada	O eco			
A folha na festa	O menino do FF e RR			
Lua depois da chuva	Uma palmada bem dada			
A chácara do Chico Bolacha	Os pescadores e as suas filhas			
O sonho e a fronha	Figurinhas			
	Cantiga para adormecer Lúlu			
	Ou isto ou aquilo			
	Procissão de pelúcia			

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Os diferentes grupos de poemas organizados no quadro supracitado poderão servir como subsídios para o planejamento dos professores nas propostas de leitura de poemas.

Dito isso, analisamos alguns poemas pertencentes a cada categoria escolhida.

2.3.1 Natureza

Com intuito de ampliar os conhecimentos sobre a temática natureza, buscamos o conceito elaborado por Abbagnano (2000, p. 700) que o descreve da seguinte forma: lei natural, regularidade dos fenômenos no espaço e no tempo, manifestação do espírito e pesquisa científica. E também a definição que retrata a natureza por Segundo Borba (2011, p. 290): “Natureza: O ambiente, como praias, montanhas, campos, etc, e tudo aquilo que nele vive, como planta e animais; o mundo físico; Conjunto de características de um ser: O homem e o animal não tem a mesma natureza”.

O conceito de natureza existe desde filósofos pré-socráticos; suas discussões giravam em torno da investigação do que era constituída a matéria e de como o mundo foi feito, com intuito de desmistificar a visão religiosa da natureza, substituindo pelo conceito racional dos fenômenos naturais. Esses filósofos justificavam as transformações naturais por meio dos elementos água, ar, terra e fogo; Foi Empédocles que sintetizou as quatro substâncias, como a raiz que constitui todas as coisas (MORAIS, 2009).

Os elementos e fenômenos da natureza que se destacam na obra são os seguintes: “rio”, “lua”, “chuva”, “sol”, “enchente”, “temporal”, “jardim”, “flor”, “folha”, “peixes”, dentre outros. Contudo, o que predomina é “água” que comparece em pelo menos sete poemas.

Ao todo são cerca de quinze poemas cuja temática central é a natureza. Comentando a poesia de Cecília Meireles, Bordini (1986, p. 59) afirma que: “Nessa direção, a temática dominante é a da relação entre a infância e a natureza, numa visada ingênua, não marcada pelos vícios da civilização hodierna”. A natureza, portanto, é uma das categorias mais acionadas na poesia infantil de Cecília Meireles.

Selecionamos para uma rápida apreciação dois poemas: “Leilão de jardim” e “A chácara de Chico Bolacha”, por se tratarem de fontes bastante conhecidas que merecem uma elucidação.

Começamos observando o “Leilão de jardim”, sua estrutura, a constante interação entre o eu lírico (um leiloeiro) e os possíveis leitores/ouvintes interessados em arrematar os bens apresentados no leilão, como bem podemos constatar ao realizarmos a leitura do poema.

Leilão de jardim
(Cecília Meireles)

Quem me compra um jardim
com flores?

Borboletas de muitas
cores,

lavadeiras e
passarinhos,

ovos verdes e azuis
nos ninhos?

Quem me compra
este caracol?

Quem me compra um raio
de sol?

Um lagarto entre o muro
e a hera,

uma estátua da
Primavera?

Quem me compra este
formigueiro?

E este sapo, que é
jardineiro?

E a cigarra e a sua
canção?

E o grilinho dentro do chão?

(Este é o meu leilão!).

“Leilão de jardim” é formado por dísticos, com exceção das duas últimas estrofes, compostas, cada uma, por um único verso. O poema apresenta a maestria de ver além do que os olhos estão acostumados a ver. O poema é composto por diversas imagens da natureza: “jardim”, “borboletas”, “lavadeiras”, “ovos”, “ninhos”, “lagartas”, etc. Há, portanto, uma enumeração de imagens que vão convocando o leitor a olhar com mais cuidado aquilo que passa despercebido. Ocorre aqui o que fala Bosi (2000, p. 20), “toda imagem pode fascinar como uma aparição [...]”. Os elementos postos a venda apresentam valor imensurável, muito estimado para o eu lírico.

É possível perceber, neste poema, a presença de uma representação simbólica a partir dos festejos populares, que resistem ao tempo, como a presença de leilões em algumas cidades do interior.⁶ Ou seja, a partir de um gênero popular, a poetisa constrói um poema tocante.

O eu lírico apresenta as variedades e beleza contida no jardim em questão. Começa, pois, o leilão com a pergunta: quem me compra? Essa pergunta perpassa por quase todo o poema, e nos remete a pensar em uma constante interação entre o eu lírico (leiloeiro) com os possíveis leitores/ouvintes do poema. No entanto, o comprar aqui não agrega um valor econômico. Todos podem, digamos, comprar. É como se o verbo comprar se transformasse em apreciar.

Cada estrofe traz um diferencial, uma vez que, um item por vez é leiloado e apresentado de modo peculiar. O eu lírico leiloa coisas inusitadas, imagéticas, demonstrando um olhar sensível para as coisas simples, como: um jardim de flores; borboletas de muitas cores e um formigueiro.

O leilão finaliza com uma voz contundente, que não se pode contestar. O verso aparece entre parênteses e com exclamação, dando uma espécie de garantia do quão especial é para ele esse leilão de jardim (Este é o meu leilão!).

O segundo poema a ser comentado no âmbito de categoria de natureza é “A chácara de Chico Bolacha”, que retrata uma das vertentes da vida no campo.

⁶ A exemplo da cidade de Boa Vista no Estado da Paraíba, na festa do padroeiro Bom Jesus dos Martírios.

A chácara do Chico Bolacha

(Cecília Meireles)

Na chácara do Chico Bolacha,
o que se procura
nunca se acha!

Quando chove muito,
o Chico brinca de barco,
porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada,
Chico trabalha com a enxada
e logo se machuca
e fica de mão inchada.

Dizem que a chácara do Chico
só tem mesmo chuchu
e um cachorrinho coxo
que se chama caxambu.

Outras coisas, ninguém procure,
porque não se acha.
Coitado do Chico Bolacha.

O poema é composto por seis estrofes, distribuídas do seguinte modo: a primeira, segunda, quarta e sexta são formadas por tercetos, já a terceira e a quinta estrofes são formadas por quartetos. Em relação às sílabas poéticas, o poema apresenta versos desiguais em sua estrutura, portanto, versos livres, embora com número de sílabas bem próximo.

Do ponto de vista da sonoridade, destaca-se em todo poema a repetição aliterante do fonema /x/, em palavras como “chácara”, “Chico”, “acha”, “chove”, “charco”, “enxada”, “machuca”, “coxo”, dentre outros. A musicalidade advinda desta repetição sugere o barulho da chuva, constituindo, portanto um recurso de “imitação sonora”. Além da chuva, pode remeter também ao barulho do vento tocando as folhas secas.

O poema traz experiência de vida no espaço rural, de um homem simples que vivencia situações, bem peculiares, de quem mora na zona rural. Dessa forma, podemos observar na segunda estrofe do poema, que Chico Bolacha se alegra quando chega à chuva, como a maioria das pessoas que vivem no campo; o personagem diante da situação climática se diverte como criança, aproveitando o momento para “brincar de barco”, como pode ser visto na estrofe abaixo:

Quando chove muito,
O Chico brinca de barco,
porque a chácara vira charco.

A estrofe seguinte aponta o momento de seca, e suas consequências, Chico apresenta cuidados com a terra através do trabalho com a enxada e, apesar das circunstâncias climáticas, não perde a esperança e permanece resistindo aos desafios do campo. Vejamos a estrofe que revela esse fato:

Quando não chove nada,
Chico trabalha com a enxada
e logo se machuca
e fica de mão inchada.

Homem ou mulher que tiveram uma vivência no espaço rural, ao ler “A chácara do Chico Bolacha” poderão suscitar emoções como: saudades, alegria, tristeza dentre outras, identificando-os com a imagem poética.

No próximo tópico, abordaremos a categoria denominada “Coisas de criança”.

2.3.2 Coisas de Criança

Uma das fases mais significativas da vida é o tempo de criança, quando se tem oportunidade social, cultural e familiar de vivenciar experiências lúdicas e situações imaginárias, com brincadeiras relevantes que promovem alegria. Refletindo sobre esta fase da vida, Cecília Meireles afirma:

A infância é uma realidade contínua dentro de nós. Talvez por ser ainda a transição do universo de onde vimos para esta revelação incompreensível em que nos agitamos. E pode ser que reviva, finalmente, na hora extrema em que regressarmos de novo àquele permanente universo que nos aguarda. Como quer que seja, precisamos olhar para as crianças sem displicência e sem superficialidade (MEIRELES, 2017, p. 113).

A criança tem suas particularidades inerentes a sua faixa etária e suas experiências dentro de um contexto sociocultural. Dentre as “Coisas de criança” o brincar se constitui possivelmente, mais significativo.

Em alguns momentos a criança chama a atenção para o “jogar” como uma ação típica da infância, segundo Cademartori (1984),

A preocupação de situar a leitura no conjunto de atividades desenvolvidas pela criança conduz a pensar o lugar da ação infantil nas reações sociais, porque o espaço por ela ocupado determina a possibilidade e a restrição de qualquer exercício. Uma das ações mais ligadas à caracterização da infância é jogar. [...] Pensar a literatura infantil a partir da atividade que a criança desenvolve quando lê um texto conduz ao exame da relação que pode haver entre o ato lúdico característico da infância e a iniciação literária, particularmente a experiência com a poesia (CADEMARTORI, 1984, p. 25).

Na categoria “coisas de criança”, escolhemos dois poemas em que o jogar se faz uma experiência fundamental. Desta forma, começamos a refletir sobre os poemas “Tanta tinta” e “Jogo de bola”.

Tanta Tinta
(Cecília Meireles)

Ah! menina tonta,
toda suja de tinta
mal o sol desponta!

(Sentou-se na ponte,
muito desatenta...
E agora se espanta:
Quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?..)

A ponte aponta
e se desaponta.
A tontinha tenta
limpar a tinta,
ponto por ponto
e pinta por pinta...

Ah! a menina tonta!
Não viu a tinta da ponte!

Este poema nos remete a pensar uma cena comum do cotidiano infantil, em um lugar tranquilo que imprime segurança para a comunidade local, onde as crianças têm a oportunidade de brincar livremente, sem muita preocupação.

O poema é constituído por quatro estrofes, a primeira é formada por um terceto, a segunda e a terceira por quintilha, e a última estrofe compõe-se de um dístico. Quanto ao ritmo predomina 5 sílabas - redondilhas menor com exceção do verso 7, com 6 versos, o 8, com 4 sílabas e o 16 com 7.

Quanto à sonoridade, aspecto de fundamental importância para o poema, destaca-se o uso reiterado de aliteração. Na primeira estrofe, temos a repetição do /t/; segunda o /p/ se

destaca, embora o /t/ também seja recorrente. O encantamento melódico do poema se enriquece também com a presença de rimas, como: “tonta / desponta” (E1), “pinta/tinta” (E2), “aponta/desponta”, “tinta/pinta” (E3).

O poema demonstra a distração de uma criança, quando ao passar em uma ponte, não resiste e senta-se, sem pressa, desatenta ao que está no seu redor, sem preocupações, típico de criança. E quando percebe o que aconteceu se espanta, surgindo a fala da criança através de uma pergunta nos versos sete e oito:

“Quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?...”.

Observa-se que a menina é apresentada como distraída (tonta). Envolvida em seus devaneios, não olha onde senta, aspecto comum a muitas crianças. Na segunda estrofe há uma construção curiosa que parece revelar o pensamento da menina: “quem é que a ponte pinta?” Outro aspecto a destacar é a animização da ponte em “A ponte aponta/ e se desaponta”. Nesse sentido, o poema mostra a coerência com o modo de ser da criança através de suas ações e pensamentos.

É notória, também, a preocupação após o acontecido, sentar-se e sujar-se, talvez fosse considerado um problema, que algumas crianças enfrentavam, e que ainda, perduram nos dias atuais, quando elas, ao chegarem a sua casa, precisam se explicar. A vivência com esse poema pode levar o leitor de um pensamento a outro, como quem atravessa uma ponte.

Passamos para o segundo poema “Jogo de bola”, que nos traz à memória a brincadeira de jogar bola em casa, na rua, ou em pequenos campos organizado pela comunidade, quando nos deleitamos no jogo que seguem das palavras:

Jogo de Bola
(Cecília Meireles)

A bela bola
rola:
a bela bola do Raul.

Bola amarela,
a da Arabela.

A do Raul,
azul.

Rola a amarela
e pula a azul.

A bola é mole,
é mole e rola.

A bola é bela,
é bela e pula.

É bela, rola e pula,
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de Raul.

Cecília Meireles no poema “Jogo de bola”, contextualizou a brincadeira num espaço em que cabem meninas e meninos, dando ênfase ao momento lúdico. Com seu jeito peculiar de escrever para a criança, toca no que é mais atrativo: o jogo das palavras, o brincar, a musicalidade. Neste poema, destaca-se novamente o uso do recurso de aliteração do /b/ e /m/ e da rima, agora também interna em todas as estrofes.

Como vemos no poema “Jogo de Bola”, para acessar melhor a criança – tentando chegar à ótica infantil da brincadeira – a poetisa trabalha o jogo de palavras dentro do mesmo verso e entre as estrofes. Isso pode chamar atenção e até mesmo ter o efeito de um convite para a leitura prazerosa do poema. Destacamos a potencialidade existente nessa articulação entre o jogo e a infância. Conforme Cademartori (1984)

A criança explora seus sentimentos e emoções através do jogo, assim como explora o mundo exterior através de percepções. As situações do mundo real nem sempre oportunizam a exploração dos sentimentos e o exame das reações, da mesma forma que a fantasia de uma situação lúdica (CADEMARTORI, 1984, p. 27).

A bola, nesse poema, ocupa um lugar de destaque, e aparece cinco vezes. A cor amarela e azul indica que todos podem brincar, seja Raul ou Arabela, não há espaço para separação e sim para diversão, no jogo e na leitura. Em tempos de jogos eletrônicos, o jogo de bola ainda é muito convidativo e atraente para as crianças.

A autora foi uma das primeiras a criar poemas específicos para criança, usando trocas vocálicas ou consonantais (harmonia) ligadas à reduplicação (repetição de uma sílaba ou letra), como podemos verificar na estrofe que finaliza o poema.

Consideramos que o poema imita a experiência do brincar, envolvendo o leitor de modo significativo. Podemos comprovar esse feito na última estrofe, quando não se sabe ao certo quem tem a particularidade da bola no jogo, como podemos perceber na estrofe que nos remete a brincadeira.

A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de Raul

Destarte, além dos poemas analisados nessa categoria, contamos com outros que se encaixam nesse grupo, destacamos, “O menino dos FF E RR” e “Procissão de pelúcia”, por acreditarmos que Cecília Meireles se alia aos caminhos da criação folclórica, como podemos observar uma espécie de trava-língua nos poemas. Mas também compartilha do estilo poético vigente, pois Meireles estava à frente de seu tempo e de maneira que se adequa aos dias atuais.

Dando continuidade a nossa análise, refletiremos sobre a “presença feminina”, que é uma temática pertinente do ponto de vista atual e da representatividade feminina.

2. 2. 3 Presença feminina

A presença feminina tem conquistado, cotidianamente, um espaço importante na sociedade, de modo que não podíamos ser indiferentes a essa temática. Mulheres, ao longo da história, têm deixado suas marcas em todas as nações e vem construindo um mundo mais paritário, ainda que seja a passos lentos, através de lutas diárias em busca de conquistar espaços e direitos nas sociedades. Com personalidade forte e sensibilidade aguçada, Cecília Meireles contribuiu efetivamente em várias modalidades da sociedade, como: professora, poetisa, jornalista, cronista, ensaísta e autora de literatura infantojuvenil. Como bem destacado por Azevedo Filho (2017, p. 16) “Aqui apenas ressaltamos que o próprio Fernando

de Azevedo⁷, como vimos anteriormente, cita o nome de Cecília Meireles como de vanguarda e em primeiro lugar, ao se referir à ação de escritores e intelectuais na imprensa daquele momento histórico”.

A obra *Ou isto ou aquilo* aborda a presença feminina evidenciada nos poemas: “A bailarina”, “As meninas”, “As duas velhinhas”, “Canção de Dulce”, “A flor amarela”, “A língua do nhem” e o “Sonho de Olga”.

Escolhemos para refletir nessa categoria o poema “A bailarina”, por este referenciar a presença feminina na infância, e por ser um dos poemas mais trabalhados nas salas de alfabetização.

O ballet é um estilo de dança que transita nos sonhos de muitas meninas em diferentes contextos sociais e culturais; no entanto, apenas um pequeno número consegue realizar esse sonho, pontualmente escolas abrem as portas para esse estilo de dança, que é muito dispendioso para manter, sobretudo, nas escolas públicas.

“A bailarina” é um poema que demonstra a presença feminina pela “leveza” com que o personagem retrata dentre outras características. O poema traz recursos que convidam a criança adentrar na leitura através do lúdico, na identificação com a personagem, e também pelo desejo de realizar o sonho de ser bailarina a partir da brincadeira, como podemos conferir na fala de Tito (2000):

A bailarina” plasma numa experiência infantil lúdica e alegre a partir de uma fala de adulto e de uma linguagem simples, até certo ponto coloquial. No texto, predomina um caráter eminentemente descritivo em que são elencados desejos, atitudes e fantasias próprias da infância. Independentemente de a criança compreender ou identificar as notas musicais e seu sentido no texto, a atração/empatia pelo poema se dá pela apresentação do som e do ritmo embalante realçados pela escolha vocabular, pelas rimas, pela repetição de versos e estrofes (TITO, 2000, p. 128).

Conforme a argumentação da autora, percebemos que o poema evidencia o valor estético em detrimento das questões moralizantes. É no brincar e na fantasia que se constroem experiências lúdicas que favorecem uma leitura prazerosa no universo infantil. Acompanhemos o poema:

⁷ Fernando de Azevedo. (1894-1974) foi um educador, professor, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro. Foi um dos expoentes do movimento da Escola Nova. Foi professor de Sociologia no Instituto Caetano de Campos e mais tarde no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo.

A bailarina

(Cecília Meireles)

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Quanto à estrutura, o poema evidencia a musicalidade, principalmente por suas rimas emparelhadas e o refrão na sexta estrofe, mostrando o desejo da menina em ser bailarina. Na última estrofe do poema, o eu lírico demonstra que a menina, apesar de seus desejos, é como as outras crianças. Quando à noite chega, o sono acompanha-lhe e ela deseja dormir, e quando do sonho despertar, novamente surgirá o desejo de ser bailarina.

O poema é composto por oito estrofes, a primeira e a oitava é formada por três versos, com presença de aliteração com som de /n/ os demais versos formados por dístico. A segunda estrofe apresenta aliteração re/pe e a terceira em lá/fá.

A presença feminina desde a infância vai delineando a identidade através da brincadeira, que retrata um sonho de criança. Dessa forma, a imitação dos gestos da bailarina acontece naturalmente e involuntariamente, embalada pelo ritmo do poema e pelo desejo de tornar-se bailarina. Como afirma Tito (2000):

O motivo da bailarina é bastante convidativo para a criança, pois a ele podem estar associadas atividades visuais e sonoras. À elaboração poética da linguagem, nos seus aspectos imagístico, sonoros e rítmico, junta-se a representação de uma atividade lúdica de gestos e mímica da dança. A partir da exploração desses aspectos sensoriais, pelo poeta e pelo leitor, dá-se a ligação emocional com o texto [...] (TITO, 2000, p. 125).

“A bailarina” é considerada um dos poemas mais lidos nas salas de alfabetização. O contexto social vigente, ainda promove um afastamento entre o desejo, ou seja, o sonhado e o real; para muitas crianças, é comum nas rodas de conversas, na hora do recreio, o assunto girar em torno do que você quer ser quando crescer. E dentre muitas respostas, sempre aparece bailarina, e algumas vezes, a fala vem acompanhada com gestos.

O eu lírico, no decorrer das estrofes, traz seis notas musicais que, possivelmente, a menina ainda não conhece. Logo após, coloca as qualidades da menina enquanto bailarina, ou seja, apesar de ela não conhecer essas notas musicais, ela sabe ficar na ponta do pé, sabe inclinar o corpo para lá e para cá, ações essenciais para uma bailarina.

Ao ler esse texto poético podemos imaginar a delicadeza e leveza da bailarina em cada movimento proporcionado pela música. Personagem que dança e encanta, a menina fica na ponta do pé, querendo fazer uma pirueta. Este poema se enquadra, também, na perspectiva do sonho, que provoca muitas expectativas para o futuro da criança seja menina ou menino.

É importante destacar neste tópico a presença de mulheres velhas, que comparecem não dando ordem, querendo destaque, mas imersas em seu cotidiano, como “As duas velhinhas” e em “A língua do nhem”, em que a personagem vence a solidão na interação com os animais.

Para o próximo tópico seguiremos análise da categoria denominada de animais.

2.2.4 Animais

A temática sobre animal também pode e deve ser inserida na categoria da natureza. É importante perceber a necessidade de criar uma categoria que contemple particularmente esse tema, tendo em vista a presença constante de animais presentes na poesia infantil da autora, e também na poesia e literatura infantil em geral.

Em *Ou isto ou aquilo*, podemos observar os animais nos seguintes poemas: “O cavaleiro branco”, “Os carneirinhos”, “O mosquito escreve”, “A égua e a água”, “Passarinho no Sapé”, “A pombinha da Mata” e “O lagarto medroso”, entre outros poemas como “O

menino azul”, em que o animal não aparece no título, mas está presente no poema. Escolhemos para reflexão “O cavalinho branco”.

O cavalinho branco
(Cecília Meireles)

À tarde, o cavalinho branco
está muito cansado:

mas há um pedacinho do campo
onde é sempre feriado.

O cavalo sacode a crina
loura e comprida

e nas verdes ervas atira
sua branca vida.

Seu relincho estremece as raízes
e ele ensina aos ventos

a alegria de sentir livres
seus movimentos.

Trabalhou todo o dia tanto!
Desde a madrugada!

Descansa entre flores, cavalinho branco
de crina dourada!

O poema está presente em todas as edições do livro, e é composto por oito dísticos. As rimas ocorrem como que projetando um dístico no outro, como no galope, em que as patas se projetam para frente. A depender do ritmo da leitura, pode se reportar desde o “trote” até o “galope pleno”.

O eu lírico narra uma espécie de retrospectiva da rotina do cavalinho branco. Vejamos a primeira estrofe:

À tarde, o cavalinho branco
está **muito** cansado:

A palavra “muito” intensifica o cansaço do cavalinho, resultado de todo o trabalho que realizou. Nas três estrofes seguintes, o eu lírico lembra a necessidade de descansar com

indicativo de feriado. Há um conjunto de ações que indicam dificuldade, mesmo assim, o cansaço permanece e só resta jogar sua vida nas verdes ervas para descansar.

Na quinta estrofe o relincho, que é uma característica peculiar do cavalo, pode ser um grito de liberdade. Há também nessa estrofe uma interação com a natureza,

Seu relincho estremece as raízes
e ele ensina aos ventos

A estrofe acima traz uma bela imagem poética. O relincho pode ser uma oportunidade de a criança brincar imitando repetidas vezes o som/fala do animal.

A sétima estrofe aborda a temática dos maus tratos aos animais; aqui fica visível à exploração do cavalinho, que trabalhou ininterruptamente desde a madrugada, sem condições de descanso:

Trabalhou todo o dia tanto!
Desde a madrugada!

Essa condição de cansaço representado na primeira estrofe, e sua ação de trabalhar tanto desde a madrugada, como é exposto nas estrofes sete e oito nos leva a refletir sobre algumas situações de exploração de trabalho realizado com animais nos dias de hoje, esses casos de maus tratos divergem das ações sugeridas pela Declaração Universal dos Direitos dos Animais no artigo 5. Vejamos:

1. Todo o animal pertencente a uma espécie que viva tradicionalmente no meio ambiente do homem tem o direito de viver e de crescer ao ritmo e nas condições de vida e de liberdade que são próprias da sua espécie.
2. Toda a modificação deste ritmo ou destas condições que forem impostas pelo homem com fins mercantis é contrária a esse direito (UNESCO, 1978).

O cansaço que o cavalinho branco adquiriu no decorrer da vida, de tanto trabalhar, o inevitável é que aconteça o descanso entre as flores e recupere suas forças, com sensação de leveza.

A próxima categoria trata de assuntos diversos, possibilita maior acesso a temas distintos um do outro, porém que por sua amplitude temática, resolvemos agrupar.

2.2.5 Temas Diversos

Escolhemos para a categoria analisada nesta seção, os poemas que apresentam temáticas diversas como a canção, espaços, pregões, personagens, dúvidas, sonhos dentre outros, que são de extrema relevância. Tais poemas são: “O violão e o vilão”, “Na sacada da casa”, “Procissão de pelúcia”, “O chão e o pão”, “Cantiga para adormecer Lúlu”, “Pregão do vendedor de lima”, “Canção”, “O santo no monte”, “Ou isto ou aquilo” e “O último andar”. Destacamos para esse momento, o poema que dá título ao livro em estudo.

Ou isto ou aquilo

(Cecília Meireles)

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe aos ares.

É uma grande pena que não se possa
Estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consigo entender ainda
qual é o melhor: se é isto ou aquilo.

O poema “Ou isto ou aquilo” é regido pela necessidade de fazer escolhas o tempo todo, um modo de brincar com as opções para essa fase da vida. É importante lembrar que esse poema está presente em todas as edições desde a primeira publicação. O poema, nesta obra (2012), aparece na última página, com a mesma importância do primeiro.

O eu lírico apresenta uma voz infantil, em primeira pessoa, que está sempre em dilema consigo mesmo no momento das escolhas que terá que fazer. Formado por dísticos cada uma, as estrofes um, dois, quatro e seis terminam com exclamação. Apreciemos caso a caso:

Ou se tem chuva e não se tem sol,
Ou se tem sol e não se tem chuva!

Essa estrofe apresenta de forma expressiva a antítese entre a presença do sol e da chuva, portanto, trata-se de uma percepção de caráter antitético na própria natureza. A primeira exclamação pode ser interpretada como uma afirmação impositiva, como uma verdade incontestável, já que a escolha pelo sol ou pela chuva não depende da criança, e sim do fenômeno da natureza.

A segunda exclamação aparece como uma verificação de eventos infantis que acontecem quando a criança está vivenciando o jogo lúdico na vida. Vejamos a estrofe:

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
Ou se põe o anel e não se calça a luva!

O uso de luva e anel para criança quase sempre faz parte da brincadeira aliada ao imaginário, que lhe atrai e envolve de modo prazeroso, sobretudo, nas regiões mais quentes. Já nos espaços onde o clima é frio as luvas tornam-se uma necessidade cotidiana.

A terceira exclamação pode ser vista como uma avaliação subjetiva,

É uma grande pena que não se possa
Estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

A exclamação nesse caso funciona como um lamento, representado nos versos acima. Explorando os sentimentos pessoais, movido pela insatisfação ao ter que escolher estar em um único lugar, por vez, e não desfrutar de lugares diferentes, ao mesmo tempo.

A quarta e última exclamação aborda a questão de escolher sempre entre uma coisa e outra.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Esta estrofe apresenta caráter de síntese, com a dúvida que perpassa por todas as estrofes do “Ou isto ou aquilo” em ter que escolher entre uma coisa ou outra, torna-se evidente e repetitiva em todo poema. A voz do eu lírico parece cansada, exausta e sem saída,

precisando escolher dia ou noite, o tempo todo, todo tempo. E finaliza o poema com o porquê de tantas escolhas.

O poema é construído, portanto, a partir de antíteses, o que revela que o mundo infantil tem também suas dúvidas, indecisões, incertezas, e que inclusive, causa sofrimento.

Nesse poema, as palavras também podem soar como uma melodia que se encarrega de demonstrar um tom de brincadeira quando a leitura é realizada de modo rápido, envolvendo as crianças significativamente.

Unidos a essa perspectiva, passamos para os encontros formativos embasados nos procedimentos metodológicos.

3 ENCONTROS COM PROFESSORES E FORMAÇÃO CONTINUADA PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, explicitaremos o percurso metodológico que foi trilhado na pesquisa. Começamos por apresentar a natureza de nosso estudo, e na sequência delinearemos o local da pesquisa através das escolas do município. Do mesmo modo, refletiremos sobre o perfil dos professores alfabetizadores e suas práticas de leitura a partir do questionário.

3.1 Natureza da pesquisa

A convivência das crianças, que estão devidamente inseridas no ciclo de alfabetização, com a poesia infantil é ainda insuficiente e, quando há esse convívio, está atrelado a abordagens quase sempre de caráter pragmático.

Nesse sentido, nossa pesquisa está voltada para as práticas de leitura de poesia infantil a partir do espaço de formação continuada com um grupo de professores que compõem o ciclo de alfabetização do município de Boa Vista-PB.

Nosso estudo metodologicamente é de natureza qualitativa, apontada por André (2008) como fonte de subsídios para uma investigação científica no âmbito do cotidiano educacional. De caráter exploratório, esta pesquisa envolveu levantamento bibliográfico e questionário com os professores alfabetizadores que tiveram participação ativa durante todo percurso. Desse modo, imersos pela preocupação com base científica iniciamos nosso estudo.

No decorrer da intervenção formativa com os professores, recorreremos a procedimentos metodológicos que colaboram para elucidar as práticas docentes desenvolvidas anteriormente à formação continuada dos participantes nesse estudo. Esse percurso adotado permitiu, no final, termos uma visão das reverberações ocorridas durante o processo formativo quanto às mudanças na abordagem da leitura de poemas fundamentada no contexto literário, nas salas de alfabetização.

Diante do exposto, nossa pesquisa também se insere na pesquisa-ação, pois “a pesquisa-ação tem sido alvo de controvérsia devido ao envolvimento ativo do pesquisador e à ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema.” (GIL, 2007, p. 55 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2019, p. 40).

Logo, nos encaixamos nesse contexto, por fazer parte diretamente do grupo de docente em estudo. Acreditamos que esse envolvimento corroborou para nossas reflexões e

entendimento no decorrer de nosso percurso metodológico como ferramentas, fontes de coleta de dados. Lançamos mão de observações, questionários, registros do diário de campo, Diário de classe, fotos, gravações e rede social pelo *WhatsApp*. Conforme Souza (2012):

Os dados podem ser apresentados de várias formas: dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slide, mesas-redondas e discussões. Os relatos escritos são informais, narrativos, descritivos e ilustrado por citações e exemplo. A transmissão é direta, clara e bem articulada, em uma linguagem que se aproxima das experiências pessoais do leitor (SOUZA, 2012, p. 14).

Desse modo, os dados coletados interagiram positivamente com a nossa análise, que está alinhada a pesquisa qualitativa, apresentando uma abordagem interpretativa, uma vez que também foi realizada uma apreciação a partir do valor estético dos poemas infantis.

Uma vez definida a natureza de nossa pesquisa, passamos para nossa metodologia descrevendo a organização desse estudo.

3.2 Nosso percurso metodológico

Acreditamos que a relação entre o leitor e o texto é extremamente importante em seu processo formativo. Por isso, seguimos com a ideia dos protagonistas da Estética da Recepção⁸: Jauss (1979) e Iser (1999) que valorizaram o sujeito leitor como determinante no processo de leitura literária.

Organizamos nosso percurso metodológico a partir da realização de oficina, fazendo uso de distintos instrumentos com a pluralidade de dados observados, tais como: registro das aulas de leitura no diário de campo, roteiros preestabelecidos para as oficinas na formação dos docentes, questionários para os professores/alfabetizadores de Boa Vista-PB, imagem fotográfica das aulas ministradas, registro das aulas no diário de classe, relatos colhidos através das discussões realizadas durante a formação dos professores e por meio das redes sociais via *WhatsApp* do grupo de alfabetizadores, filmagem e gravações das formações em

⁸ Segundo Zilberman (1989) A estética da Recepção surgiu na segunda metade do século XX, no período pós-estrutural, com a intenção de refletir sobre a importância do encontro do texto com quem ler concedendo o leitor ao lugar de importância. Um dos renomados nomes da escola de Constança Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss em seu ensaio “A História da Literatura como um Desafio à Teoria da Literatura” (1970), são protagonistas estudo da Estética de Recepção. Afastando-se deliberadamente da ideia marxista e formalista, que não reconhecem a importância do leitor na interpretação do texto literário. Jauss atenta também para os “horizontes das expectativas” dos leitores, que envolve a obra em sua crítica. É pertinente lembrar que da relação dialógica do presente com o passado, e só a partir desse entendimento rompendo a oposição entre os aspectos históricos e estéticos.

vídeo. “O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 73).

Nesse contexto, utilizamos o método de investigação ancorado na análise de conteúdo segundo o referencial teórico de Bardin (1977). Pois, conforme a autora, a análise de conteúdo refere-se a

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Mediante o exposto, inferimos que a análise de conteúdos se assenta na definição, interpretação e categorização das temáticas analisadas, contribuindo para a organização que converge de modo sistemático para as respostas que se aplicam às perguntas dessa pesquisa.

Para subsidiar nossa pesquisa lançamos mão do método recepcional, o mais indicado para colaborar no desenvolvimento de nossa experiência de investigação a partir das contribuições de Bordini e Aguiar (1988). Acreditando que ele foi essencial em todo processo de discussão de nosso estudo, que tem como princípio de que o leitor e sua relação com a obra no processo da formação leitora, é fundamental, conforme Aguiar e Bordini (1988):

A literatura não se esgota no texto. Completa-se no ato de leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 86).

O diálogo entre a pessoa que lê e o texto representa a configuração do processo de recepção textual, pelo qual optamos para permear todos nossos encontros de formação docente que foram realizados sob formas de oficinas durante nossa pesquisa. A leitura, portanto, não se esgotou no texto, pelo contrário, se alarga no diálogo com as experiências dos participantes. Por esse caminho, quando pensamos na Literatura Infantil, de modo particular, a poesia, reportamo-nos ao valor estético. Desse modo, nossas práticas de leitura no processo de formação do professor estão associadas à ideia de Bordini e Aguiar (1988) quando afirmam que:

A aplicação da estética recepcional à pedagogia da literatura prevê a transferência dos pressupostos teóricos já citados à prática escolar da leitura. Assim como se reflete sobre o fenômeno literário sob a ótica do leitor como elemento atuante no processo, o método recepcional de ensino funda-se na

atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 85).

Nessa perspectiva, consideramos relevante trabalhar com o método recepcional no processo de formação continuada dos professores, visando reconhecer possíveis reverberações em sala de alfabetização. Por outro lado, não seguimos o método passo a passo, conforme apontado pelos pesquisadores. Nossa experiência de formação continuada com os professores alfabetizadores a partir do viés literário, parte do pressuposto de que

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção do seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva (JAUSS, 1979, p. 46).

Nesse sentido, compreendemos que o primeiro contato com o texto é para ser experimentado, vivenciado, ou seja, tocado, lido com aproximação, sendo assim apreciado, e construindo o efeito estético.

As experiências de leituras construídas no contexto individual, social e histórico dos sujeitos com seus pares e grupos, através de cantigas, brincos, parlendas, poemas, contos e fábulas, todos pertencentes prioritariamente ao universo da criança, quando associadas a novas leituras ampliam o horizonte de expectativas dos leitores. Tendo em vista que:

O texto, quanto mais distante do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver, de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 87).

Diante do exposto, percebemos, através de vivências no cotidiano, que o distanciamento do texto em relação ao que o leitor espera dele, é um elemento importante, que proporciona a curiosidade do leitor infantil e poderá despertar nele o desejo de ler mais vezes. Nesse contexto, a partir das reflexões do experimento, nascem nossas categorias.

Seguimos, contextualizamos o nosso local da pesquisa, o perfil dos alfabetizadores a partir do questionário.

3.3 Contextualizando o local da pesquisa

Boa Vista-PB encontra-se localizada a 170 km de distância da capital João Pessoa - PB a educação é constituída por nove escolas situadas no campo, que atende do maternal aos anos iniciais do ensino fundamental, no turno manhã, sendo que duas delas funcionam em tempo integral.

Na zona urbana, temos uma Creche que desenvolve seu trabalho nos turnos manhã e tarde, e também duas escolas, uma delas funciona em tempo integral do maternal aos anos iniciais do ensino fundamental. Outra é considerada a “sede” do município. Essa, atende nos turnos manhã, tarde e noite, do maternal aos anos finais do ensino fundamental.

Para gerenciar com mais eficiência os trabalhos de acompanhamento pedagógico e administrativo, as escolas e a creche foram divididas em sete núcleos, que estão representados por diretores, indicados pela gestão municipal, todos professores pertencentes ao quadro de funcionários dessa prefeitura.

No ano de 2019 o ciclo de alfabetização, contou com 24 professoras, que atenderam a 33 turmas divididas entre o campo e espaço urbano, somando 326 alunos distribuídos em turmas do 1º ano (104 alunos), 2º ano (98 alunos) e 3º ano (124 alunos) dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em Anexo, poderemos visualizar o quadro de Informações sobre as escolas municipais de Boa Vista-PB de modo mais detalhado.

É importante salientar que além das vinte e quatro professoras alfabetizadoras, no momento da pesquisa o município tinha três cuidadoras e quatro professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que participaram das oficinas realizadas durante a formação, mas não fizeram parte diretamente desta pesquisa. No entanto, colaboraram com as professoras no desenvolvimento das atividades pensadas para cada turma da qual era assistida também por esses profissionais.

As escolas municipais de Boa Vista-PB apresentam uma estrutura física de qualidade, precisando de poucos reparos no decorrer do ano. Das nove escolas localizadas no campo, sete possuem algumas características em comum, as outras duas – também pertencentes ao campo – apresentam características diferenciadas entre si e das demais.

No decurso antecedente da pesquisa, nossos encontros formativos com os docentes, seja para planejamento pedagógico ou formação continuada, aconteciam quase sempre na área urbana, no entanto, quando oportuno, toda a equipe conjuntamente com os professores do ciclo de alfabetização realizava a formação nas escolas do campo. O ambiente formativo não

está afixado em um único espaço, o que nos dá liberdade de nos deslocarmos para distintas escolas sempre que julgarmos necessário.

A formação continuada referente à nossa pesquisa se deu em quatro escolas diferentes, os três primeiros encontros aconteceram em duas escolas situadas no perímetro urbano e os outros dois foram realizados nas escolas do campo, sendo que uma delas faz parte da comunidade recentemente reconhecida como quilombola.

3.4 Professores alfabetizadores: perfil e questionários

Para conhecer melhor o perfil de nossos participantes seguimos com os dados obtidos a partir do questionário inicial, por entender que esse instrumento é propício para nosso estudo, pois como afirma Gerhardt (2009):

Questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado (GERHARDT *et al*, 2009, p. 69).

Nesse sentido, elaboramos um questionário que foi utilizado no primeiro encontro, após a confirmação dos professores para esta pesquisa, objetivando conhecer de forma precisa os saberes docentes e vivências com o texto literário nas salas de alfabetização. Para tanto, nossas perguntas foram organizadas na seguinte sequência:

“1. Nome; 2. Sexo: () Feminino () Masculino; 3. Idade; 4. Qual a sua formação inicial acadêmica (qual instituição)? Durante a formação cursou disciplina referente à literatura infantil? Possui mais de uma graduação? Tem pós-graduação em que?; 5. Há quantos anos você ensina?; 6. O que você costuma ler em sua vivência pessoal?; 7. Quais os livros literários lidos por você – e não literários também?; 8. Que tipo de texto você costuma ler para seus alunos?; 9. Costuma ler poemas? Se sim, tem preferência por algum poeta ou poetisa?; 10. Você costuma ler poemas para seus alunos? Se sim, com que frequência?; 11. Você já levou algum poeta da comunidade para recitar poesia na sua sala? Se sim, como foi essa experiência?; 12. Você considera importante que seus alunos leiam poesia? Por quê?”.

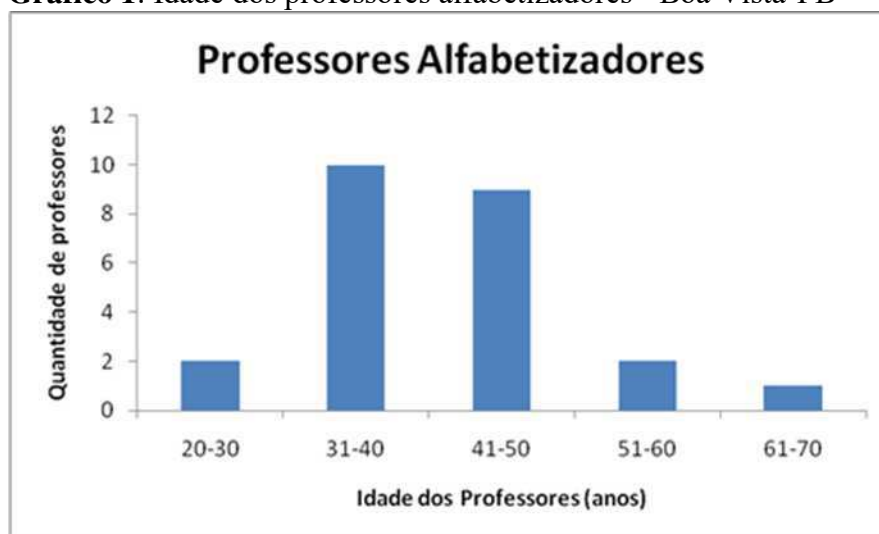
Começamos a organizar as respostas advindas do questionário a partir da primeira pergunta, nomeando as participantes e relacionando-as às letras do alfabeto: “Professora A, Professora B, Professora C, seguindo a sequência em ordem alfabética até a letra X”. Fizemos

isso com a finalidade de firmar a integridade do nosso estudo e garantir o anonimato dos participantes desta pesquisa, através dos princípios éticos descritos por Bogdan e Biklen (1994, p.77): “[...] as identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo”.

A partir desta perspectiva, em consonância com a segunda pergunta, seguimos informando que os participantes desta pesquisa correspondem ao grupo predominantemente feminino que atua diretamente com o ciclo de alfabetização em Boa Vista- PB há no mínimo cinco anos, permanecendo nesta modalidade de ensino sem haver muita transitoriedade.

O Gráfico 1 ilustra de forma concreta a terceira pergunta que diz respeito à faixa etária das professoras envolvidas nesta pesquisa, como podemos comprovar a seguir:

Gráfico 1: Idade dos professores alfabetizadores - Boa Vista-PB



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir do gráfico visualizamos a distribuição das vinte e quatro alfabetizadoras por suas respectivas faixas etárias. Duas estão entre 20 e 30 anos, outras duas correspondem as idades de 51 a 60 anos, apenas uma professora está entre 61 a 70 anos. São nove as participantes que compõem o grupo de 41 a 50 anos e dez docentes que se encontram entre 31 a 40 anos.

Como podemos observar, a maioria das participantes se situam na fase adulta que representa estabilidade e segurança como destacamos a partir de Oliveira (2001) ao afirmar que essa etapa,

Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo,

sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Portanto, é preciso considerar que a experiência de vida adquirida na fase adulta poderá trazer segurança na maior parte das decisões tomadas frente ao trabalho docente, corroborando para a proposta formativa desta pesquisa. A experiência adquirida como formadora, em grupos distintos, permite dizer que os professores mais jovens conseguem atuar com mais ousadia, sem ponderar minuciosamente os efeitos de suas práticas. Já os participantes com maior idade, percebemos um pouco de resistência às propostas inovadoras, todavia, não é uma regra, nem corresponde a um ato engessado. Contudo, as vivências que eles adquiriram ao longo da jornada de trabalho fazem toda a diferença quando envolvidos pelas propostas do grupo que estão inseridos.

A quarta pergunta é relativa à formação docente e permitiu evidenciarmos a unanimidade dos colaboradores dessa pesquisa, quanto a formação inicial em nível de graduação no curso de Pedagogia, não havendo uma segunda graduação. É válido salientar que, dos vinte e quatro professores, apenas cinco cursaram ou ainda estão cursando alguma disciplina referente à literatura infantil. Consideramos que essa ausência, no período formativo no curso de Pedagogia, para a maioria dos participantes desta pesquisa, acarretou carência no tocante à formação literária, o que demonstra a necessidade de supri-la por meio da formação continuada dos professores.

As professoras acrescentaram, ainda, espontaneamente, se o tipo de sistema do curso a que pertencia a sua graduação era em Regime Presencial ou em Regime Especial. Esse acréscimo foi muito importante e nos impulsionou a transcrever as respostas e construir o Gráfico 2:

Gráfico 2: Regime Presencial e Presencial em Regime Especial na formação inicial

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

É possível visualizar que apenas 25% dos participantes desta pesquisa tiveram sua formação no curso em regime presencial⁹ e os demais 75% ingressaram na graduação no protótipo presencial em regime especial¹⁰. Salientamos, ainda, que as professoras que estão inseridas no percentual maior já faziam parte do quadro de funcionários da prefeitura, através de concurso público, mas a formação inicial estava por conta do Curso de Magistério pela Escola Padre Emídio Viana Correia, “Escola Normal”, em Campina Grande – PB ou pelo curso “Logos”¹¹, que tinha uma parceria com a prefeitura, indo uma pessoa responsável pelo programa aplicar provas e tirar dúvidas quando fosse preciso. Esse encontro ocorria uma vez por mês em Boa Vista – PB. Portanto, se fazia necessária a formação docente em nível de graduação para efeito de direitos e progressão salarial.

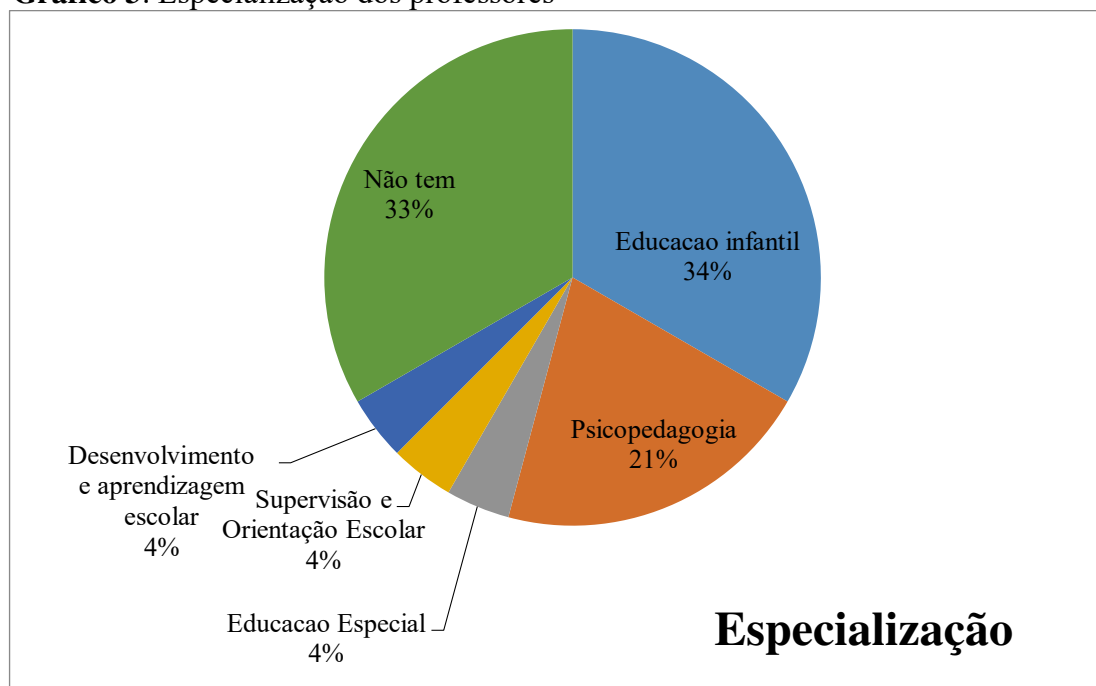
Diante da urgência de ingressar no curso superior em Pedagogia, e a facilidade oferecida pelas instituições que trabalhavam com Curso Presencial em Regime Especial, justifica-se esse número elevado registrado no gráfico.

Seguindo, ainda, com a quarta questão que retrata a formação docente, o Gráfico 3 demonstra a inserção dos professores no que se refere à especialização.

⁹ Curso em Regime Presencial: consiste em aulas nas quais professores e alunos estão presentes no mesmo ambiente e no mesmo horário concomitantemente. Existem horários definidos em frequência diária, os alunos precisam ter 75% de presenças para não ser reprovado. A maior parte é realizada na sala de aula.

¹⁰ Parecer CEE/PE Nº 17/2004-CES: Curso Presencial em Regime Especial: essa modalidade refere-se à formação superior em que o aluno (a) assiste aula em tempo integral em um único dia, com frequência por turno, propicia aos professores que já tem o pedagógico, porém em nível médio, concluir curso superior. Disponível em: <http://www.cee.pe.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/17-2004.pdf>. Acesso em: 11 Abr. 2020.

¹¹ Logos: Curso de formação pedagógica, realizado a distância, tinha o propósito de formar no período de dois anos. Era oferecido pelo Estado aos professores que lecionavam, mas não tinham nenhuma formação na área de Pedagogia.

Gráfico 3: Especialização dos professores

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os dados acima confirmaram que os professores em sua maioria conseguiram realizar a pós-graduação lato sensu no próprio município, por instituição privada, o que justifica a quantidade de professores com a mesma especialização. Apenas 8% deslocaram-se para Campina Grande, sendo que 4% se especializaram em Desenvolvimento e Aprendizagem Escolar, e os outros 4% Supervisão e Orientação Escolar. Ao mesmo tempo, percebemos que 33% dos professores não continuaram com seus estudos em nível de especialização, um percentual considerado negativo, se levarmos em consideração o total de docentes que não buscaram prosseguir na formação vertical.

Em relação à quinta pergunta, diz respeito ao tempo de serviço dos alfabetizadores. Dessa forma, passamos a refletir sobre a importância dos dados apurados a partir gráfico abaixo:

Gráfico 4: Tempo de serviço dos professores alfabetizadores – Boa Vista-PB

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

De acordo com as informações do Gráfico 4, as experiências adquiridas com o tempo de serviço, revelam que “A ideia de temporalidade, porém, não se limita à história escolar ou familiar dos professores. Ela também se aplica diretamente à sua carreira, carreira essa compreendida como um processo temporal marcado pela construção do saber profissional” (TARDIF, 2014, p. 20). Assim, quando juntamos as informações que compreendem os períodos de trabalho, entre 11 a 20 anos e 21 a 30 anos, logo relacionamos o momento em que houve a convocação destes profissionais com os aprovados nos concursos públicos ocorridos no município. Essa constatação foi endossada pelas respostas destes profissionais durante os encontros de formação. Os professores que têm o tempo de serviço entre 01 a 10 anos constituem um pequeno grupo contratado, para preencher as ausências de licença prêmio, licença maternidade e outros motivos provenientes de direitos adquiridos. Os que se encontram entre 31 a 40 anos ocupam um espaço maior de tempo de serviço e que estão entre 41 a 50 já estão aposentados por outras esferas, uma na rede estadual e outra municipal de outra cidade.

Seguindo com o questionário, percebemos a semelhança entre a questão 6. “O que você costuma ler em sua vivência pessoal?” Com a questão 7. “Quais os últimos livros literários lidos – e não literário também?” As professoras unificaram as respostas por conta da familiaridade, e para não se tornar repetitivo.

Sabemos que a experiência com a leitura é algo muito importante e particular do sujeito leitor. Segundo Compagnon (2001, p. 143), “a leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação.” Nesse sentido, podemos perceber que a escolha da leitura realizada

pelos professores está associada ao gosto pessoal e às situações que envolvem a questão de práticas docentes, como podemos visualizar em algumas categorias, no quadro abaixo:

Quadro 3: Categoria de leitura realizada pelos professores

Categorias	Leitura realizada pelos participantes.
Poesia	06
Literatura infantil	15
Autoajuda	04
Bíblia	04
Literatura	06
Outros	04
Romance	05
Artigos	05

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Além dos gêneros descritos no quadro acima, foram registradas respostas monossilábicas como: “sim”, “não” e “não lembro”. É importante ressaltar que a poesia na categoria “literatura infantil” foi citada por quatro professores e os demais demonstraram mais interesse pelas narrativas, utilizando-as para atividade docente. Já a leitura descrita separadamente na categoria “poesia” estava atrelada à leitura de deleite pessoal do professor dentro do contexto adulto. Diante das respostas que tivemos para ambas as perguntas, notamos que as leituras que estão sendo realizadas pelos (as) professores (as) são: “textos acadêmicos”, “texto bíblico” e “literatura infantil” com fins meramente pedagógicos. É como se as demais leituras fizessem parte apenas de um tempo longínquo, guardado com carinho na memória, mas que não tem se renovado nos últimos anos.

A oitava pergunta refere-se a que tipo de texto o professor costuma ler para seus alunos, conforme demonstrado no Quadro 4:

Quadro 4: Leitura realizada pelo professor para as crianças

Categorias	Textos lidos na sala de aula pelos professores.
Poemas	09
Contos	12
Fábulas	18
Parlenda	04
Outros	03

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir das respostas apresentadas no Quadro 4, destaca-se a preferência docente no trabalho com o gênero literário fábula. Presumimos, a partir dos relatos dos professores pesquisados, que tal escolha tem a ver com o caráter pedagógico desse gênero, sempre tendo uma lição moral a qual se quer ensinar. Assim, relaciona o uso da história com uma reflexão para a vida. Desse modo, reforçando o uso literário em seu viés utilitário, ou seja, a leitura mais uma vez tem função de ensinar. É importante ressaltar que as fábulas chamam muito a atenção das crianças, pela presença de animais que falam e divertem as mesmas. Trazemos um dos conceitos de fábula, que certamente nos ajudará a pensar sobre o porquê de os alfabetizadores preferirem fábulas no cotidiano das aulas:

Fábula é um vocábulo latino, pertence ao mesmo radical de falar (*falulare*). É uma pequena narração de acontecimentos fictícios, que tem dupla finalidade: instruir e divertir. Pequena composição que encerra sempre grande filosofia. Pode ser em prosa ou em verso, [...], nas tramas de fatos alegóricos, cujo enredo é urdido entre animais, pessoas, personagens mitológicos, deuses, etc. A fábula, propriamente, é representada por animais, ou animais e homens (CARVALHO, 1982, p. 42, grifo do autor).

As fábulas ganham um espaço de destaque nas salas de aula, mas ficou claro que esse gênero é frequentemente usado nas práticas de leitura voltadas para alfabetizar. Seguindo com as informações do Quadro 4, os contos são o segundo texto mais lidos em sala de aula, sendo citados por doze professores. Uma das ocasiões em que este gênero não é usado para responder atividades, é no momento da leitura de deleite, que teve papel importantíssimo no decorrer da formação do PNAIC, por trazer uma proposta de leitura cotidiana sem pretensões de responder atividade, muito embora alguns professores usem esse momento para ensinar questões morais, fazendo o caminho contrário da estratégia conhecida como leitura de deleite como pode ser observado a seguir:

Essa estratégia é muito importante nos processos de formação de professores alfabetizadores, pois favorece o contato do professor com textos literários diversos. O momento da leitura deleite é sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre os textos, pois esse momento é de prazer, além de ser de ampliação de saberes (BRASIL, 2012, p. 29).

Essa estratégia foi evidenciada pela proposta do PNAIC e segue na atual formação continuada do professor alfabetizador, assistida pelo estado da Paraíba através do SOMA. Consideramos que essa estratégia foi uma pequena abertura para que a leitura literária chegasse ao espaço de formação e, conseqüentemente, nas salas de aula, nos fazendo refletir sobre o quanto é necessário ampliar esse espaço no tocante à leitura de “deleite”.

Quanto às questões 09, 10, 11 e 12 estão relacionadas a poemas. De modo sucinto, faremos referência às perguntas, a exemplo da questão de número 09: “Costuma ler poemas? Se sim, tem preferência por algum poeta?”. Assim, obtivemos um total de dezessete respostas afirmativas. Os poetas e poetisas de sua preferência foram nomeados da seguinte forma: Vinícius de Moraes (onze vezes), Cecília Meireles (cinco vezes), José Paulo Paes (duas vezes), Ruth Rocha e Cora Coralina, Roniere Leite, cordelista natural de Boa Vista – PB e autor do Hino municipal, Bráulio Bessa e Mário Quintana (uma única vez). Seis professoras responderam que não costumam ler poemas e apenas uma professora disse que lê às vezes, quando os poemas lhe chamam a atenção.

Ao serem indagados pela questão 10. Se eles costumam ler poemas para seus alunos? E no caso de resposta afirmativa, com que frequência fazia isso? Tivemos as seguintes respostas: 21 professores (as) leem poemas para seus (as) alunos (as) e 03 não leem para seus (as) alunos (as). Em relação à frequência com que ocorre a leitura, temos as seguintes respostas: 02 disseram ler diariamente, 02 leem quinzenalmente, 10 (dez professores) leem semanalmente, 05 costumam ler às vezes, 02 não usam uma frequência para a leitura de poemas, mas realizam todos os dias a leitura deleite de acordo com a proposta do PNAIC, 03 (três professores) não leem poemas.

A seleção dos poemas para a realização da leitura em sala de aula está, ainda, relacionada, em sua maioria, a datas comemorativas, segundo a fala dos professores no momento da socialização. Como podemos observar através das respostas dos participantes, os poemas infantis ainda estavam atrelados a ensinamentos, mesmo que não seja para responder atividades. Entretanto, o viés literário a caminho do prazer, do deleite, tem chegado de

maneira suave e com muita timidez. No entanto, faz total diferença, pois pode sensibilizar quem lê e quem escuta, sobretudo, as crianças que não lê convencionalmente.

A leitura de poemas exige dedicação e estratégias “Tendo em vista que a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada” (PINHEIRO, 2018, p. 21). Portanto, não podemos ler de qualquer modo, tem que ter envolvimento, entonação adequada, encantamento de quem lê (professor/criança). Em consonância com Pinheiro, podemos perceber alguns recursos necessários para a leitura de poesia, que podem aproximar o leitor infantil desse gênero a partir da sala de aula. Bordini destaca “Essa sonoridade fonética se alia a ritmos que inicialmente mimetizam os movimentos do emissor, depois a ação física do recitante em situação de brincadeira e, por fim, aparece a recursividade para prender o interesse do leitor ouvinte” (BORDINI, 1986, p. 63). Uma leitura de qualidade realizada com todos os recursos aqui exposto acrescido de performance, poderão cultivar o gosto pela poesia a partir da infância.

Dando seguimento com questionário, no que se refere à questão de número 11, sobre quem já teria levado um poeta da comunidade para sala de aula, e como teria sido essa experiência. Dos vinte e quatro professores apenas (4%) afirmou ter tido esta experiência e registrou esse momento da seguinte forma: “Foi maravilhoso, tanto o poeta se sentiu valorizado, como a comunidade escolar se sentiu lisonjeada”, outro docente (4%), apesar de responder que ainda não teve essa prática, demonstrou interesse pela proposta, afirmando: “Mas, pretendo em breve com esse projeto”. No entanto, ficou evidente que a maioria dos participantes, no total de vinte e três (92%), desta pesquisa não teve a experiência de levar um poeta ou poetisa da comunidade para ler ou recitar poemas infantis na sala de aula.

Quanto à última questão de número 12, que indaga ao participante se ele “Considera importante que seus alunos leiam poesia? E por quê?” Em resposta a essa pergunta, dos vinte quatro participantes, 75% dos professores consideram importante que as crianças leiam poemas; contudo, estão arraigados nas práticas pragmáticas acreditando que os poemas servem para colaborar com questões da leitura e escrita no processo de alfabetizar. De acordo com elas, “quando usamos” rimas ajuda a criança sair da leitura decodificada, por se tratar de um texto pequeno e pela repetição das palavras. A minoria dos alfabetizadores descreveu que a leitura de poemas realizada pela criança no ciclo de alfabetização desperta o prazer e o imaginário da criança.

Diante desse contexto, conseguimos conhecer melhor o perfil de nossos participantes. No entanto, se fez necessário, um último questionário, no final de nossa experiência

formativa, com os professores alfabetizadores, para refletir e comprovar se a formação continuada realizada reverberou na sala de aula. Para tanto, organizamos o questionário com duas perguntas introduzidas de um breve comentário, a saber: Considerando nossa experiência nos últimos meses, no processo de formação continuada com esta pesquisa, gostaríamos de saber qual seu olhar, hoje, sobre a inserção da poesia infantil na sala de aula do ciclo de alfabetização:

- a) Sua prática docente teve alguma mudança no que se refere à leitura de poesia?
- b) Em relação às crianças, você observou também alguma mudança? Se sim, dê um exemplo.

Além do questionário, adotamos outros instrumentos já mencionados anteriormente, como, por exemplo, o Diário de classe, que é um documento oficial e está atrelado diretamente ao contexto de ensino, através dos registros de aulas, subsidiando como importante fonte nas mudanças das práticas de leitura, que favoreceram como dados documentais importantes para reflexões do experimento, como podem observar a seguir.

4 ENCONTRO DE ALFABETIZADORES COM A POESIA

Engajados no propósito de levarmos aos professores formação continuada a partir da poesia infantil e, ao mesmo tempo, verificarmos como essas práticas ecoam nas salas de alfabetização, optamos por desenvolver nossos encontros através de oficinas com roteiros preestabelecidos.

4.1 Desenvolvimento das oficinas

O desenvolvimento dessa experiência ocorreu entre o período de julho a novembro de 2019. A nossa proposta efetivou-se com cinco encontros de formação, totalizando 18 horas, subdivididos em sete oficinas. Os encontros aconteceram em escolas diferentes, três localizadas no espaço urbano, e as outras duas no campo, sendo que uma delas faz parte da comunidade reconhecida recentemente como quilombola.

Nossa proposta de trabalho aconteceu através de oficinas com temáticas que julgamos necessárias para o desenvolvimento de prática com a leitura literária, no que se refere à poesia infantil, a partir do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. No entanto, outros poemas infantis, de outros poetas também fizeram parte das nossas oficinas.

A nossa experiência foi realizada com o apoio da Secretaria de Educação de Boa Vista-PB tendo 100% de adesão por parte dos colaboradores.

O 1º encontro aconteceu na Escola Professora Francisca Leite Vitorino (Zona Urbana), no dia quinze de julho de dois mil e dezenove, pela manhã. Com duração de 2h para cada oficina, a primeira oficina chamamos de “Apresentação de nossa proposta”. Nesse dia, começamos apresentando o projeto de pesquisa aos professores dos anos iniciais, e entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento exigido conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, aprovado com o parecer de Nº 3.310.542. O termo foi lido e assinado unanimemente pelos 24 participantes. Assim, o estudo foi firmado nos paradigmas éticos e científicos considerando os aspectos que envolvem pesquisa com seres humanos. Na sequência, aplicamos o questionário que foi respondido e entregue nesse momento, com algumas perguntas devidamente esclarecidas.

A segunda oficina intitulada de “O vestido de Laura”: uma vivência no espaço de formação. Começou com a leitura do poema “Quinze de outubro dia do professor”, de Rita Maria de Macedo Araújo, poetisa e professora aposentada.

Foto 1: Professora e Poetisa (Rita Maria de Macedo Araújo - Cabaceiras-PB)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Ao ouvirem a leitura nossos participantes se emocionaram e fizeram comentário a respeito do tempo em que eles eram alunos e tinha festa na escola; uma professora relatou que “era de praxe decorar uma poesia”, outra, lembrou que, em um dos eventos realizados na escola, ela ganhou poesia de um rapaz, que hoje é seu esposo. Para finalizar esse momento, outra alfabetizadora referiu-se a sua avó que foi professora da mesma escola na qual ela trabalha atualmente com tom de saudades. Em seguida, o professor e poeta leu o poema “Brincadeiras na infância”, Severino Pereira Lacerda. Ambos os poemas foram pensados como “leitura de deleite”, estratégia advinda do PNAIC.

Foto 2: Professor e Poeta (Severino Pereira Lacerda – Boa Vista – PB)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O professor e poeta Severino Pereira Lacerda faz parte do quadro de servidor público municipal, e participou de todas as formações propostas pela pesquisa, como um “ouvinte”. Atualmente responde pela gestão de três escolas do campo, uma delas está inserida na comunidade quilombola, onde nasceu e passou sua infância, fato este que inspirou a escrever poema “Brincadeiras na infância”. A leitura do poema foi realizada com desenvoltura e a recepção por parte dos ouvintes expressou satisfação através dos sorrisos e aplausos no fim da leitura.

Dito isso, passamos para “O vestido de Laura”, de Cecília Meireles, presente na obra *Ou isto ou aquilo*. Entregamos uma cópia do poema para todos os participantes e usamos para esse momento diversos modos de leitura: em voz alta; com a voz sussurrando; leitura apressada; devagar e por fim a leitura “normal”. Também dividimos os professores em quatro grupos, distribuindo atividades da seguinte forma: a pesquisadora lia a primeira estrofe, o 1º grupo a segunda, que se referia ao primeiro babado, o 2º grupo a terceira estrofe que tratava do segundo babado, já o 3º grupo realizou a leitura da quarta estrofe referente ao terceiro babado, o quarto grupo leu a quinta estrofe. As duas últimas foram lidas por todos os participantes ao mesmo tempo, o que resultou numa sonoridade como de um refrão de música.

Na sequência, as alfabetizadoras tiveram a oportunidade de ilustrar o poema de forma criativa através de desenhos, pintura, recorte e colagem. Para isso, ficaram à disposição dos participantes folhas, lápis coloridos, cola, tesoura, *glitter*, folha de papel crepom. Individualmente, e ou com a colaboração do outro, cada um, deu um toque especial e peculiar para “O vestido de Laura”.

Foto 3: Confeção do vestido pelos participantes



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A foto acima corresponde à produção do vestido de Laura confeccionado pelo grupo dos professores, que denominaram em tom de brincadeira como o “A grife” de Laura. Na socialização, descobrimos, através das falas dos alfabetizadores, que o poema “O vestido de Laura” não era conhecido pelos participantes que estavam presentes na formação, mas foi muito apreciado durante a proposta de leitura e o trabalho posterior.

O 2º encontro aconteceu no dia doze de agosto de dois mil e dezenove, na Escola Bentontit União, localizada no perímetro urbano. Esse também foi dividido em dois momentos, com oficinas diferentes: a primeira teve como título da oficina: *Análise do texto poético na formação continuada: colaborando com os saberes docentes*. Ministrado por Claudenice da Silva Souza.

O poema, enquanto arte encontra-se ainda distante do espaço de formação continuada de professores; em meio a esse contexto é perceptível nos depararmos com práticas de leitura com fins meramente pedagógicos. Por esse motivo, achamos necessário no processo formativo para os docentes em serviço um estudo sobre a análise de poemas, usando os recursos fônicos percebíveis no texto, como: metrificção, rimas, tipos de versos, estrofes e outros.

Para iniciar a oficina, a ministrante teve o cuidado de ponderar a teoria com uma leitura de poema, concomitantemente. Sua proposta de trabalho estava baseada na interatividade, dialogando sempre com os participantes.

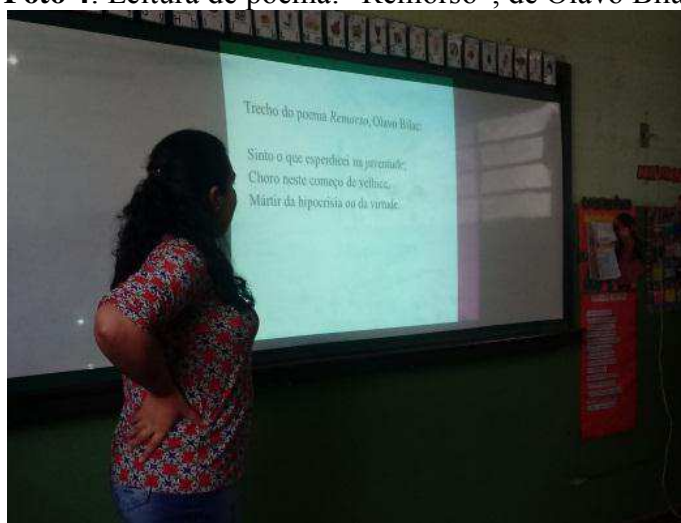
A ministrante da oficina leu “Os poemas”, de Mário Quintana – é importante salientar que nem um dos presentes conhecia o poema, mas gostaram da leitura. Dando continuidade, fez uma leitura em voz alta de um trecho de Bosi (2000), na sequência ela pediu, que se possível, comentassem algo em relação ao texto. Por se manterem um pouco tímidos, no começo, ela iniciou uma reflexão tentando fazer com que compreendessem um pouco melhor do que se tratavam as palavras do autor. Explicou que, de acordo com a citação, colocar uma data no poema não faz com que, apenas por causa disso, ele esteja já totalmente contextualizado. Ele nos fala de uma contextualização que vai além e ultrapassa a data. As imagens e pensamentos que pertencem ao poema antes de tudo nascem no poeta. Essas experiências podem ser do presente, mas também podem fazer parte da infância de quem as vivenciou e, dessa forma, compreendemos que os textos literários são formados por um misto que se entrelaçam. Assim, o autor afirma que há uma peculiaridade nos poemas que lemos e que é preciso conhecê-la para entendermos mais profundamente o texto. Segundo Bosi (2000),

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema (BOSI, 2000, p. 13).

Ao refletir sobre a citação, iniciou-se uma discussão a partir da relação do texto de Bosi (2000) com a prática dos participantes. A professora (M) falou que “nunca pensei que em um poema tinha tantas coisas para ser pensado e trabalhado, até hoje o poema, era apenas um texto pequeno que facilitava para a criança aprender a ler, por conta das rimas.” Alguns docentes falaram “naquele momento” que o poema era bom para trabalhar datas festivas durante o ano letivo.

As rimas estão muito presentes nas atividades propostas no ciclo de alfabetização. Portanto, consideramos necessário, para essa oficina apresentar um pouco a estrutura de poema a partir de Norma Goldstein (1995), como assunto formativo. Os pontos abordados pela ministrante da oficina, no que diz respeito à constituição dos poemas, foram: Métrica tradicional; Ritmo; Escansão; Sílabas poéticas; Esquema rítmico (E.R.); Simetria e Assimetria, de forma sintetizada. Alguns foram vistos com mais ênfase, por chamar mais atenção, seja por apresentar dúvida e/ou interesse.

Foto 4: Leitura de poema: “Remorso”, de Olavo Bilac



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A Foto 4 demonstra um dos momentos de leitura que foi trabalhado durante a oficina. Em continuidade com a formação, a ministrante trabalhou com os poemas: “A valsa”, de

Casimiro de Abreu; “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira; “A casa”, de Vinícius de Moraes. Na sequência, foi demonstrado o quadro com diferentes métricas dos versos.

Durante a socialização, os professores afirmaram não saber que existia estudo detalhado sobre a estrutura de poema, essa informação instigou a promover no futuro mais encontros nessa vertente.

Para finalizar esta oficina, foi realizada a leitura de seis haicais, de Saulo Mendonça Marques, poeta paraibano, que apresenta um olhar delicado para aspectos da natureza. Os professores também não conheciam essa forma poética, mas isso não impediu que eles se encantassem pelos haicais, por serem poemas pequenos, e pela temática da chuva, que é muito importante para toda comunidade local, que sofre com a longa estiagem. Relacionaram a leitura com o seu próprio contexto de vida.

Após o intervalo para o lanche, seguimos com outra oficina intitulada de *Leitura performática de poesia infantil* no processo de formação docente. Para esse momento, foi convidada uma estudante do Curso de Letras da UFCG, que tem experiência em performance, para trabalhar a leitura de poemas infantis.

Acreditamos que o método performático é de fundamental importância na nossa proposta de formação continuada dos alfabetizadores, já que a criança é por natureza performática; esse método permite um contato mais experimental com o texto literário, despertando um desejo de brincar com o poema, que não é mais apenas imagens e sons, mas matéria viva no corpo de quem lê. Dessa forma, o aluno não somente escuta o texto, mas dança, pois ao ler e ouvir o poema, o leitor é afetado por ele e assim se movimenta, com corpo e voz, para externar a sua recepção.

A ministrante pediu para que três pessoas, espontaneamente, lessem “Os sinos”, de Manuel Bandeira. Em seguida, também leu o mesmo poema mudando o tom de voz, de acordo com a musicalidade do poema e do movimento do sino, pois como afirma (ZUMTHOR, 2005, p. 87), “a performance é uma realização poética plena: as palavras são tomadas num conjunto gestual, sonoro circunstancial, tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal faz sentido”. Com essa forma de leitura, o grupo respondeu participando ativamente desse momento.

Considerando necessário, foi apresentado outros conceitos de performance, à luz de Oliveira (2014) que interage com a Estética da Recepção e o método recepcional.

O que importa, na leitura em performance, é o momento do contato entre leitor e o texto, um momento em que um atua no outro, um momento que é

de pesquisa vocal, de investigação de sentidos que emergem em cada experiência de dar voz e corpo ao texto. É fundamental que a imprevisibilidade do gesto e da exploração da palavra possa emergir no ato da leitura (OLIVEIRA, 2014, p. 109).

A relação entre o leitor e o texto vai construindo sentidos e novas experiências que envolvem os ouvintes de forma significativa. A maioria dos professores expôs em outros encontros de formação a dificuldade em ler poesia com entonação e expressão adequada, achando mais fácil trabalhar com a leitura de narrativas. Com essa informação, a ministrante os convidou a dar vida aos personagens de um trecho da peça “O casamento da dona baratinha”, de Waldir Ayala. A leitura foi realizada por diferentes grupos que representavam as vozes de acordo com os personagens. A ministrante ressaltou a importância da entonação e da pontuação para realização da leitura performática, seja para narrativas ou textos poéticos.

Dessa forma, passamos para a leitura de poemas do *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, começando pelo o poema “Enchente”, que movimentou a turma. A leitura chamava a atenção para a emergência dos perigos provocados pela enchente, entoando como um alerta, para que as pessoas se protejam do perigo que traz a chuva também. O poema lembrou a preocupação com o membro da família que está fora de casa ao dizer: “Chama o Alexandre!”, isso pode ser visto nos versos que se repetem.

Foto 5: Performance: a importância da entonação e da pontuação



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A leitura não pode acontecer de qualquer modo, nem no anonimato, tem que ser vista e apreciada. Por isso foi chamada a atenção para a importância da pontuação, o uso das

exclamações e as interrogações que favorecem uma entonação adequada. Alguns professores relataram que a leitura era, muitas vezes, realizada de forma mecânica.

Outro poema que igualmente movimentou toda a turma foi o “Trem de Ferro,” de Manuel Bandeira. Desta vez foi dramatizado e cantado com a participação de diferentes professores para cada estratégia, pois a sala era pequena e no auditório estava havendo recreação para as turmas da educação infantil, mas nem por isso deixou de ser uma experiência significativa e inovadora.

Para finalizar, a ministrante trabalhou com o poema “O pato”, de Vinicius de Moraes, enfatizando cada movimento desastroso do animal, mas que faz toda diferença na leitura performática.

Um fato que consideramos importantíssimo no percurso de nosso estudo foram os comentários das alfabetizadoras relacionadas às oficinas: *Análise do texto poético na formação continuada colaborando com os saberes docentes e Leitura performática de poesia infantil no processo de formação docente*; com os professores de outras modalidades, a exemplo da Educação Infantil e do 4º e 5º anos, após o segundo encontro. Houve inquietações dos docentes que não participaram das oficinas citadas, motivando esses profissionais a pedir que fossem oferecidas essas mesmas oficinas para eles. Diante dessa reivindicação, conversamos com a Secretária de Educação, que imediatamente acolheu a proposta e disponibilizou o que estava ao seu alcance, mobilizando todos da secretaria para colaborar com esse encontro, que foi promovido para os demais professores. Como podemos visualizar na Foto 6 houve uma significativa participação.

Foto 6: Reverberação da formação continuada em outras modalidades de ensino



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

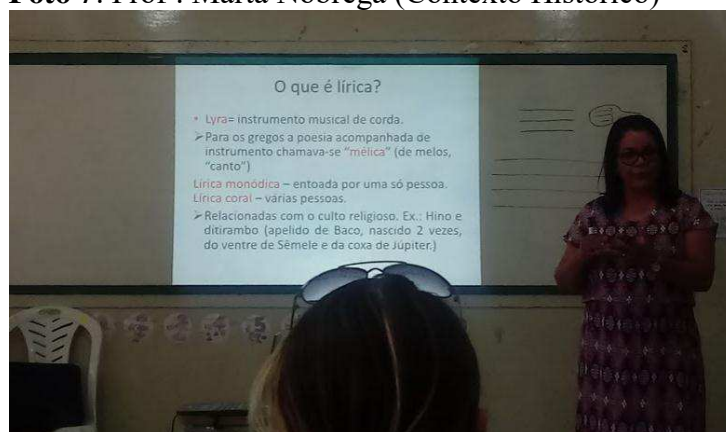
O registro supracitado comprovou a necessidade de formação continuada de professores no espaço formativo, em particular, nessa investigação, no que consiste a poesia, para suprir as lacunas deixadas na graduação.

O 3º encontro foi realizado em uma escola do campo, Manoel Alves Monteiro, em área considerada Quilombola, no dia vinte e cinco de agosto de dois mil e dezenove. Teve duração de quatro horas, sob a ministração da Professora Dr^a. Marta Nóbrega do quadro permanente da UFCG, com a oficina intitulada de *Leitura de poemas infantis: entre a teoria e prática*. Para tanto, levamos em consideração que “o método recepional de ensino de literatura enfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 86). Já que esse método privilegia a interação entre o “leitor e o texto” como podemos perceber no “diálogo” entre Iser (1999) e Jauss (1979). Desse modo, acreditamos que o aporte teórico levou-nos a compreender os caminhos em que a poesia percorre até chegar à sala de aula.

A abordagem do poema, no ambiente de formação, para que possa reverberar de forma prazerosa na sala de aula, é necessário perpassar pelos “saberes científicos, experiências, curriculares e culturais” como bem lembra Tardiff (2014) e metodologias usadas para motivar os participantes a refletir sobre as práticas de leitura.

Dito isso, a oficina teve início com a leitura do poema “Essa Negra Fulô”, de Jorge de Lima; prosseguindo com uma síntese histórica do percurso que a poesia fez até chegar aos dias atuais, dentro e fora do contexto escolar. O poema gerou muitas interpelações dos participantes desta pesquisa. A professora (G) afirmou “não tivemos nenhuma disciplina que realizasse um estudo tão rico”; uns, lamentaram essa lacuna, outros silenciaram e ficaram muito atentos a tudo que era dito e lido, até que terminou a exposição. A professora (N) disse que, “não fez nenhum comentário, pois estava anotando muitas informações, uma oportunidade como essa, é difícil de acontecer.” (PROFESSORA (N), 2019).

Foto 7: Prof^ª. Marta Nóbrega (Contexto Histórico)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O grupo em questão é carente de formação teórica e prática no que diz respeito à literatura infantil. Por isso, surgiu a necessidade em promover encontro formativo, como a proposta trazida pela ministrante, para contribuir com questões que ficaram ausentes durante a formação na graduação dos participantes.

O segundo momento do encontro foi direcionado para as vivências com as poesias de Cecília, em grupos pequenos, e quando necessário em outros maiores. O poema escolhido foi “A canção dos tamanquinhos”, que é um poema muito atrativo para trabalhar com o público infantil, por conta da onomatopeia e o ritmo. Os professores foram chamados para dramatizar, enquanto a ministrante realizava a leitura, todos participaram ativamente dessa atividade.

Na sequência, houve a apresentação do poema “As duas velhinhas”, que chamou atenção dos docentes, por se tratar de duas mulheres que celebram a vida conversando sobre o que está a frente delas, isso é demonstrado nos versos “Uma diz: Como a tarde é linda” e a outra responde “Como as ondas dançam”. Diante de muitas saudades representadas em outros versos, quando Marina diz “Ontem eu era pequenina” e tem a resposta de Mariana “ontem, nós éramos crianças”, as duas velhinhas dividem uma varanda e histórias de vida. Essas imagens trazidas pelos poemas assemelham-se a histórias reais vividas entre as “velhinhas” no município de Boa Vista – PB, no entanto possivelmente, acompanhadas de um café, ao invés do chocolate e do vento passeando entre as folhas secas e refrescando a tarde quente, ao invés de ondas dançando.

Nesse contexto, a ministrante lê o poema, depois divide os participantes em dois grupos: de um lado a turma que representou Marina e do outro lado Mariana, tendo como eu lírico (espécie de narrador) a professora Marta, na sequência a proposta foi para que três alfabetizadores voluntariamente dramatizassem o poema. Logo, tivemos os nossos

participantes em ação dando vida ao poema. A professora (S) fez uma observação importante, quanto ao número significativo de crianças que convivem no mesmo espaço e ou muito próximo de seus avôs e de pessoas idosas.

Dando continuidade, seguimos com “Procissão de pelúcia”, que mais lembra um trava-língua; ele diverte com o jogo das palavras, envolvendo as crianças e todos que tem a oportunidade de ler. Esse foi lido uma, duas, três vezes, parecia uma brincadeira por movimentar o grupo, nenhum dos participantes o conhecia.

O poema “O eco” fez parte dessa oficina, sendo lido por um participante e os demais faziam o eco nos versos “Mas o eco só responde: “Onde? Onde?” e “Migo”, porém os professores acrescentaram eco nas palavras ESCONDE (ooonde) e COMIGO!(miiiigo) que foi lido com a participação dos docentes. Entre uma leitura e outra os docentes iam relatando suas experiências vinda de suas salas de aula, como por exemplo, a leitura do poema fatiado que reverberou posteriormente em outras turmas.

“A pombinha da mata” foi lida uma única vez, pela ministrante, mas com uma intensidade que “silenciou” e arrancou suspiro, por representar tão bem a região do cariri, ambiente de sua morada. Como se aproximava o horário de encerrar o encontro, e não havendo possibilidade de prolongar, haja vista, que alguns professores trabalham em outros municípios.

Na avaliação da oficina os participantes expressaram a satisfação de estarem presentes naquele momento, em que foi relacionado a poesia ao contexto histórico, e também práticas de leitura, já que a maioria dos alfabetizadores não tiveram a oportunidade de vivenciar disciplina literária na graduação.

Finalizando esse encontro, passamos para “O último andar” que foi lido em voz alta, pela formadora Marta Nóbrega, para demonstrar como é interessante que o professor leia sempre para e com suas crianças em sua sala de aula. Pois, “muitos professores se confessam inseguros para ler um poema em voz alta para seus alunos” (PINHEIRO, 2018, p. 29). É importante salientar, que a partir de nossa proposta de formação continuada com a poesia infantil, através das oficinas, surgiu à oportunidade de levar a leitura de poemas realizada pelas crianças todas as manhãs, na rádio local 87.9 Boa Vista FM, começamos com Marta Nóbrega, após a oficina que ela ministrou.

Foto 8: Leitura “O último andar”, FM 87,9



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Durante a programação da rádio divulgamos nosso projeto “Poesia e escola sintonizado com você”.

O 4º encontro aconteceu no dia dezenove de outubro de dois mil e dezenove, na Escola Francisca Leite Vitorino, com a oficina denominada de “Ou isto ou aquilo: leitura oral no espaço de formação”.

Iniciamos com uma dinâmica que nomeamos de “Caixinha dos poemas”; nesse recipiente colocamos os números de sete a sessenta e três, equivalente às páginas que contém os poemas da obra *Ou isto ou aquilo* (2012). Deixamos o livro no centro da sala para facilitar o movimento dos participantes quando necessário utilizá-lo.

A brincadeira apresenta semelhança com o jogo “Batata Quente”. A caixinha ia passando ao som de uma música, e quando esta parava de tocar, o participante que estivesse com a caixa na mão retirava um número que correspondia a um poema e o lia em voz alta para o grupo e de maneira performática. O primeiro número sorteado foi o 63, que representou “Ou isto ou aquilo”. Seguiu-se uma sequência por ordem de “sorteio” terminando com o número 7 que foi “O colar de Carolina”. Após esse momento, formamos quatro grupos, com seis professores, cada um. Os participantes tinham como atividade propor estratégias de aula que envolvessem a leitura de um dos poemas lidos durante nossa pesquisa na formação continuada.

Ler poema não é fácil, requer uma postura de entrega, ou seja, um envolvimento maior entre o leitor e o texto, uma vez que, “[...] o poema exige do seu leitor um olhar mais atento à página, uma ativa mobilização do conteúdo intelectual e afetivo preexistente ao contato, um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações, à medida que a leitura progride” (BORDINI, 1986, p. 31). É essencial experimentar leituras com várias possibilidades, a começar por realização oral, repetições e convivência com o gênero, atitudes

de apreciar, internalizar e relacionar a poesia com o horizonte das expectativas das crianças, sem que haja pressa, mas que seja prazerosa a leitura.

Segue a seguir as fotos retiradas de gravações do encontro de formação de professores. Desse modo, sugerimos um único objetivo para todos os grupos, a saber: Pensar em uma proposta que abordasse a leitura de poesia infantil no viés literário, para as turmas do 1º, 2º e 3º anos e multisseriada, usando a leitura em voz alta.

Os grupos e suas propostas

Grupo I: “Cantigas para adormecer Lúlu”

Foto 9: Leitura de “Cantigas para adormecer Lúlu”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

ESTRATÉGIAS DO GRUPO PARA LEITURA DE POEMA

1. Entrega do poema impresso para os alunos;
2. Leitura pelo professor;
3. Fatiar o poema e entregar versos separadamente, mas na sequência para que as crianças leiam;
4. Leitura em voz alta de todo o poema, por todos presentes na sala de aula;
5. Roda de conversa sobre o poema, começando com a pergunta: o que você mais gostou no poema?

Grupo II: “Leilão de jardim”

Foto 10: Leitura de “Leilão de jardim”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

ESTRATÉGIAS DO GRUPO PARA LEITURA DE POEMA

1. Apresentar o poema para turma;
2. Ler para as crianças;
3. Ler o poema com estratégias diferentes, por exemplo: por fila, grupo e por estrofes, a partir do comando do professor, sussurrando, em voz alta, gesticulando e outros;
4. Fazer pintura de imagens, modelagem Com E.V.A e massa de modelar relacionada aos elementos vendidos no leilão;
5. Sair com as crianças para procurar um ninho de passarinhos e formigueiro no perímetro da escola;
6. Construção da maquete sobre o poema, junto com os alunos;
7. Realização do leilão;

Grupo III: “Ou isto ou aquilo”

Foto 11: Leitura de “Ou isto ou aquilo”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

ESTRATÉGIAS DO GRUPO PARA LEITURA DE POEMA

Observação: O professor deverá levar alguns artefatos em caixas diferentes e convidar uma criança por vez, e perguntar o que ela escolheria a exemplo: um doce ou brinquedo? Para poder apresentar o poema.

1. Distribuir o poema impresso para as crianças;
2. Leitura em voz alta realizada pelo professor;
3. Dividir a turma por estrofe e fazer a leitura do poema;
4. Ilustração do poema;
5. Leitura em voz alta por toda turma no mesmo momento.

Grupo IV: “Colar de Carolina”

Foto 12: Leitura de “Colar de Carolina”



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

ESTRATÉGIAS DO GRUPO PARA LEITURA DE POEMA

1. Escrever o poema no quadro (lousa);
2. Apresentar o título do poema e perguntar o que as crianças imaginam sobre ele;
3. Ler os versos por fila, na sequência todas as crianças deverão repetir;
4. Leitura em voz alta pelo professor;
5. Criar o colar de Carolina, usando a criatividade com o material que estiver disponível;
6. Leitura em voz alta realizada pelos alunos.

Os participantes demonstraram interesse na leitura com performance e, sobretudo, em voz alta. Alguns relataram sentir-se realmente envolvidos com esse jeito de ler poemas, na formação e que passariam a “usar” na sala de aula, com as crianças. Isso nos levou a ideia de

que “alguns poemas são captados mais profundamente após a realização oral” (PINHEIRO, 2018, p. 30).

Na segunda etapa desta oficina, os alfabetizadores escolhiam um poema e confeccionavam um cartão para uma troca de “poema secreto”, funcionando como “amigo oculto”, o que oportunizou todos a vivenciarem mais um momento de leitura.

Percebemos que durante a formação continuada, com a vivência formativa de prática de leitura de poemas infantis, os professores se envolviam e participavam de modo efetivo e por vezes afetivo também, a partir da aproximação do leitor com o texto poético.

Destarte, até o momento desse encontro, ainda não tínhamos trabalhado com o poema “A pombinha da mata”, de Cecília Meireles, (2012). É válido salientar que, essa proposta de leitura a que nos referimos com esse poema, surgiu inicialmente na sala de aula da professora (U) e reverberou na formação, como podemos ver na Foto 17, ecoando diretamente em outras turmas do ciclo de alfabetização. Este é um dado muito importante, para observarmos como a formação repercutiu no cotidiano dos profissionais envolvidos com esta pesquisa.

Foto 13: Oficina *Ou isto ou aquilo*: leitura oral no espaço de formação



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Essa imagem retrata um dos momentos da oficina “Ou isto ou aquilo: leitura oral no espaço de formação”. Colocamos em evidência o fato de que essa experiência partiu de uma prática na sala de aula que reverberou na formação. A presença da gaiola com a frase “Liberte um poema”, mobilizou os participantes da pesquisa, de modo espontâneo a libertar os poemas “aprisionados” através da leitura. O instrumento em questão está reservado em um cantinho da sala, isso faz parte do nosso objetivo enquanto formador. Podemos perceber a professora retirando e libertando um poema, mesmo antes de começar oficialmente nosso estudo.

A estratégia com o recurso da gaiola, com alguns ajustes à proposta original, a exemplo de não levarmos a um espaço tão agradável quanto o ambiente do campo.

Colocamos os números entre sete e sessenta e três que correspondem a sequência dos poemas do livro *Ou isto ou aquilo* e espontaneamente os participantes “libertavam” e liam em voz alta.

O 5º e último encontro foi realizado no dia cinco de novembro de dois mil e dezenove, na Escola Severino Tavares da Silva, localizada no campo, com duração de quatro horas. A oficina teve início com algumas propostas de leitura realizadas nas suas salas de aula a partir das formações continuadas durante nossa pesquisa.

O primeiro momento aconteceu em uma área aberta, dentro do perímetro da escola, embaixo de uma árvore, onde havia uma gaiola com poemas “presos”, prontos para serem libertos e lidos.

Participaram desse momento professores, crianças, gestores, coordenadores pedagógicos, secretária de educação e o Professor Hélder Pinheiro, nosso orientador. Na sequência fomos para o pátio fechado e prosseguimos com a apresentação dos participantes (nomes, turma/série, campo/cidade). Feito isso, passamos para outro momento, onde crianças de diferentes escolas foram ler poemas segundo a abordagem feita por sua professora durante nosso estudo, em suas respectivas salas de aula.

Foto 14: “Café com poesia”, (2º ANO)



Fonte: Rede social, WhatsApp (2019).

Essa abordagem de leitura foi realizada pela professora (J) de uma turma multisseriada (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos) e partiu de uma vivência na sala de aula, onde pessoas da comunidade local e poetas da terra foram convidados para ler e ouvir poesia infantil. No ambiente, tinha

uma mesa com xícaras e em uma de suas asas um rolinho com um poema; ao lado havia um banquinho para que os presentes sentassem e tomassem um cafezinho, enquanto a criança lia para os presentes. Essa e outras propostas foram levadas para esse encontro para serem compartilhadas entre os participantes da pesquisa.

No segundo momento, o professor iniciou o diálogo mediando suas experiências com o contexto de formação, e fez considerações sobre a importância da poesia na sala de aula, ponderando a necessidade de trabalhá-la a partir da dimensão estética, objetivando promover a sensibilidade e prazer. Ele parte da leitura, como em um ato certo de dar vida ao poema, em uma relação estabelecida entre o texto poético e um leitor experiente.

Foto 15: Leitura de poesia na formação continuada



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Entre reflexões, informações e indicações, o professor lia um poema por vez, dentre eles: “O cavalinho Branco”, “A pombinha da mata”, “O menino Azul” todos pertencentes ao *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. Leu também “O girassol” e “Caixa mágica de surpresa”, de Elias José; “Porquinho da índia”, de Manuel Bandeira; “Lobisomem”, de Eucnaã Ferraz, demonstrando desenvoltura, adquirida com as vivências no percurso de sua formação, o que é de fundamental importância. A experiência do leitor poderá sensibilizar a participação “ativa e criativa daquele que lê [...]”. (BORDINI; AGUIAR 1988, p. 86). Desse modo, podemos perceber a sua intimidade com a poesia. Essa forma de ler fisgou os olhares, atenção e admiração de todos os presentes.

Em um breve “cochicho” entre alguns, surgiu a pergunta “Como fazer para ler tão bem?” (Diário de campo, 12 de novembro de 2019). Para tanto, conforme escreve o autor

“Carecemos de ler e reler o poema, de valorizar determinadas palavras, descobrir as pausas adequadas e, o que não é fácil, de adequar a leitura ao tom do poema”, (PINHEIRO, 2018, p. 30).

Para finalizar o encontro, houve uma breve avaliação oral sobre nossa experiência formativa com oficinas durante este estudo. Na sequência, passamos para a “Poesia secreta”, que funcionou como “um amigo secreto” e entrega de um pequeno questionário com questões abertas, para ser devolvida posteriormente.

Para melhor organizarmos as ideias apreendidas a partir das oficinas realizadas no decurso desta pesquisa e entender as projeções que elas nos lançaram, refletiremos, no próximo tópico sobre as categorias de análise, a saber: *Leitura em voz alta: entre risos e suspiros* e *A busca da livre expressão*. Retomamos aqui os diários de classe dos professores envolvidos no experimento.

4.2 Diário de classe

Dada à importância dos documentos que fazem parte oficialmente do contexto de ensino, buscamos um suporte no Diário de Classe através dos registros das aulas de 2019 do ciclo de alfabetização, com intuito de ampliar os dados. Diante de um total de 5.000 aulas descritas no total por todos os participantes no cotidiano de seu ofício, no universo de 25 turmas, percebemos 309 aulas com alusão a poemas infantis, sendo 49 referentes ao primeiro bimestre e 260 ao segundo, o que evidencia um acréscimo expressivo de um período a outro.

Desse total, 112 registros aparecem nos dados da Caderneta com os títulos dos poemas, porém não identifica o poeta ou poetisa, 65 indicam que esse gênero literário fez parte da aula, mas sem apresentar muitos detalhes, em relação a título e autoria. Ainda nesse mesmo perfil, 4 são cordéis com histórias locais. Dentre os 112 já mencionados estão descritos seguintes títulos e autores: Ruth Rocha, a saber: “Valsa das pulgas” e “O direito das crianças”; Vinicius de Moraes: “As borboletas”, “A foca”, “O pato”, “O relógio”, “A porta”, “A casa”, “O elefantinho”, “A galinha D’angola”, “O gato”, “O pinguim”, “O porquinho”, “Natal”, “O ar”, “A corujinha”; Pedro Bandeira: “Pontinho de Vista”; Elias José: “A casa e seu dono”, “O sol e a menina”, “O girassol”; José Paulo Paes: “Gato da China”, “Paraíso”; Manuel Bandeira: “Trem de Ferro” e “Os sinos”, de Cecília Meireles foi registrado: “Colar de Carolina”, “Jogo de bola”, “Leilão de Jardim”, “A bailarina”, “O menino Azul”, “As meninas”, “As duas velhinhas”, “O último andar”, “A língua do nhem”, “A avó do menino”,

“O vestido azul”, “Enchente”, “Eco”, “O menino dos FF E RR”, “Os pescadores e as suas filhas”, “A pombinha da mata”, “Cantiga para adormecer Lúlu”, “A Chácara de Chico Bolacha” e “Ou isto ou aquilo”.

De acordo com as informações apresentadas acima e dos relatos feitos pelos docentes nas oficinas, durante a formação continuada alguns poemas aparecem no Diário de Classe apenas uma vez. Esse dado é considerado importante, já que nunca foram trabalhados anteriormente nas aulas dos participantes.

É pertinente salientar que, apesar de todos os professores participarem das mesmas oficinas, cada um tinha a liberdade de definir como trabalhar com o gênero em estudo, a partir de sua própria dinâmica, isso ficou muito evidente no registro das aulas na Caderneta escolar. Consideramos essa prática interessante, pois a formação refletiu sobre as práticas de leitura realizadas nas salas de aula, encaminhou algumas propostas metodológicas, abriu espaço para a criatividade.

Temos ciência que essa abertura, para o fazer “acontecer” com leitura de poemas nas salas de alfabetização a partir da formação continuada, é uma oportunidade de levar e cultivar a sensibilidade de mais pessoas. No entanto, corremos o risco de encontrar abordagem de leitura para fins pedagógicos, moralizantes, mas também com viés literário, como podemos comprovar na sequência dos registros de aulas nas fotos a seguir:

Foto 16: Poema com fins pedagógicos e ao mesmo tempo datas comemorativas

The image shows a handwritten record from a teacher's notebook. The text is written in blue ink on lined paper. The record is organized into sections:

- Conteúdo:** Poema dia da mamãe. Inicial m.
- Atividades Trabalhadas:** Roda de conversa escrita e leitura de poemas ilustração escrita e estudo de balancetes iniciais com m.
- Assinatura:** [Redacted]
- Aula Nº:** 51
- Data:** 07/05/2019

Fonte: Secretaria de Educação (2019).

É comum encontrarmos no ciclo de alfabetização o uso de poemas para trabalhar a relação fonema e grafema no início das palavras. Embora a nossa pesquisa lance a proposta literária, aqui não foi informado o poeta ou poetisa, esse modelo de registro de aula é recorrente.

Foto 17: Poemas com propósito moralizante

Conteúdo	Poema
Atividades Trabalhadas	Leitura do poema "Por enquanto sou pequeno", ressaltando a infância. Atividades que as crianças podem ou não podem fazer.
Assinatura do (a) Professor (a)	[Assinatura]
Aula Nº	152
Data	19/10/19

Fonte: Secretaria de Educação (2019).

Esse tipo de abordagem sempre tem como pretexto usar o poema para “ensinar” algo, e nesse caso, em específico, que a criança aprenda a se “comportar”, filtrando a criatividade e energia inerente a essa fase da vida, impondo regras preestabelecidas pelo que adulto acredita ser correto.

Foto 18: Poema no viés literário

Conteúdo	Português / Artes • Poema "As Borboletas" • Fazer artístico
Atividades Trabalhadas	Leitura em voz alta do poema de acordo com os comandos, montagem do texto fatiado no cartaz, roda de conversa sobre as crianças, recorte e colagem de borboletas.
Assinatura do (a) Professor (a)	[Assinatura]
Aula Nº	128
Data	09/09/2019

Fonte: Secretaria de Educação (2019).

A foto acima é um reflexo das oficinas realizadas durante a formação continuada no decorrer da pesquisa, que reverberou nas práticas de leitura, chegando às salas de aula de diferentes professores, e em contextos distintos.

Verificamos que a maioria dos professores registraram os poemas nos espaços referentes aos conteúdos como sendo gênero textual, observem o registro abaixo:

Foto 19: Turma multisseriada

Conteúdo	Gênero textual: Poema	
Atividades Trabalhadas	Leitura de poema leitura de poesia em sala de aula com elaboração, ilustrando o poema	
Assinatura do(a) f	[Redacted]	
Aula Nº	123	Data 30/08/19

Fonte: Dados da Secretaria de Educação (2019).

Diante dessa constatação, refletimos sobre a necessidade de continuarmos com a formação continuada no contexto literário na modalidade da alfabetização nos anos iniciais, para tentar suprir algumas lacunas que encontramos durante o período da pesquisa. Acreditamos que essa experiência permitirá ampliar os conhecimentos dos docentes quanto à vivência nesse contexto, bem como nos aspectos formativos, teóricos e metodológicos.

É importante salientar que os dados adquiridos foram do Diário de Classe convencional, mas o município aderiu para o ano de 2020 o Diário *on-line*.

Outra informação significativa é que o gênero literário em estudo, não foi usado nas avaliações das crianças como em anos anteriores, segundo o que está escrito no documento, acompanhado da fala da Coordenadora dos Diários, Ana Rita de Almeida (*in memoriam*).

Percebemos com esse levantamento, a partir do Diário de classe, que algumas experiências com poema não foram registradas, isso indica a necessidade de analisar com cuidado todos os dados disponíveis interpretando-os a luz de diferentes teóricos.

4.3 A busca pela compreensão da nossa experiência: categorias de análise

A vivência de diferentes oficinas de leitura de poemas ofereceu inúmeras questões para reflexão. Tendo em vista a impossibilidade de abordar a totalidade do experimento, elegemos duas categorias de análise que revelam as reverberações em sala de aula.

Na segunda categoria, almejamos evidenciar alguns momentos de subjetividades das crianças a partir das livres expressões inspiradas pelas leituras de poemas em sala de aula.

Nessa etapa contamos com a colaboração de Bordini e Aguiar (1988) e Pinheiro (2018) que nos auxiliaram a refletir sobre as práticas dos docentes que abordam a leitura de poemas no viés literário, e que reverberaram durante a pesquisa e continuam reverberando nos dias atuais nas salas de alfabetização a partir da formação continuada.

Seguindo ainda com o pensamento de Bardin (1977), a categorização semântica foi utilizada para o tratamento do conteúdo das mensagens, como podemos conferir a seguir:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1977, p. 117, grifo do original).

Com o procedimento de categorização, faz-se necessária uma sistematização das temáticas selecionadas para este estudo. Desse modo, com base nas leituras e releitura dos dados, definimos as duas categorias de análise do presente estudo, que são: 1. “Leitura em voz alta: entre risos e suspiros” e 2. “A busca da livre expressão”.

A categoria 1. “**Leitura em voz alta: entre risos e suspiros**” nasce a partir dos dados obtidos no decorrer da pesquisa, e nos oferece uma ampla reflexão acerca das abordagens de leitura em voz de poesia infantil na sala de alfabetização para e pelas crianças.

As vivências com a poesia infantil nas salas de aula descritas nessa parte correspondem à organização da categoria 1. **Leitura em voz alta: entre risos e suspiros**, a qual julgamos necessária para nossas reflexões, tanto em relação à abordagem de leitura em voz alta na formação docente continuada quanto às reverberações nas salas de alfabetização.

A categoria 2. “**A busca da livre expressão**” foi formulada buscando perceber as reverberações, que além dos objetivos desta pesquisa, que consiste em: “observar em poemas do livro *Ou isto ou aquilo*, os recursos expressivos que contribuam para aproximação do leitor infantil”.

4.3.1 Leitura em voz alta: entre risos e suspiros

A leitura oral tem um papel imprescindível na formação do leitor. Conforme Pinheiro (2018, p. 32) “a prática da leitura em voz alta é um instrumento importante para uma aproximação ao poema e, no contexto de sala de aula, quando bem realizada, pode despertar o

interesse de muitos leitores”. Nesse sentido, nos reportamos também aos efeitos recorrentes de risos e suspiros provocados quando professores e crianças deste estudo, em diferentes salas de aula, liam os poemas em tom de voz alta, para que todos os presentes ouvissem. Na tentativa de ilustrar essa situação, usamos a fala da professora (U) “Nunca pensei, que uma simples leitura realizada pelas crianças se transformasse em festa.” (Diário de Campo, 11 de novembro de 2019).

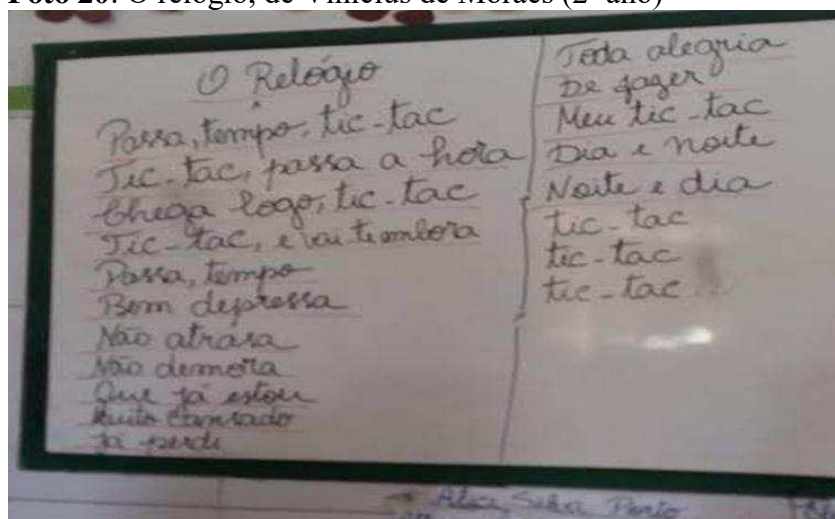
Mediante o exposto, refletiremos sobre algumas práticas de leitura de poemas infantis anteriores à formação continuada de professores e as mudanças ocorridas durante esse processo formativo no contexto literário, lembrando que “se faz necessário destacar a percepção da importância da leitura oral do poema – e do texto literário em geral.” (PINHEIRO, 2020, p. 16).

A expressão facial de alegria e contentamento demonstrada através do corpo no momento de leitura possibilitava ver e ouvir os risos e sussurros das crianças, desejando ler um poema para os demais colegas de sua turma. Desse modo, essa “é uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor” (PINHEIRO, 2018, p. 18).

Usualmente, o termo alfabetizar está associado às práticas de leitura eminentemente tradicionais. Essa ação representa, ainda hoje, o paradigma adotado no cotidiano escolar das séries iniciais do ensino fundamental, sobretudo, dentro do ciclo, quando as crianças estão no processo inicial de ler, conhecendo os signos linguísticos. A leitura nesse contexto vem sendo efetuada, na maioria das vezes, de forma mecânica, utilizando-se da poesia para trabalhar questões de gramática e ortografia, apoiados no livro didático.

Esse foi o cenário que encontramos, aproximadamente, durante os dois primeiros encontros formativos de nossa pesquisa. A abordagem com leitura de poemas, segundo relatos dos participantes, vinha acrescida de pretexto para trabalhar conteúdos de distintas disciplinas, acompanhados de leitura silenciosa. Isso foi possível perceber mediante observações nos acompanhamentos pedagógicos, realizados nesse período, a exemplo da proposta que partiu do poema “O relógio”, de Vinicius de Moraes, para introduzir o eixo da matemática - Grandezas e medidas – e desenvolver o conteúdo Tempo (hora), demonstrado na Foto 20:

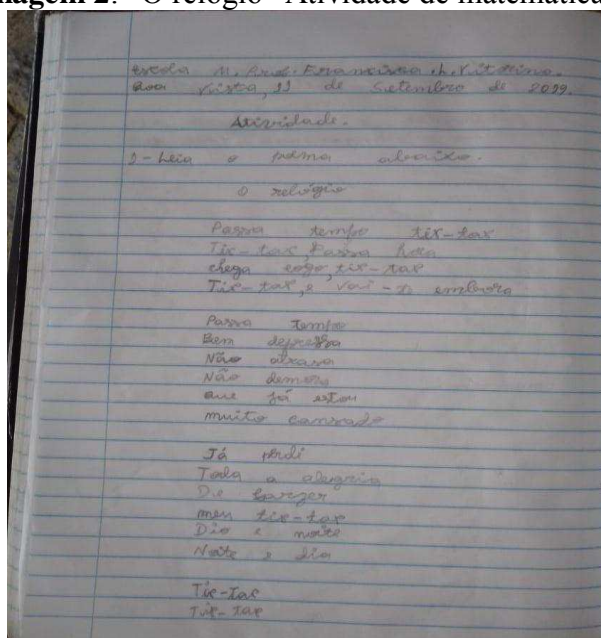
Foto 20: O relógio, de Vinícius de Moraes (2º ano)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O uso de poemas no contexto escolar, em algumas situações, tem o propósito de ensinar conteúdos em diferentes “áreas de conhecimentos”, a exemplo, “O relógio”. De acordo com o plano de aula da professora (D), a proposta de trabalho, aqui apresentada, consistiu em três etapas: a primeira foi a escrita do poema no quadro pela professora, seguida de uma leitura realizada pela professora acompanhada silenciosamente pelas crianças. O segundo passo foi apresentar um relógio grande de E.V.A explicando a hora exata. O terceiro procedimento trata de uma atividade corriqueira, na qual a criança copia as instruções que estão na lousa e em seguida responde as questões, que, nesse caso, estavam direcionadas para serem realizadas em casa, com correção para próxima aula, como podemos conferir nas imagens, a descrição atividade de casa.

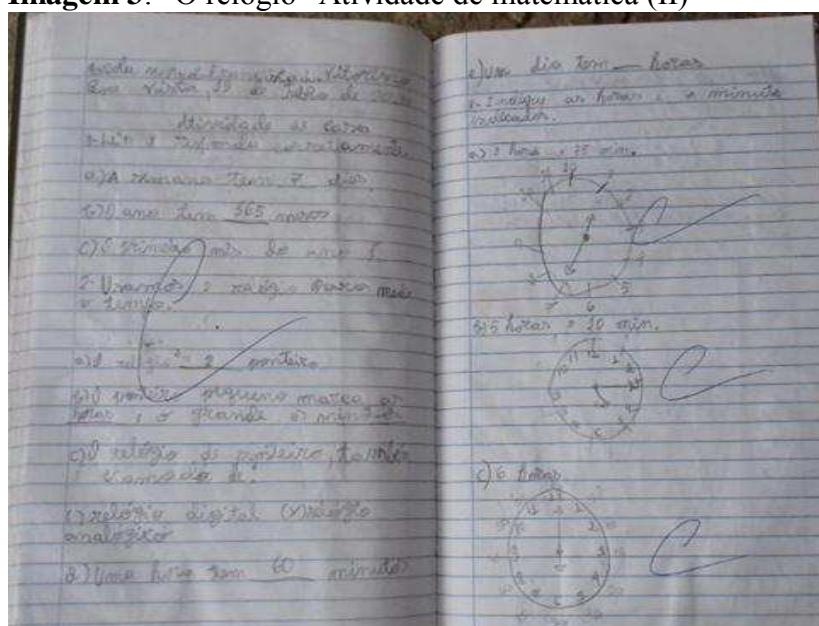
Imagem 2: “O relógio” Atividade de matemática (I)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Essa proposta de exercício é uma constante na sala de aula, sobretudo nas escolas públicas, pois quando essa instituição tem livro de poesia, o número de exemplares não é suficiente para o acesso de todas as crianças, sendo necessária a escrita na lousa para realizar atividade que vem na sequência, como podemos comprovar na Imagem 22.

Imagem 3: “O relógio” Atividade de matemática (II)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A leitura de poemas realizada no seio das escolas é uma prática antiga. Nessa atividade, ela serviu para introduzir o conteúdo sobre o Tempo (hora exata). Nos dias atuais, essas práticas ainda permanecem com a finalidade de festejar momentos cívicos ou sociais. Porém, muitas vezes, o que ocorre é na verdade uma memorização do poema, sem significado para a criança.

A professora a qual identificamos pela letra (J) ao responder o segundo e último questionário, relatou que “Eu costumava usar o poema só nos momentos de comemorações, não tinha muita intimidade com esse gênero, mas na formação descobri que trabalhar com ele é muito interessante, e pode alegrar as nossas aulas” (PROFESSORA (J), 2019, Turma: Multisseriado).

Seguimos com uma aula realizada em uma turma do 3º Ano, em uma escola localizada na zona urbana, numa turma com (15) alunos.

Foto 21: Poema: dedicado ao dia dos pais (Data comemorativa)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

É comum encontrarmos poemas nas comemorações das datas festivas no decorrer do ano letivo separamos o “Dia dos pais”, para confirmar essa prática tão corriqueira no cotidiano escolar, durante o ensaio das crianças no Anfiteatro da escola, acompanhado da narrativa da professora, como podemos verificar na fala dela.

Estamos no anfiteatro da Escola Bentonit União, para fazer uma atividade do projeto sobre o poema, agora no momento é uma leitura compartilhada¹², vai ler menino e menina, separadamente, e depois vamos para a produção textual, que é produzir um poema relacionado ao pai. (TRANSCRIÇÃO¹³ de um vídeo, 05/08/2019, Turma: 3ºano).

¹² Leitura compartilhada não está de acordo com o sentido real, aqui é entendida como leitura sequenciada.

¹³ A devida transcrição foi realizada tal qual a fala da professora.

Segundo a professora, esse momento teve início na sala de aula, com a distribuição do poema para as crianças que tem por título “Dia dos pais”, seguido de várias leituras.

Esse fato é confirmado a partir da transcrição do registro no Diário de Classe. Vejamos a descrição da aula através do documento oficial da escola.

Foto 22: Registro de aula (3º ano)

Conteúdo Poemas de homenagens para o "Dia dos Pais"

Atividades Trabalhadas Produção textual de poemas, leitura com entonação

Assinatura do(a) Professor(a):

Data 09/08/19

Aula Nº 159

Fonte: Secretaria de Educação (2019).

Essa não é uma temática isolada para atribuir abordagem de leitura de poemas em datas comemorativas; temos outras que permeiam durante o ano letivo, realizadas por diferentes professoras, como: “Circo”, “Páscoa”, “Dia das mães”, “Festa junina”, “Dia do amigo” e “Natal”. Nesse período, só tínhamos realizado o primeiro encontro formativo referente à poesia, sem muitas informações, assim a abordagem de poemas na sala de aula, por sua vez, permanecia de acordo com os conhecimentos anteriores à formação. Dito isto, reportamo-nos as ideias de Souza (2012), ao afirmar que:

[...] os motivos apresentados para a escolha da poesia a ser utilizada como material de ensino concentraram-se na verificação simplista da existência ou não de rimas, de ritmo “entonado” e de linguagem acessível, na temática que emociona e desperta interesse, na referência possível às datas comemorativas e na possibilidade de utilização pedagógica para a formação do comportamento dos leitores (SOUZA, 2012, p. 85).

Com a vivência das oficinas oferecidas durante a formação desta pesquisa, conseguimos perceber mudanças nas práticas de leitura à medida que os encontros iam acontecendo, a exemplo do poema “O vestido de Laura” que foi trabalhado em sala de aula por 90% dos participantes, seguindo a proposta do primeiro encontro, na formação dos

professores, levando em consideração que “A sonoridade, a dimensão do oral é um filão explorado na obra: incita-se o leitor a enveredar pelas trilhas da voz, da oralidade.” (PINHEIRO, 2020, p. 11). Diante disso, além do previsto da sugestão original, a professora (D) entregou uma cópia, individualmente, para que cada criança colasse no caderno, levasse para casa e lesse no mínimo para uma pessoa da família, no outro dia as crianças deveriam contar como foi essa experiência. Dessa forma, a leitura de poemas foi chegando às famílias, à medida que a formação ia acontecendo os parentes das crianças enviaram vídeos e também fotos, como podemos visualizar abaixo:

Foto 23: Aluna do 2º ano, Zona Urbana, atividade de casa



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A alfabetizadora ficou satisfeita com o retorno da família. No dia seguinte, os responsáveis pelas crianças, expressaram a satisfação em ouvir a leitura do poema, em uma conversa informal, no corredor da escola, com a professora pediram para ter mais atividades com “textos bonitinhos” como aquele do vestido. Já que a ideia era favorecer uma leitura por e com prazer, acreditamos que diante desse “pequeno” relato a docente alcançou o seu objetivo e nós também. Portanto, houve um efeito também na família.

Outra experiência que nos chamou bastante atenção teve início com a leitura de “A pombinha da mata”, de Cecília Meireles. Uma vivência que chamou nossa atenção foi realizada por uma professora de turma multisseriada; como podemos ver na Foto 24, a aula aconteceu fora do espaço da sala de aula, embaixo de uma árvore com uma gaiola cheia de poemas impressos, que eram libertados à medida que cada criança retirava um poema e fazia

a leitura em voz alta para os demais estudantes¹⁴. Dentre os poemas escolhidos para serem lidos nesse momento foram lidos “Jogo de bola”, “Tanta tinta”, “Bolhas”, “A bailarina”, “Ou isto ou aquilo” e “A pombinha da Mata”, que iniciou todo o trabalho dessa proposta. A professora leu por várias vezes, de modo diferente: oral, com dramatização, e de modo coletivo com as crianças. Esse poema, segundo a docente, chamou atenção dos alunos. Acreditamos que esse fato se deu pela proximidade do horizonte de expectativa da turma.

Foto 24: Turma multisseriada



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No momento dessa atividade, ainda não tínhamos trabalhado com o referido poema, sendo esse um dado muito importante para observarmos como a formação repercutiu no cotidiano das salas de aula.

Essa estratégia foi compartilhada com os participantes que levaram o recurso da gaiola, com alguns ajustes à proposta original, de acordo com a realidade de cada professor que aderiu à abordagem.

¹⁴ É importante salientar que só haviam cinco crianças devidamente matriculadas nessa escola, sendo necessário o fechamento desse espaço escolar agora em 2020 por falta de alunos com idade condizente a modalidade de Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Foto 25: Turma de 2º ano, campo



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Gaiola é bem conhecida pelas crianças, embora não seja utilizada para os fins de aprisionamento dos pássaros, já que essa prática aos poucos tem deixado de existir nessa localidade. Em conversa informal com a professora (W) em uma visita pedagógica, quando questionada sobre a abordagem dessa aula, ela explicou.

Levei o poema, foi até aquele “A pombinha da mata” e levei a gaiola com a pombinha dentro. Aí a gente fez a leitura de diversas formas: sussurrando, EM VOZ ALTA e também dramatizando, é importante lembrar que algumas crianças foram ler em outras turmas. Dividindo as estrofes, observando as estruturas, os versos, fazendo a leitura com todos, em seguida a gente foi libertar a pombinha e refletimos sobre a questão de que os animais precisam ser livres, eles têm seu lugar e precisam ficar no habitat natural, aí todo mundo ficou feliz, depois eles confeccionaram a pombinha com papel colorido e colocaram em uma árvore na mediação da escola. (Transcrição da gravação, PROFESSORA (W), 02, setembro, 2019).

Naturalmente todas as propostas se diferenciavam umas das outras, pois a liberdade de criar deve estar alinhada ao processo formativo mais humanizado e significativo com envolvimento e emoção no momento de se ler. “A pombinha da mata” conquistou as crianças por elas conhecerem bem de perto o cenário apresentado no texto, e a leitura realizada em voz alta fez com que todos participassem ativamente da proposta, pois “Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realidade objetiva” (PINHEIRO, 2018, p. 30).

A recepção da poesia infantil está em sintonia com a reflexão de Bordini e Aguiar quando afirmam que “O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 86).

Seguimos com a proposta de leitura da professora (A) do poema “Batatinha aprende a latir”, de Sérgio Capparelli (2007). De acordo com o que já mencionamos, nosso trabalho tem como ponto de partida o livro *Ou isto ou aquilo*, mas não estamos limitados a ele. Desse modo, acolhemos outros (as) poetas e poetisas para colaborarem com nossas experiências.

Foto 26: Poema: “Batatinha aprende a latir”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A professora (A) afirma que “esse poema nos alegrou por muitas vezes, na hora da leitura em sala de aula”. O final de cada estrofe vem sempre acompanhado de uma onomatopeia, que divertia as crianças gerando muitos risos no momento de imitar os sons que Batatinha fazia. Isso confirma que “O riso corrige o costume de apreender o real sob as feições do desejo, mola-metra da onipotência mágica infantil” (BORDINI, 1986, p. 20).

Em conformidade com os instrumentos escolhidos para obter dados da pesquisa, a foto a seguir traduz um diálogo sobre abordagem da leitura que ocorre no nosso grupo do *WhatsApp*, com poemas infantis fatiados, estratégia recorrente no ciclo de alfabetização, como podemos observar.

Foto 27: Grupo de Alfabetizadores em rede social



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Relatos como esses sempre são compartilhados no grupo de alfabetizadores, que foi criado com objetivo de trocar experiências, dúvidas e de estarmos sempre próximos. A proposta apresentada pela professora (T) estava entrelaçada a leitura lúdica de poema como critério para a recepção do público infantil nas diferentes faixas etária. Sobre esta questão Bordini afirma que “[...] Como toda literatura infanto-juvenil, a poesia também se define pelo estatuto etário de seu receptor, o que determina estágios de desenvolvimento cognitivo-afetivo e patamares em escala crescente de experiência existencial” (BORDINI, 2007, p. 6). O poema fatiado por estrofes oportuniza a todos, dependendo do número de alunos, a participarem da leitura.

Fomos convidados a realizar uma leitura em algumas turmas que não faziam parte do ciclo, mas as professoras e gestoras pediram para juntar as turmas, o que foi aceito sem nenhum problema. Para esse momento, lemos em diferentes modos, os poemas “As duas velhinhas”, “Jogo de bola” e “A bailarina”. Algumas crianças pediram para ler e o espaço foi cedido, e muito bem aproveitado por elas que demonstraram muito interesse na leitura de poemas. Esse momento se estendeu de forma inesperada e espontânea no trajeto realizado no transporte escolar, como pode conferir:

Foto 28: Leitura de poema no transporte



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A imagem das crianças no ônibus escolar lendo poesia é uma constatação de que a aula ultrapassou os muros da escola. Durante um acompanhamento pedagógico aos professores, decidimos voltar com os estudantes. Naquela tarde, um fato nos chamou atenção: havia um silêncio moderado e fomos observar o que estava acontecendo, quando nos deparamos com uma menina lendo “A língua do nhem”, de Cecília Meireles, com um pequeno coro das outras crianças repetindo – nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem. Parecia até um refrão, àquela cena ficou registrada na Foto 28 e provavelmente na memória de quem estava presente por um bom tempo. Ao perguntar o motivo da leitura naquele momento – confesso – pensei que seria alguma avaliação no dia seguinte, mas a resposta foi outra: “gostamos muito desse poema, e estamos imitando a professora”.

Essa experiência de leitura foi se expandindo para além da sala de aula, e conquistou novos espaços junto à comunidade. Secretária de Educação, coordenadoras, professores e gestores em ação nascida nesta pesquisa, levaram alguns grupos de crianças para representar cada escola na rádio local (87.9 BOA VISTA - FM), com a leitura de poemas, nesse momento. Os demais estudantes ficavam acompanhando leitura em tempo real via rede social *Facebook*, como também as famílias em suas respectivas casas, pelo rádio.

Foto 29: Leitura de poesia infantil na rádio (Turma do campo)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A leitura de poesia na rádio da cidade foi um momento no qual as crianças liam poemas individualmente para os ouvintes da rádio e também para os demais estudantes que ficaram nas escolas. Enquanto estava sendo realizada a leitura, os colegas presentes acompanhavam quando o conheciam configurando um afinado coro.

Do mesmo modo, essa dinâmica acontecia com todas as escolas, como podemos conferir na Foto 30:

Foto 21: Leitura de poesia infantil na rádio (Escola - Urbana)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Destacamos essa prática como relevante para nossa pesquisa, pois nasce na sala de aula e segue para a comunidade, sem muitos artefatos, apenas o livro, o leitor e sua disponibilidade para ler. Essa experiência mobilizou todas as escolas do campo e da área urbana, durante os meses de novembro e dezembro de 2019. Os poemas eram escolhidos pelo grupo que iam para a emissora, que, por sua vez, eram selecionados de acordo com alguns pontos: ler compreensivelmente, ser desinibido, querer/desejar, sentir-se livre para participar.

Outra vivência também importante foi o momento de levar a poesia ao mercado público, os protagonistas foram as crianças que leram emocionando a população que estavam no mercado público.

Foto 31: Leitura no mercado público de Boa Vista



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dessa vez, apenas uma escola participou, entretanto, todos os alunos tiveram a oportunidade, uns liam, outros cantavam e alguns recitavam os poemas. Essa proposta de levar as crianças ao mercado no dia de feira, em um sábado, surgiu do professor da turma multisseriada e acolhida pela coordenadora pedagógica Sayonara, que acompanhou de perto. Essa ação foi bem quista pelos alunos, secretaria e comunidade. Essa prática foi pontual não tendo continuidade. Nesse sentido, primando pela relação entre leitor e texto, priorizamos a experiência estética durante o processo formativo vivenciado nessa pesquisa, como afirma Pinheiro (2020):

O destaque dado a estudos relacionados à cultura popular, aos folhetos de cordel, a adivinhações, aliados a relatos de práticas que se centram na interlocução com os estudantes e na exploração vocal e sonora das leituras vivenciadas, traçam percursos inventivos para o trabalho com dimensões da oralidade na formação do leitor (PINHEIRO, 2020, p. 11).

Desse modo, a leitura oral em diferentes abordagens foi ecoando nas salas de aula e transformando práticas tradicionais em leituras de poemas de vivências literárias, que seguem nos dias atuais, a exemplo das aulas remotas. Como podemos conferir na Foto 32:

Foto 32: Aluno do campo, aulas remotas.



Fonte: Grupo de WhatsApp (2020).

Na imagem acima a criança está lendo os poemas “As borboletas” e “A foca”, de Vinícius de Moraes, por meio das atividades enviadas pelo *WhatsApp* com objetivo de favorecer a leitura. Ao finalizar a leitura ela expressou um lindo sorriso e suspirou com ar de satisfação.

Todas essas vivências vêm ecoando nas práticas dos professores; neste tempo de pandemia, foram muitas propostas compartilhadas no grupo de professores pelo *WhatsApp*, com leitura em voz alta pelas crianças. Pois, “sabemos que é polêmica a questão da realização oral do poema. Mas, para o trabalho de sala de aula, ler em voz alta é muitas vezes algo indispensável, que exige preparo.” (PINHEIRO, 2018, p. 31). Por isso, mesmo que em salas virtuais, algumas crianças enviaram vídeos ou áudios lendo e relendo por algumas vezes o mesmo poema.

4.3.2 A busca da livre expressão

A busca da livre expressão é uma categoria que organizamos com o intuito de evidenciar certas práticas de leitura de poemas infantis que ocorreram no percurso deste estudo advinda da formação continuada dos professores.

Destacamos a importância da transcrição dos sentimentos, das expressões artísticas que crianças podem ter no contexto da leitura de poemas infantis. Partindo disso, descreveremos a seguir momentos em que os participantes revelam a recepção do texto

poético de um modo diferenciado do que vinha sendo feito antes. Para isto, observamos desde suas falas, olhares, movimentações corporais e também desenhos livres.

Trouxemos à tona propostas que julgamos ter causado as mais diferentes sensações manifestadas através das falas das crianças e dos professores quando necessárias.

As experiências revelam uma aproximação do leitor com o texto, momento que está iniciando sua formação leitora. Dito isto, tomamos como referência as considerações de Souza (2012),

Sabemos que a leitura estética é a leitura específica (ideal) do texto literário. Para ler esteticamente, o leitor deve ter como objeto de leitura, necessariamente, um material artístico (literário) e proceder à identificação das relações íntimas entre o conteúdo da obra e dos recursos sógnicos selecionados e combinados poeticamente pelo autor para a transmissão desse conteúdo (SOUZA, 2012, p. 81).

Diante da relevância da leitura estética para a formação humana, seguimos acreditando ser fundamental propor espaços de atividades com foco na expressividade artística e ampliação da criatividade da criança. Buscamos incentivar essa prática durante a abordagem de poemas nas salas de alfabetização, pois “o diálogo entre as artes ou, mais especificamente, entre a literatura e outras artes é antigo e se efetua de diferentes modos” (PINHEIRO, 2018, p. 93).

Começamos com “O colar de Carolina”, de Cecília Meireles (2012), em duas escolas do campo. Ambas lançaram mão praticamente do mesmo procedimento. No primeiro momento a professora leu o poema para os alunos, depois cada aluno leu uma estrofe e juntos finalizaram com a leitura coletiva que mais lembrou uma espécie de coral.

Foto 33: Confeção do “Colar de Carolina”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Após a leitura realizada com as crianças, a professora (U) começou a perguntar o que elas guardariam na memória, e as respostas foram as mais diversas: um deles relacionou as colunas citadas no poema com os lajedos existentes na comunidade. Este dado de recepção mostra que o leitor associa o espaço posto no poema ao espaço geográfico em que ele – leitor – está inserido. Conforme Pinheiro (2020),

[...] o fato de não querer impor uma interpretação, através de questionários, de questões com certo versus errado, de possibilitar que a criança fale o que pensa, apresente seu ponto de vista. E o faça não tentando adivinhar o que a professora quer que ela fale, mas fale do que sentiu, do que imaginou. Fale, numa palavra, a partir de suas experiências cotidianas, do mundo em que está inserida (PINHEIRO, 2020, p. 61).

Nesse sentido, é importante que o professor seja um mediador que proporcione leitura acompanhada de possibilidades através da livre expressão pela arte, e sobretudo no debate onde os alunos sejam livres para expor o que pensavam, tendo atenção para o horizonte de expectativas das crianças.

Outro fato significativo foi quando uma das crianças percebeu que estava lendo sem pausar. Os demais foram no colorido do colar e a presença do sol, que muito reflete a vivência na comunidade. Na sequência a professora distribuiu folhas coloridas, tesoura sem pontas, cola, *glitter* e pediu para que cada criança confeccionasse o próprio colar.

A Foto 34 demonstra a abordagem do “O colar de Carolina” em outra turma de outra escola. Para o momento da construção, a professora disponibilizou materiais como: cola, tesoura, cartolina, lápis de pintura mencionados anteriormente, deixando as crianças à vontade. Essa confecção proporcionou a liberdade de criar. Com os colares concluídos, os pequenos grupos, começaram a se organizar para socializar com os demais colegas da turma:

Foto 34: Trabalho com “O colar de Carolina”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como podemos ver, as crianças já tinham concluído a atividade proposta pela docente, mas para entendermos melhor como foi o procedimento realizado pela professora (w) nos valem os registros do Diário de Campo, quando a professora (w) afirmou que:

Procurava trabalhar com questões que envolvessem artes apenas na sexta-feira, nunca a partir da leitura de poemas. Mas, com as trocas de experiências na formação da pesquisa de Albaneide passei a experimentar o poema e arte juntinhos. Assim, essa atividade passou a ser vista e efetuada com novos olhares e nova importância. A atividade começou no primeiro momento da aula, (antes do recreio) com a leitura do poema, pois as crianças ficam menos agitadas, então lemos, relemos e dramatizamos “O colar de Carolina”. Eles se esbaldaram e queriam mais. Só após o recreio é que confeccionamos “individualmente”, o colar, mas com a colaboração do outro quando era necessário. Posso dizer que foi muito bom. (Diário de Campo, PROFESSORA (W), 18 de outubro de 2019).

O relato supracitado nos revela que houve mudanças nas práticas de leituras de poemas na sala de aula a partir das oficinas. Dessa forma, durante o período da experiência de estudo com os participantes, começamos a perceber que, aos poucos as práticas de leitura de poemas passam a conquistar e envolver professores e crianças a partir da vivência literária, peculiares para cada sujeito no momento de ler. A criança constrói sua história a partir do meio em que vive, através da experimentação em grupo. É na experiência com o outro e com o meio em que vive que vamos registrando em nossas memórias, as mais diferentes lembranças.

Nos reportamos à atividade que a professora (J) realizou após a leitura do “Leilão de jardim”. Como podemos observar na imagem a seguir, a aula é de campo. Conforme o relato da alfabetizadora, tudo teve início com a leitura do poema, por crianças de diferentes

modalidades de ensino (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos), uma vez que esta era uma turma multisseriada.

Conversando sobre a leitura, surgiram alguns questionamentos por parte das crianças, entre eles: “será que esse “homem” (nome dado ao Eu lírico), consegue vender alguma coisa”? Outra disse: “eu compraria tudo”! Uma aluna gritou no canto da porta– “nunca que eu compraria um sapo, tenho muito medo”. A professora (J) relata que nesse momento uma voz bem acanhada disse: “por esses dias eu encontrei um ninho de rolinha perto do chiqueiro de galinha, tive que avisar para minha vó, pois por lá tem uma raposa e pode pegar os ovos”. Diante desses comentários, principalmente do último, percebemos mais uma vez a aproximação que o poema ocasiona com as experiências de seu leitor. Neste caso, crianças que têm em seus horizontes de expectativas a realidade de um ambiente rural.

Da mesma forma, também a partir desse diálogo com os alunos, surgiu nas crianças a ideia de procurar perto da escola¹⁵ alguns elementos da natureza e fazerem seu próprio leilão. E em consonância com a experiência “O preço do jumento”, de Pinheiro, a aula foi sendo consolidada “em meio à conversa, a vida, as condições concretas, enfim, as experiências dos alunos entram em cena” (PINHEIRO, 2020, p. 54).

Diante disso, no dia seguinte, procuraram alguns itens que chamassem a atenção deles, dentre os quais: camaleão, galinha e formiga para compor o grupo dos animais dessa releitura do “Leilão de jardim”.

Foto 35: Em busca dos elementos naturais para o “Leilão de Jardim” (Parte 1)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em continuidade com a proposta dos alunos que nasceu na sala de sala de aula a partir da leitura do poema, as crianças continuaram a busca. Desta vez, o alvo foram as frutas

¹⁵ Para essa aula estiveram presentes a assistente social e a psicóloga educacional do município, já que a coordenadora pedagógica e responsável pela pesquisa estavam em outra escola.

como maracujá, goiaba, romã e umbu. Este último, apesar de citado e muito conhecido pelas crianças, não estava na safra. Tendo em mãos esses novos componentes da natureza, a turma realizou uma nova leitura, desta vez, vendendo os elementos encontrados por eles no espaço de sua investigação.

Foto 36: Em busca dos elementos naturais para o “Leilão de Jardim” (Parte 2)



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A sala de aula é sempre um espaço aberto para criar e recriar novas abordagens com o mesmo poema, por vezes se expandindo para além do ambiente escolar.

Nesse sentido, passamos para outra experiência com o “Leilão de Jardim” em uma turma do 3º ano também do campo. Conforme podemos observar, a foto 37 é a representação simbólica e social do “Leilão de jardim” através de dramatização com toda a turma.

Foto 37: Dramatização do “Leilão de jardim”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com a visita pedagógica podemos observar na fala das crianças que a recepção do poema “Leilão de jardim” foi muito envolvente. Tudo teve início quando a alfabetizadora

propôs realizar um leilão na sala de aula. Todos se mobilizaram a partir da leitura, as crianças começaram a trazer objetos para confeccionar os elementos do leilão. Os alunos conseguiram trazer um ninho de “passarinho” desativado que estava em uma árvore no espaço da escola, e também um formigueiro reforçando com argila. Nessa vivência os elementos do leilão foram confeccionados pelas crianças com a colaboração da professora (X), tendo como referência a arte.

Em uma turma do 2º ano de uma das escolas urbanas, a professora (C) escreveu no quadro alguns títulos: “O pato”, “A casa e seu dono”, “O último andar” e “Enchente”. Leu com as crianças e pediu para que escolhessem o poema que gostariam de ler no dia seguinte. A maioria optou por “O último andar”, de Cecília Meireles.

A partir da leitura do poema selecionado a turma foi dividida em pequenos grupos, para se organizar, e no dia seguinte deveriam levar para a escola materiais descartáveis, com objetivo de evidenciar o poema a partir da construção de maquetes. Desse modo, destacamos a experiência de trabalhar com o poema em diálogo com outras artes e atentar para a aproximação do leitor com o texto.

As crianças confeccionaram maquetes representando o último andar. Essa atividade conseguiu envolver a todos, ao mesmo tempo em que eles relacionavam os andares citados ao poema; parecia uma aula comum, até que a professora propôs chamar as outras turmas da escola para conhecer o trabalho e ouvir o poema. Como se pode observar na foto 38, houve uma recepção significativa da atividade a partir do poema.

Foto 38: Apresentação de maquete a partir da leitura do “O último andar”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A transposição da vivência de formação continuada com poesia infantil ecoou na sala de aula. Conforme Pinheiro (2018) “partir do poema [...]. Mas não esquecer que se trata de uma brincadeira. O ir e vir, o repetir, o recriar e recriar-se devem se dar de modo alegre, sem cobranças exaustivas, sem exigências de perfeição, sem necessidade de público, como se fora teatro” (PINHEIRO, 2018, p. 97). Dessa forma, a leitura de poemas se torna muito atraente e desperta na criança vontade de ler, e reler podendo estimular certas atividades.

Nosso ponto de partida foi sempre o texto literário, com muitas vivências dialogando na aula de artes. Outro poema que estimulou as atividades foi “A casa e seu dono”, de Elias José, em uma turma multisseriada (2º ano). A professora (X) iniciou os procedimentos distribuindo o poema impresso para todos os estudantes e, em seguida, leu para e com as crianças, por repetidas vezes, em voz alta. Nesse momento, a alfabetizadora perguntou quantas pessoas moravam na casa com as crianças, e dentre as respostas, 90% relataram viver com a mãe, um avô ou uma avó, irmãos ou irmãs. Já a presença do pai representava 50%. Ainda durante o diálogo, uma criança disse: “tia! Minha casa é de tijolo quem mora lá é meu povo”, outra disse: “oh, novidade a casa de todo mundo é de tijolos!”, mas imediatamente uma menina disse: “a que eu moro é taipa, mas é bem arrumadinha,” fez questão de afirmar. Após essa conversa, a professora passou para o encaminhamento dado para os alunos do 2º ano, que foi a atividade para colorir a casa e desenhar os possíveis moradores. Ela entregou palavras que rimavam com cada dono, competindo ao aluno colar no espaço adequado, como podemos conferir na foto 39:

Foto 39: 2º ano. Poema: “A casa e seu dono”, Elias José



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Essa proposta desafiou e ao mesmo tempo mobilizou todos os envolvidos. É pertinente salientar que a única recomendação atribuída pela formação é de que toda e qualquer

motivação partisse da leitura dos poemas. Nessa perspectiva, a professora seguiu com atividade direcionada para o terceiro ano.

Foto 40: 3º ano. “A casa e seu dono”, de Elias José



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A foto 40, que está relacionada a uma turma do 3º ano, compreende ao seguinte procedimento: que fosse realizada em pequenos grupos, no qual todos os membros deveriam preencher as janelinhas que estão expostas no cartaz exibido na parede com o movimento de abrir e fechar, como podemos observar. Posteriormente, as crianças escreviam novas rimas a partir de “A casa e seu dono”.

As abordagens de leitura de poemas infantis, durante a formação docente, fomentou nos alfabetizadores o desejo de prosseguir com propostas aliadas as artes, em diferentes contextos de ensino do ciclo alfabetização. Dezoito dos vinte e quatro participantes levaram a poesia infantil de poetas, poetisas da comunidade e também dos consagrados, como: Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Sérgio Capparelli entre outros, para a amostra pedagógica (2019). Selecionamos a seguir algumas experiências, começando pelo “O menino Azul”, de Cecília Meireles.

A professora (F) do 3º ano de uma das escolas urbanas expôs que desde o início das oficinas na formação¹⁶ dos professores, vinha trabalhando com poemas Cecilianos, por isso escolheu junto com as crianças “O menino Azul”, “A bailarina” e “A língua do nhem”. A turma escolheu uma das alunas para representar¹⁷ a poetisa Cecília Meireles. Mas, destacamos nessa turma o trabalho realizado com “O menino Azul”.

¹⁶ Para esse momento foi convidado um poeta da comunidade para ler poema infantil criado por ele, já que durante nossos estudos a turma foi até a sua residência para entrevistá-lo.

¹⁷ Uma criança se vestiu caracterizada de poetisa Cecília Meireles, ela falou um pouco sobre a poetisa e leu um poema, na amostra pedagógica de sua turma última semana de outubro (2019).

Foto 41: Leitura e dramatização “O menino Azul”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Essa apresentação foi fruto de um trabalho em sala de aula, em que as crianças tiveram a oportunidade de realizar a leitura por várias vezes, inclusive com dramatização. No momento da aula, uma das crianças disse: “acho que esse menino se sente sozinho, e não tem com quem conversar, não tem amigo, por isso quer um burrinho”. Esta experiência mostra que a criança pode ser caracterizada pelo que denomina como ilogismo:

Com esse ilogismo sob disfarce, que o título já denuncia e o pedido esconde (não há meninos azuis, por mais que o desejo de um bicho de estimação seja comum), o poema atinge a multiplicação condensada de sentidos, que lhe assegura o efeito poético: além de um édito, que solidariza o arauto-poeta com as carências existenciais de um menino triste (=azul), mobiliza a empatia de leitor mirim, inquietado por não poder atender à solicitação em virtude da subversão das normas de comunicação, fazendo-o colocar-se no lugar do sujeito, do desejo e viver a frustração com igual intensidade. (BORDINI, 1986, p. 18-19).

Em conformidade, ainda, com Bordini, trazemos outra fala de aluno: “Mas, se eu fosse escolher um animalzinho para ser meu amigo, eu queria um cavalo, para sair por aí, e quando eu for grande participar do “Bolão¹⁸” e ganhar o prêmio e festejar muito”. O desejo dessa criança parece estar longe da realidade em que ele vive, pois a família não permitia a participação em eventos festivos dessa natureza. As crianças junto com a alfabetizadora escolheram “O menino Azul”, após essa vivência leitora.

Do mesmo modo, as experiências com as leituras de poemas seguidas de atividades com expressões artísticas fizeram parte das salas de alfabetização durante a semana da mostra

¹⁸ Bolão: espécie de vaquejada local.

pedagógica de 2019. A professora (E) optou por trabalhar com Cecília Meireles e Vinicius de Moraes. A foto 42 retrata a apresentação do poema “A bailarina”, que durante nossa experiência esteve presente em diferentes salas de aula, com muitas leituras acompanhadas posteriores da dança.

Foto 42: Apresentação da “Bailarina”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As próximas imagens também fazem parte da culminância dos projetos pedagógicos, que iniciaram com a chegada do PNAIC e que permaneceram na agenda dos eventos educacionais de Boa Vista - PB. A inclusão de poemas nos eventos escolares é uma ótima oportunidade de divulgação. O objetivo dessa proposta deve ser que a poesia esteja para além das datas comemorativas. Dessa vez, a turma escolheu uma criança que representou o papel do “Poetinha”, apelido dado a Vinicius de Moraes por Tom Jobim.

Foto 43: Apresentação do poema “A foca”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dentre outros poemas lidos nesse dia, “O relógio” esteve presente com leitura e dramatização, os alunos confeccionaram seu próprio material para apresentação.

Foto 44: Leitura do poema “O relógio”



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A sequência das fotos apresentadas acima são registros de uma vivência que partiu da obra *Ou isto ou aquilo*, mas que estava livre para outros (as) poetas e poetisas. Nesse momento, o poeta escolhido foi Vinicius de Moraes. Logo, consideramos legítima e oportuna a ideia de levar poema para ser lido e apresentado em diferentes maneiras. A experiência aqui demonstrada fomentou algumas expressões de risos, choros de emoção, surpresas, alegria nas pessoas (adultas) que se faziam presentes naquele recinto. É pertinente ressaltar que esses efeitos, também, acontecem com crianças, quando a leitura é realizada de forma expressiva e encantadora. Segundo Bordini (1986, p. 39), “a poesia, para a criança, pode ser a faísca que acende a admiração, a capacidade de surpreender-se, de abrir-se sem reservas para aquilo que não é o ego, ou não está nele contido”. Em contato com a poesia, a criança deixa de ser um mero espectador e passa a participar de modo efetivo e afetivo.

Outro poema lido na formação e que reverberou em várias turmas foi: “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira, e também esteve na lista das apresentações da mostra pedagógica de 2019, promovendo muitas emoções de quem o escutava.

Foto 45: “Trem de ferro”

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

É importante salientar que a apresentação é a culminância de muitas leituras realizadas na sala de aula, de uma turma do 3º ano, localizada na escola urbana. O referido poema esteve presente na oficina: *Leitura performática de poesia infantil no processo de formação docente e foi trabalhado em diferentes contextos: no espaço urbano, na rádio local e nas escolas do campo.*

Em um momento de leitura uma criança falou para a professora:

Quando fui ler em casa esse poema, minha mãe sentou perto de mim e começou a ler o poema, mas nem precisava, pois ela conhecia de cabeça e disse que bateu saudades de seu tempo. Agora quando a professora trouxer um poema, levo para minha mãe ter saudades. (Diário de campo, 23 de outubro de 2019).

Essa é uma experiência que a maioria dos professores vem cultivando, ainda nos dias atuais em suas práticas de leitura com poemas.

No transcorrer de nossa pesquisa surgiram alguns convites, dessa vez para ler poemas nas salas de alfabetização de uma escola urbana, que na oportunidade reuniram as três turmas (1º, 2º e 3º anos) no mesmo espaço. Escolhemos “O colar de Carolina”, “As meninas” e “A língua do nhem”, todos de Cecília Meireles, com o único propósito de que as crianças ouvissem e lessem também. Com o livro *Ou isto ou aquilo* em mãos, não foi necessário uma apresentação nossa para as turmas, pois já nos conhecíamos, seja pelos corredores da escola, seja em algum momento de leitura e certamente nas visitas pedagógicas. A metodologia seguiu três momentos: no primeiro momento líamos para que as crianças escutassem e depois elas liam conosco sussurrando e também em voz alta. Essa maneira de as crianças acompanharem só foi possível pela utilização de slide, no qual as imagens dos poemas foram

projetadas para as crianças. Conforme podemos observar no centro da sala, o *notebook* demonstra que nesse momento estava acontecendo a leitura de “As meninas”.

Foto 46: Leitura de poemas realizada pela pesquisadora



Fonte: Gestão da escolar (2019).

A foto 46 revela as crianças vidradas na leitura. Essa expressão aqui registrada nos chamou atenção e com certeza validou nossa proposta, uma vez que a motivação era o próprio texto e “nós”, os leitores em sintonia um com o outro, sem fins pedagógicos. A admiração é algo espontâneo na criança quando gosta, sente medo ou deseja alguma coisa. Refletindo sobre a experiência de leitura da criança, Bordini (1986), afirma que:

a experiência do poético pode transtornar esse habituar-se da consciência precoce, propondo-lhe e requerendo-lhe que se abra para o diverso, que jogue com os sons, conceitos e vivências fantásticas, [...] que mantenha viva a capacidade de maravilhar-se. (BORDINI, 1986, p. 40).

As diferentes experiências com o texto poético podem nos tornar pessoas mais humanizadas. Quando temos uma aproximação maior com a poesia desenvolvemos a sensibilidade que aflora expressões vistas no semblante de cada criança na foto supracitada.

Em uma abordagem com o poema “As meninas”, a professora (S) levou imagens ampliadas e retiradas do livro *Ou isto ou aquilo*, e depois que leu fez uma dramatização usando as figuras. Haja vista, que sua turma é composta por crianças de quatro a oito anos, ou seja, multisseriada. Junto com as crianças, a alfabetizadora confeccionou as janelas apresentadas no poema e todas pediram para participar. Um dos alunos argumentou que: “os

meninos também tem amigos e janelas na casa” outro falou: “a janela lá de casa fica sempre fechada para meu irmão pequeno não cair”. Entre uma conversa e outra todas as crianças tiveram a oportunidade de dramatizar o poema usando as janelinhas, mas na mostra pedagógica prevaleceu à apresentação, como podemos conferir na foto 47 abaixo:

Foto 22: Apresentação do poema “As meninas”



Fonte: Acervo da autora (2019).

Nessas experiências, o que se consistiu como o mais relevante foi o processo anterior à culminância, pois o momento de ler e reler com as crianças, de brincar com as palavras, emocionar-se com a espontaneidade de cada aluno (a). Conforme lembra Pinheiro (2018), no percurso de formação de leitores, “uma questão é fundamental: não ensinamos poesia, não é um saber técnico instrumental que define o trabalho com a literatura numa perspectiva de formação de leitores; é, antes, uma convivência que se partilha” (PINHEIRO, 2018, p. 124). Dessa forma, buscamos na leitura de poemas possibilitar um encontro do leitor e, a partir daí, fornecer diálogos, estímulo à fantasia, a ação/criação concreta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por longos anos, temos sido testemunhas da inserção da poesia infantil nas salas de aula com pretextos pedagogizantes. Só a partir dos programas de formação continuada, começamos a despertar para novas possibilidades, embora precocemente, quanto às práticas de leituras. Com a aprovação no mestrado em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande-PB – com área de pesquisa em Literatura e Ensino e, conseqüentemente, com as indicações de leituras, reflexões e contribuições dos professores, fomos compreendendo e ampliando nossos conhecimentos sobre a abordagem da poesia infantil na escola. Portanto, vimos na formação continuada a oportunidade de investigar as práticas dos professores alfabetizadores, subsidiadas pela leitura de poemas infantis e seus possíveis reflexos em sala de aula.

Durante nosso caminhar pedagógico com os docentes no período anterior à nossa pesquisa, as práticas de leitura com o poema infantil nos incomodavam por apresentar um formato com muitos equívocos, sobretudo, quando esse estava totalmente voltado a questões pragmáticas. Esse incômodo fomentou a nossa questão de pesquisa e nos conduziu na busca de conhecimentos para compreender melhor o que estaria por trás dessas práticas. Assim, a oportunidade de ingressar no mestrado permitiu refletir acerca das inquietações geradas durante o nosso trabalho de coordenação pedagógica.

A presença de convidados para ministrar as oficinas repercutiu positivamente entre os colaboradores da pesquisa e movimentou todos os membros da Secretaria de Educação para a realização da formação dos docentes. Nesse cenário, percebemos o envolvimento de todos os professores alfabetizadores a cada encontro, com suas colocações, medos, preocupações, reflexões e também muitas alegrias em compartilhar suas experiências com a leitura de poesia. Esses momentos não se restringiram apenas ao grupo de alfabetizadores, mas se estenderam a professores de outras modalidades de ensino (Educação Infantil e 4º e 5º anos) através da propagação espontânea, conversas informais nos corredores das escolas. Assim, esses profissionais, não satisfeitos, “reivindicaram” através de mensagens e falas: “Precisamos de formações como essa que vem sendo realizada com os professores do ciclo de alfabetização, veja o que pode fazer pelos outros grupos”, relatou a professora (Q), que também faz parte da Educação Infantil.

Acreditamos ter alcançado o primeiro objetivo específico que almejamos no início de nossa pesquisa, pois contextualizamos os encontros de formação continuada oferecidos aos

professores do ciclo de alfabetização e também discutimos a abordagem que predominava nas práticas desses profissionais, quanto ao ensino de poesia infantil. A partir desse diálogo, percebemos que a recepção da leitura de poemas pelos participantes nos encontros de formação passou a ser de forma prazerosa e com total envolvimento. Vale salientar que antes, nos poucos momentos que a poesia fazia parte da formação continuada, era utilizada de maneira mecânica e pragmática. Isso foi percebido através dos comentários e expressões dos professores no decorrer da pesquisa, quando liam, refletiam, interpretavam e se emocionavam fazendo relação com uma experiência de vida, por exemplo. Podemos identificar também a busca constante de poemas pelos docentes e discentes, ação ocorrida posteriormente ao desenvolvimento dos encontros formativos.

O segundo objetivo específico relaciona-se à reflexão, mais detidamente, sobre a obra *Ou isto ou aquilo*, observando os recursos expressivos, estéticos, assim como os temas recorrentes nos poemas, os quais contribuem para a aproximação do leitor. Na medida em que íamos lendo e relendo os poemas contidos no livro, começávamos a analisar elementos e comprovávamos a existência de recursos expressivos como: assonância, aliteração, onomatopeia, rimas, entre outros; que nos levavam também a visualizar a riqueza estética de cada verso e estrofe no contexto geral. Os temas abordados na coletânea quando levados para a formação ecoavam na sala de aula e conseguiam chamar a atenção dos participantes e das crianças, contribuindo para uma proposta envolvente e ao mesmo tempo interativa. Desse modo, percebemos que a poesia tem se aproximado cotidianamente do leitor infantil.

Em relação ao terceiro objetivo, podemos dizer que o alcançamos, uma vez que ocorreu de forma satisfatória o processo de transposição da vivência dos poemas infantis do espaço da formação continuada para o da sala de aula do ciclo de alfabetização. Ademais, outros poemas infantis de outros poetas foram incluídos, possibilitando novas leituras e vivências no contexto escolar.

Outro momento significativo, durante o acompanhamento das professoras no decorrer da nossa pesquisa, foi quando nos deparamos com uma alfabetizadora, em momento de recreio, folheando e lendo a obra poética infantil, de Cecília Meireles.

A formação continuada de professores com a poesia infantil pode colaborar na formação leitora das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Acionamos, portanto, nossas categorias de análises: “Leitura em voz alta: entre risos e suspiros” e “A busca da livre expressão”, como forma de refletir mais profundamente acerca de nossos objetivos.

A princípio, evidenciamos que houve mudanças significativas nas formas de abordagens de poemas infantis no contexto de ensino. Os professores começaram a realizar a

leitura motivada pela própria poesia. As escolhas dos poemas não acontecem mais de modo aleatório; os participantes passaram a organizar de forma planejada diferentes temáticas para trabalhar em suas aulas, o que antes não acontecia. Portanto, as vivências de leituras desenvolvidas e refletidas no momento da formação contribuíram decisivamente para a formação de leitores.

A “**Leitura em voz alta: entre risos e suspiros**” se sobressaiu em nossa pesquisa, pois permeou os encontros formativos e ecoou diretamente na sala de alfabetização. A leitura oral tem um papel importante na aproximação do leitor com a poesia. Ela vem adentrando, conquistando e modificando as práticas tradicionais com pretextos do uso da gramática, das questões moralizantes e festejos cívicos, muitas vezes, adornados pelo livro didático.

A segunda categoria, intitulada de “**A busca da livre expressão**”, nos permitiu afirmar que os recursos expressivos no livro *Ou isto ou aquilo*, chamou atenção das crianças durante a leitura dos poemas e, também conseguiu envolvê-las nos momentos de atividades artísticas, como encenação do “O Menino azul”, “Leilão de jardim”, “As meninas”, construção do colar de “O colar de Carolina”, maquete do “O último andar”, dentre outras atividades, mostrando, assim, diferentes modos de aproximação do leitor infantil com o texto poético.

A partir das oficinas realizadas durante a formação, presenciamos as transformações nas abordagens de leitura na perspectiva literária. As crianças passaram a representar os poemas através do desenho, dramatização, música e outros arca-bouços artísticos. Desse modo, as expressões vinham arraigadas de sentimentos e emoções, todas condicionadas à livre expressão. Durante o período de formação dos professores, ao chegar à sala de aula, muitos alunos queriam ler um poema, enquanto outros pediam que lêssemos para eles. O fato se deve à reverberação que ocorreu nesse tempo e prolongou-se até os dias atuais.

Diante do exposto, me alegro, enquanto coordenadora pedagógica do grupo em estudo, com cada reverberação para além da sala de aula, em espaços diferentes, como: Rádio local, famílias, mercado público, ônibus escolar e também a comunidade local.

Ao concluir nosso trabalho, podemos afirmar que a formação continuada de professores é um espaço que oportuniza, promove, divulga e amplia o contato da poesia com esses profissionais e, conseqüentemente, com seus respectivos alunos. Contudo, se nesse mesmo ambiente as propostas de trabalho estiverem voltadas para as abordagens de leitura alicerçadas nas práticas tradicionais, poderiam afastar a poesia do leitor em formação.

Essa foi uma experiência importante e diferenciada em circunstância de aprendizado mútuo entre todos os envolvidos. É importante salientar que esta pesquisa pode contribuir

para novos estudos voltados às práticas de leitura de poemas da formação continuada dos professores. Igualmente, essa pesquisa traz visibilidade à figura do professor, agente tão importante na formação do ser humano. Outro ponto relevante é que podemos ver a leitura de poesia de Cecília Meireles no contexto formativo do ciclo de alfabetização.

Por fim, nosso trabalho confirmou a hipótese inicial de que quando os profissionais têm acesso a uma formação continuada bem planejada e acompanhamento com suas práticas, observam-se mudanças significativas no cotidiano, no modo de conceber o poema e na forma de trabalhá-lo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática escolar**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. **Poesia e estilo de Cecília Meireles – A pastora de nuvens**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.
- BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, SariK. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BORBA, Francisco S. **Palavrinha viva: dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Curitiba: Piá, 2011
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; SELVA, Ana Coêlho Vieira; COUTINHO, Marília de Lucena Coutinho. O trabalho com projetos didáticos: integrando a leitura e a produção de textos. *In*: SOUZA, Ivane Pedrosa de; BABOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo (Orgs.) **Práticas de Leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa - Currículo na alfabetização: concepções e princípios**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Plano Nacional de Educação: PNE/Ministério da Educação**. Brasília: INEP, 2014.
- CALDAS, Aulete. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004.
- CAMARGO, Luís. A poesia infantil de Cecília Meireles. *In*: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís. (Org.). **Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 143p.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. **Educar o educador: reflexões sobre a prática docente**. Campinas: Mercados de Letras, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário a práticas educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Lisboa; SANTOS, Daniel Labernarde. Estrutura do projeto de pesquisa. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel.; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: Forma-se para mudança e incerteza**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

JAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor: texto de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARQUZI, Rosangela Aparecida. Ou isto ou aquilo: a (há) poesia além da pedagogia. *In*: DEBUS, Elaine; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita (Org.). **Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética**. Campina Grande: EDUFCEG, 2018. 208p.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Odilon Moraes. 7. ed. São Paulo: Global, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Crônica de Educação**. 2. ed. São Paulo: Global, 2017.

MORAIS, Antônio Manuel Alves. **A origem dos elementos químicos: uma abordagem**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Classificação da pesquisa. *In*: MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. O jogo do texto no corpo que lê: Literatura e dança na formação do leitor literário. *In*: PINHEIRO, José Hélder Alves. (Org). **Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: ABRALIC, 2014. p. 93-111.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

PONDÉ, Glória. **A Arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescente**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PINHEIRO, Hélder. **O preço do jumento**: poesia em contexto de ensino. Campina Grande: EDUFCEG, 2020.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Poesia infantil**: concepções e modos de ensino. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TITO, Maria Rejane Araújo. As várias danças da menina bailarina. *In*: PINHEIRO, Hélder (Org.). **Poemas para criança**: reflexões, experiências, sugestões. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina; CADEMARTORI, Lígia. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**: Entrevistas e Ensaio. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE I: PLANO DE AULA PARA NOSSAS EXPERIÊNCIAS COM OFICINAS

Pesquisadora: Albaneide Maria da Silva Félix

Orientador: José Hélder Pinheiro Alves

Cidade: Boa Vista - PB

Número de aulas: Cinco encontros de formação, totalizando 18 horas, subdivididos em sete oficinas.

Público-alvo: Professores alfabetizadores / crianças matriculadas nesse ciclo.

Observações: Por fazer parte do universo do grupo pesquisado passamos direto para o primeiro encontro com os professores.

PRIMEIRO ENCONTRO

1ª Oficina

Título: Apresentação de nossa proposta

Duração: 2h

Data: 15/07/2019

Local: Escola Professora Francisca Leite Vitorino (Zona Urbana)

Ministrante: Albaneide Maria da Silva Félix

Objetivos:

- ✓ Apresentar a proposta de pesquisa intitulada: Poesia infantil e formação continuada: reverberações na sala de aula.
- ✓ Ouvir os professores quanto suas expectativas sobre seu envolvimento colaborativo nesta pesquisa, para possíveis esclarecimentos.

Conteúdos:

- ✓ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- ✓ Questionário elaborado pela pesquisadora;

Percurso metodológico

- ✓ Apresentar a proposta da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receber as assinaturas dos (as) participantes;
- ✓ Entregar um questionário com questões alusivas ao campo formativo e as experiências com práticas de leitura de poemas infantis. Firmados no diálogo ouvimos as impressões, dúvidas e expectativas, havendo esclarecimento quando necessário.

2ª Oficina**Título:** “O vestido de Laura”: uma vivência no espaço de formação**Duração:** 2h**Data:** 15/07/2019**Local:** Escola Professora Francisca Leite Vitorino (Zona Urbana)**Ministrante:** Albaneide Maria da Silva Félix**Objetivos:**

- ✓ Promover experiência de leitura com poesia infantil no espaço de formação;
- ✓ Discutir as diferentes maneiras de ler a poesia na sala de aula;

Conteúdos:

- ✓ Poema: “Quinze de outubro dia do professor”, de Rita Maria de Macedo Araújo;
- ✓ Poema: “Brincadeiras na infância”, de Severino Pereira Lacerda;
- ✓ Poema: “O vestido de Laura”, de Cecília Meireles.

Percurso metodológico

- ✓ Apresentação do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles;
- ✓ Entregar o poema “O vestido de Laura”;
- ✓ Realizar leitura de diversas formas: divisão de pequenos grupos, leitura em voz baixa, em voz alta, no ritmo apressado, depois lento e por fim leitura gesticulada.
- ✓ Propor vivência artística com o poema;
- ✓ Socialização das atividades.

Referência

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Odilon Moraes. 7.ed. São Paulo: Global, 2012.

SEGUNDO ENCONTRO**3ª Oficina****Título:** Análise do texto poético na formação continuada colaborando com os saberes docentes**Duração:** 2h**Data:** 12/08/2019**Local:** Escola Bentonit União (Zona Urbana)**Ministrante:** Claudenice da Silva Souza

Objetivos:

- ✓ Proporcionar aos (as) professores (as) participantes da oficina um estudo mais profundo sobre análise dos poemas, quanto à metrificação, rimas, versos e estrofes.
- ✓ Pensar no texto poético como arte viva e humana, de forma que compreendam que podemos nos aproximar dela e fazer com que nossos alunos também se aproximem.

Conteúdos:

- ✓ Trechos da obra **O ser e o tempo da poesia**, Alfredo Bosi;
- ✓ Um pouco sobre a estrutura do poema a partir de Norma Goldstein (1995):
- ✓ Métrica tradicional, Ritmo, Escansão, Sílabas poéticas, Esquema rítmico (E.R.) e Simetria e assimetria;
- ✓ Poemas lidos: “Menininha do meu coração” (Vinícius de Moraes), “O marimbondo” (Vinícius de Moraes), “Meninos carvoeiros” (Manuel Bandeira), “Na minha rua há um menininho doente” (Mario Quintana), “Os poemas” (Mario Quintana), “O gato” (Mario Quintana) e alguns haicais de Saulo Mendonça.

Percurso metodológico

- ✓ Refletir sobre a poesia no contexto geral;
- ✓ Apresentar a estrutura do texto poético;
- ✓ Intercalar a leitura de diversos textos de poetas de nossa tradição literária com a reflexão de autores como Alfredo Bosi (2000);

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Bandeira de bolso**: uma antologia poética; organização e apresentação de Mara Jardim. . – Porto Alegre, RS: L & PM, 2013.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**; 9ª edição. – São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

MARQUES, Saulo Mendonça. **Pirilampo**. – João Pessoa, PB: A União, 2005. 130 p.

QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso**. – Porto Alegre: L & PM, 2006.

4ª Oficina

Título: Leitura performática de poesia infantil no processo de formação docente

Data: 12/08/2019

Duração: 2h

Local: Escola Bentonit União (Zona Urbana)

Ministrante: Livramento Fernanda de Lima Araújo

Objetivos:

- ✓ Instigar os (as) participantes a lerem os poemas e levar para sala de aula de forma autêntica, expressiva e liberta.
- ✓ Demonstrar na prática algumas possibilidades performáticas através da voz, do corpo e da música.

Conteúdos:

- ✓ Os sinos, de Manuel Bandeira;
- ✓ Trem de ferro, de Manuel;
- ✓ A Canção dos Tamanquinhos, de Cecília Meireles;
- ✓ Enchente, de Cecília Meireles;
- ✓ Leilão de Jardim, de Cecília Meireles;
- ✓ O pato, de Vinícius de Moraes;
- ✓ O relógio, de Vinícius de Moraes;
- ✓ O Eco, de Cecília Meireles Vinícius;
- ✓ As Abelhas, de Vinícius de Moraes;
- ✓ Batatinha aprende a latir, de Sérgio Caparelli;
- ✓ O casamento da Dona Baratinha, de Walmir Ayala.

Percurso metodológico

- ✓ Ler o poema “Os sinos” de Manuel Bandeira, antes mesmo de introduzirmos qualquer teoria a respeito do que objetivávamos.
- ✓ Falar acerca da leitura performática acordada por Zumthor (2002) e Kefalás (2014) para fundamentarmos de forma clara o que pretendíamos.
- ✓ Ler a peça teatral e terminamos com a leitura de mais poemas, utilizando o método performático conjuntamente com os participantes, através de ritmo, do tom de voz, de uso de expressões corporais e de movimento com a os poemas musicalizados.

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Bandeira de bolso:** uma antologia poética; organização e apresentação de Mara Jardim. . – Porto Alegre, RS: L & PM, 2013.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARQUES, Saulo Mendonça. **Pirilampo.** – João Pessoa, PB: A União, 2005. 130 p.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Odilon Moraes. 7.ed. São Paulo: Global, 2012.

MORAES, Vinícius de. **A arca de Noé**; ilustração Laura Beatriz. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso**. – Porto Alegre: L & PM, 2006.

TERCEIRO ENCONTRO

5ª Oficina

Título: Leitura poemas infantis: entre a teoria e prática

Data: 25/09/2019

Duração: 4h

Local: Escola Manoel Alves Monteiro (Quilombola, Localizada no campo).

Ministrante: Dr^a. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega.

Objetivos:

- ✓ Contribuir teoricamente a formação continuada no que confere aos estudos de poemas;
- ✓ Ler poesia infantil para e com os professores no espaço formativo;
- ✓ Discutir método de abordagem do texto poético.

Conteúdos:

- ✓ “As duas velhinhas”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O último andar”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Procissão de pelúcia”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Os pescadores e suas filhas”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A pombinha da mata”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O eco”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A canção dos tamanquinhos”, de Cecília Meireles;

Percurso metodológico

- ✓ Mediar o diálogo sobre poemas a partir da vivência dos participantes adotando a aula expositiva com uso de slides.
- ✓ Ler poesias do livro *Ou isto ou aquilo* para e com os professores com uso de gestos, vozes e ritmo e movimento quando necessário.

Referências

LIMA, Jorge de. **Essa Nega Fulô**. Jornal da Poesia. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jorge.html>. Acesso em: 05 nov. 2012.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Odilon Moraes. 7.ed. São Paulo: Global, 2012.

SOUZA, Roberto Acízilo de.; ROCHA, João Cezar de Castro. (coord.). **História da Literatura: fundamentos, problemas**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2014.114p.:il.; 21cm. (Biblioteca humanidades). ISBN 978-85-8033-186-8.

QUARTO ECONTRO

6ª Oficina

Título: *Ou isto ou aquilo*: leitura oral no espaço de formação

Data: 19/10/2019

Duração: 2h

Local: Escola Francisca Leite Vitorino (Zona Urbana)

Ministrante: Albaneide Maria da Silva Félix

Objetivos:

- ✓ Promover uma experiência de leitura com poesia infantil, no espaço de formação;
- ✓ Discutir as diferentes maneiras de ler a poesia na sala de aula para e com as crianças.

Conteúdos:

- ✓ “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O eco”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Cantiga para adormecer Lúlu”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A égua e a água”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Lua depois da chuva”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Sonhos da menina”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Para ir à lua”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Passarinho no sapé”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Bolhas”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A bailarina”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O mosquito escreve”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A língua do nhem”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Cantiga da babá”, de Cecília Meireles;

- ✓ “A avó do menino”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O tempo do temporal”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A flor amarela”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Pescaria”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O colar de Carolina”, de Cecília Meireles;

Percurso metodológico

- ✓ Realizar uma dinâmica que denominamos de Caixinha dos poemas, nesse recipiente colocamos os números de sete a sessenta e três, equivalente às páginas que contem cada poema da obra *Ou isto ou aquilo* (2012).
- ✓ Começar deixando o livro no centro da sala para facilitar o movimento dos participantes quando necessário.
- ✓ Explicar que a brincadeira apresenta semelhança com o jogo Batata Quente. A caixinha ia passando ao som de uma música e quando esta parava de tocar o participante que estivesse com a caixa na mão retirava um número que correspondia a um poema e o lia em voz alta para o grupo e de maneira performática, o primeiro número sorteado foi o 63 que representou “Ou isto ou aquilo” seguiu uma sequência terminando com o número 7 que foi “O colar de Carolina” após esse momento houve a socialização desse momento.
- ✓ Finalizar com todos os alfabetizadores escolhendo uma poesia e trocando o “poema secreto”, funcionando como “amigo oculto”, o que oportunizou todos a vivenciarem mais um momento de leitura.

Referências

- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Odilon Moraes. 7.ed. São Paulo: Global, 2012.

QUINTO ENCONTRO

7ª Oficina

Duração: 4h

Título: Leitura de poesia infantil na formação continuada reverberando na sala de aula

Data: 05/11/2019

Duração: 4h

Local: Escola Severino Tavares da Silva (Escola do Campo)

Ministrante: Dr. José Hélder Pinheiro Alves e Albaneide Maria da Silva Félix

Objetivos:

- ✓ Ouvir professores e observar algumas práticas que possivelmente reverberam na sala de aula, durante o percurso de formação;
- ✓ Vivenciar leituras realizadas pelos professores e crianças que fazem parte desta pesquisa no espaço de formação;
- ✓ Contribuir com a experiência formativa entre o ler e o fazer na sala de aula, embasado na tessitura teórica.

CONTEÚDOS:

- ✓ “O cavalinho branco”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A pombinha da mata”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O menino dos FF e RR”, de Cecília Meireles;
- ✓ “Leilão de jardim”, de Cecília Meireles;
- ✓ “As meninas”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A bailarina”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O colar de Carolina”, de Cecília Meireles;
- ✓ “A porta”, de Vinicius de Moraes;
- ✓ “Jogo de bola”; de Cecília Meireles;
- ✓ “O menino azul”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O vestido de Laura”, de Cecília Meireles;
- ✓ “O girassol”, de Elias José;
- ✓ “Caixa mágica de surpresa”, de Elias José;
- ✓ “Porquinho da Índia”, de Manuel Bandeira;
- ✓ “Lobisomem”, de Eucanaã Ferraz;

Percurso metodológico

- ✓ Realizar leitura pelos alfabetizadores e crianças, a partir das formações durante a pesquisa,
- ✓ Apresentar os colaboradores ao nosso orientador Professor José Hélder Pinheiro;
- ✓ Passar a palavra para o professor começar o diálogo mediando suas experiências com o contexto de formação,

- ✓ Refletiu sobre a importância do espaço para a poesia na sala de aula, ponderando a necessidade de trabalhar a partir da dimensão estética com propósito de promover a sensibilidade e prazer;
- ✓ Finalizar com breve avaliação oral e a dinâmica de “Poesia secreta”;
- ✓ Entregar um pequeno questionário com questões abertas, para ser entregue posteriormente.

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. Vol. Único.

FERRAZ, Eucanaã

JOSÉ, Elias. **Um pouco de tudo**. Ilustrações Marcelo e Milton Cipis. São Paulo: Paulinas, 1987.

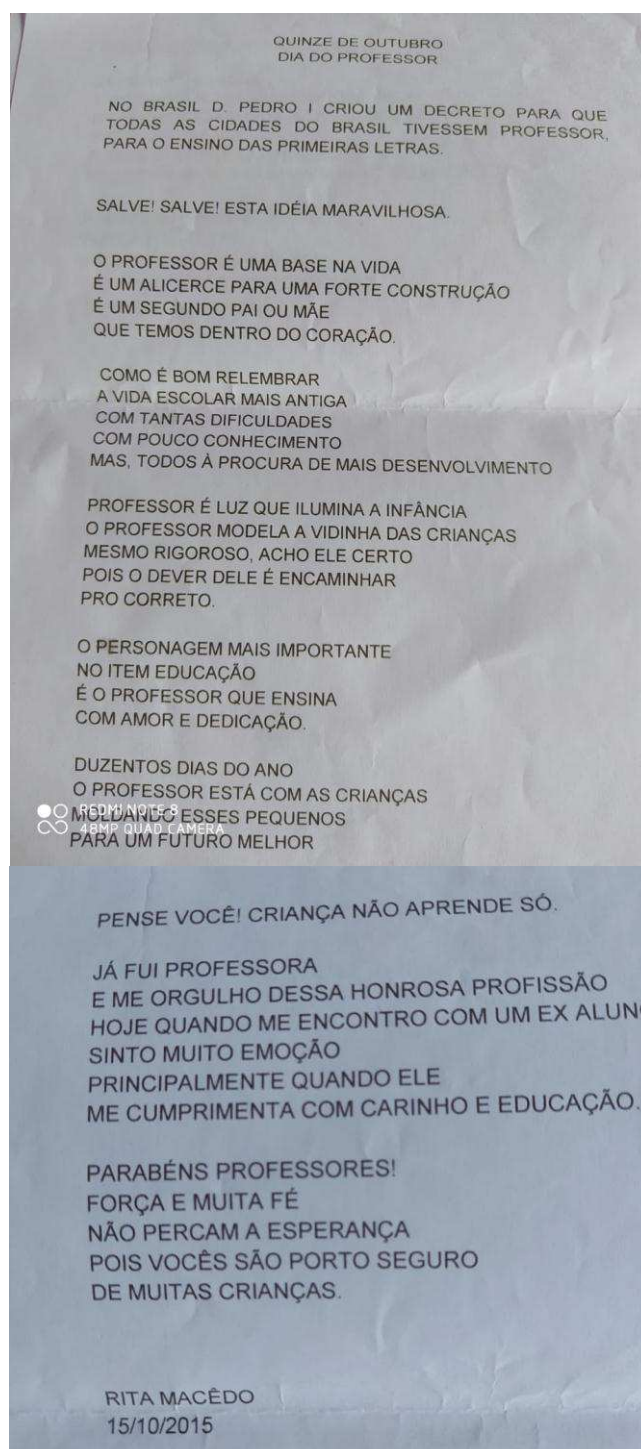
_____. Caixa mágica de surpresa. São Paulo: Paulus, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Odilon Moraes. 7.ed. São Paulo: Global, 2012.

MORAES, Vinícius de. **A arca de Noé**; ilustração Laura Beatriz. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras

ANEXOS

ANEXO I: POEMAS LIDOS NO PRIMEIRO ENCONTRO



BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA.

(Severino Pereira Lacerda)

**Brincar de gado de osso
Montar cavalo de pau
Carro feito de lata
Era coisa natural**

**Brincar de bola de gude
Com galinha de pereiro
Juntar carteira de cigarro
E transformar em dinheiro**

**Pegar o barro molhado
Depois fazer animais
Queimar. Em forno de lenha
Não esquecerei jamais**

**Fazer balanço na árvore
Com pedaço de madeira
E amarrado com corda
E servindo de cadeira**

**Corrida dentro. Do saco
Também corrida do ovo
Brincar com boneca de pano
Eu brinquei quando era novo**

**Cantar brincando de roda
Jogar jogo de botão
Jogar o jogar de pedra
Não sai da imaginação**

**Não esqueço o pula corda
Do saltar pipa, jogar pião
Puxar o cabo de guerra
Fazendo calo na mão**

**Carrapeta eu fazia
Na metade do carretel
Também fazia barquinho
Numa folha de papel**

**Coragem era brincar
Dentro de um pneu rolando
Pra mim os anos passaram
Porém continuo lembrando**

**Tomar banho nos barreiros
E se lambuzar na lama**

**Pegar folhas de mamonas
Forrar o chão e fazer cama**

**Brincar de barra bandeira
Fazer desenho no chão
Riscando com o dedo
Brincar de adivinhação**

**Pegar o arame e fazer
Guidão pra guiar a roda
Brincar de bola meia
Tudo isso era moda**

**O jogo de laça - laça
Pra depois laçar dinheiro
Pegar latinha de doce
E transformar em dinheiro**

**Carrinho de rolimã
Andar em pernas de pau
Se vestir de papangu
Na época de carnaval**

**Brincar de toca era bom
Até correr e pegar
Quando já estava cansado
Pedir figurinha e parar**

**Correr atrás de tanajura
Gritando, é tempo de fartura
Colocando na frigideira
Transformando em fritura**

**Brincar de passar anel
Também de cair no poço
Pular por cima do outro
Eu brinquei quando era moço**

**Todas essas travessuras
Eu fiz quando criança
Eu morro e não esqueço
Continua na lembrança.**

ANEXO II: LIVROS DIDÁTICO DO SOMA – LÍNGUA PORTUGUESA: PROGRAMA SOMA



ANEXO III: LEVANTAMENTO DO ACERVO DE LIVROS OFERECIDOS PELO PNAIC (2014)

12 de dezembro de 2014

Diário Oficial da União - Seção 1

ISSN 1677-7042

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**PORTARIA Nº 63, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2014**

RIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, no uso de suas atribuições, resolve: lgar o resultado da avaliação pedagógica das obras inscritas para o Programa itidático - PNLD PNAIC 2014, conforme EDITAL DE CONVOCACÃO PARA AÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA PARA O PROGRAMA NACIONAL DO ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA 2014.

nar que as obras selecionadas, contidas na relação anexa a esta Portaria, serão e aula das turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental das escolas da rede

nar a autores, titulares de direitos autorais e de edição e a demais interessados que las de decisões transitadas em julgado ou do Conselho Nacional de Educação que nte sobre obras que compõem os acervos a serem distribuídos no âmbito do Livro Didático - PNAIC 2014, em qualquer momento da execução do programa, Ministério da Educação, por meio de atuação específica da Secretaria de Educação

Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MARIA BEATRIZ LUCE

ANEXO**PNLD PNAIC 2014**

TÍTULO	EDITORA
O LOBO MAU SE DEU BEM	GIRAMUNDO EDITORA E SERVIÇOS EDITORIAIS LTDA - ME
EM CHEGOU, TREM JÁ VAI	PIA SOCIEDADE FILHAS DE SÃO PAULO
A ARVORE	ASSOCIACAO PARANAENSE DE CULTURA - APC
E A FERA: CONTO POR IMAGENS	CONSULTOR ASSASSORIA DE PLANEJAMENTO LTDA
BISA FALA CADA COISA!	EDITORIA ORIGINAL LTDA
A CASA DO MEU AVÔ	EDITORIA ATICA S/A
A FOME DO LOBO	EDITORIA ILLUMINURAS LTDA
A HISTORIA DE EMÍLIA	EDITORIA GLOBO LIVROS LTDA
A LENDA DA PEMBA	ESCALA EMPRESA DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA LTDA
A LUA	EDITORIA RODOPIO LTDA
LAIS BELA NOITE DE NATAL	DIGISA COMUNICACÃO E TECNOLOGIA LTDA
OTE, A CAMINHO DE CASA	EDITORIA PEQUENA ZAHAR LTDA
A DOLORES E O BODE QUIRINO	ÓZE EDITORA LTDA - EPP
ORQUESTRA DA LUA CHEIA	EDITORIA REVIRAVOLTA LTDA
A PONTE	SDS EDITORA DE LIVROS FIRELI
A MENORZINHA DO ENFEITINHO DO BO DE UMA COLHERZINHA DE CAFÉ	EDITORIA POSITIVO LTDA
A PREDILETA DO POETA	ALAUDE EDITORIAL LTDA
A PRINCESA MARIBEL	EDITORIA POSITIVO LTDA
REVOLTA DAS PRINCESAS	CASA CULTURAL SABER E LER LIVRARIA LTDA
TELEVISÃO DA BICHARADA	GAUDI EDITORIAL LTDA
A VACA FOTÓGRAFA	GRAFICA E EDITORA POSIGRAF SA
A VELHA A FIAR	NOOVHA AMERICA EDITORA DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA
ABC DA AGÜIA	GUIA DOS CURIOSOS COMUNICACOES LTDA - EPP
ABC DO TRAVA-LINGUA	EDITORIA DO BRASIL SA
O DE PELÜCIA E MAIS POEMAS	EDITORIA GUTENBERG LTDA
AH, AS CORES!	COMBIO DE CORDA EDITORA LTDA
LO, MAMAE! ALÔ, PAPA!	ASSOCIACAO PARANAENSE DE CULTURA - APC
ANIMAIS	EDITORIA 34 LTDA
APERTE AQUI	SISTEMAS DE ENSINO ABRIL EDUCACAO SA
ARANHA POR UM FIO	EDITORIA BIRUTA LTDA
ARVORE	EDICOES MMM EDITORA E LIVRARIA LTDA - EPP
ANÇAS VÃO FICAR DOIDAS!	MANATI PRODÜÇÕES EDITORIAIS LTDA
OZE PRINCESAS DANÇARINAS	DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICACOES LTDA
S GARRAS DO LEOPARDO	EDITORIA SCHWARZ SA
AS JABUTICABAS	EDITORIA GLOBO LIVROS LTDA
E UMA HISTÓRIAS DE MANUELA	AUTÉNTICA EDITORA LTDA
AVENTURA ANIMAL	UNIVERSO LIVROS LTDA
BARBARO	EDITORIA SCHWARZ SA
EM-VINDO AO ZOOLOGICO	JARDIM DOS LIVROS LTDA
E BIA EM NÃO PODE, NÃO!	EDITORIA SCHWARZ SA
BICHANO	CALLIS EDITORA LTDA
BICHOS E BICHOUTROS	C ARTE PROJETOS CULTURAIS LTDA
BILILICO	SARAIVA E SICILIANO S/A
BOCEJO	EDITORIA SCHWARZ SA
VCASA CASA COM CADA UM	EDITORIA DO BRASIL SA
ADÉ O JUÍZO DO MENINO?	EDITORIA LTDA
ÔN CAI? HAICAIS E ANIMAIS	MANATI PRODÜÇÕES EDITORIAIS LTDA
CANTIGAMENTE	AVIS BRASILEIS COM DE ART ECOLÓGICOS CULT E EDITORA LTDA
ASSOPRADA PARA CRIANÇAS DE FÓ-LEGO CURTO	EDIOURO PUBLICACOES DE PASSATEMPOS E MULTIMEDIA LTDA
EDITORIA PEQUENA ZAHAR LTDA	
FIÇO E OUTROS POEMAS ASSOMBRA-DOS	EDITORIA GUTENBERG LTDA
CHAPEU	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS
LES NA ESCOLA DE DRAGÖES	ASSOCIACAO PARANAENSE DE CULTURA - APC
COCO DE PASSARINHO	EDITORIA MODERNA LTDA
2 SURGIRAM OS VAGA-LUMES	EDITORIA SCPIONE S/A
SA - O GUARDIÃO DA FLORESTA	EDITORIA PEIROPOLIS LTDA
STE LIVRO MORAM DOIS CROCODI-LOS	INSTITUTO CALLIS
DEA DE PINGÜIM	EDITORIA CLARO ENIGMA LTDA
U A VACA QUE NÃO FOI PRO BREJO	AAATCHIM EDITORIAL LTDA
XO OUTRO LADO DA RUA	GRAFICA E EDITORA POSIGRAF SA
S CHAPEUS VERMELHINHOS	INSTITUTO CULTURAL ALETRIA
DOIS PASSARINHOS	O JOGO DE AMARELINHA SERVIÇOS EDITORIAIS LTDA
É MENTIRA DA BARATA!	RICHMOND EDUCACAO LTDA
E O DENTE AINDA DOIA	DCL DIFUSAO CULTURAL DO LIVRO LTDA
QUANTO O SONO NÃO VEM	JPA LTDA
ENTRE NUVENS	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS
ESSO - CURIOSAS HISTORIETAS E RI-S QUE DERRAM NA VENTENA	EDITORIA COMPOR LTDA
UMA VEZ TRÊS VELHINHAS...	EDITORIA GLOBO SA
ERA UMA VEZ UM CÃO	EDITORIA CANGURU LTDA
SIQUE, UMA HISTÓRIA DE AMOR	COLEGIO CLARETIANO ASSOC. BENEF. ED

434471.0000	ESPERANDO A CHUVA	O JOGO DE AMARELINHA SERVIÇOS EDITORA
434691.0000	FU	PALLAS EDITORA E DISTRIBUIDORA
434841.0000	FU QUERIA TER...	EDITORIA WME MARTINS FONTES
434911.0000	FU TE DISSE	BERLENDIS EDITORES LTDA
434951.0000	FU VOU SER UM JOGADOR DE FUTEBOL	GAUDI EDITORIAL LTDA
435041.0000	FABULAS DE ESOPHO	EDITORIA WME MARTINS FONTES
435361.0000	FESTA NO MEU JARDIM	GRAFICA E EDITORA POSIGRAF SA
435641.0000	FULUSTRECA	SINGULAR EDITORA E GRAFICA LTDA
435721.0000	GABRIEL TEM 99 CENTÍMETROS	CASA CULTURAL SABER E LER LTDA
435811.0000	GARGTO	JPA LTDA
435841.0000	GATINHO LEVADO!	SDS EDITORA DE LIVROS FIRELI
436081.0000	HAI-QUINTAL: HAICAIS DESCOBERTOS NO QUINTAL	AUTÉNTICA EDITORA LTDA
436171.0000	HISTÓRIA VIRA-LATA	SALAMANDRA EDITORIAL LTDA
436421.0000	HISTÓRIAS RIMADAS PARA LER E BRINCAR	UNYLEIA EDITORA E CURSOS SA
436441.0000	HOCUS FOCUS - UM PAI DE PRESENTE	EDITORIA SCHWARZ SA
436451.0000	HOJE NÃO QUERO BANANA	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA
436621.0000	IMMI	EDITORIA FTD SA
436811.0000	JÁ PRA CAMA, MONSTRINHO!	BERLENDIS EDITORES LTDA
436891.0000	JEREMIAS DESENHA UM MONSTRO	EDITORIA GLOBO LIVROS LTDA
436951.0000	JOÃO E MARIA	EDICOES ESCALA EDUCACIONAL
437011.0000	JOÃO E O PE DE FELIÃO (CORDEL)	FUNDACAO DEMOCRITO ROCHA
437161.0000	JULIA TEM UMA ESTRELA	DIGISA COMUNICACAO E TECNOCI
437271.0000	LA VEM O HOMEM DO SACO	UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO
437341.0000	LADRÃO DE GALINHA	EDICOES ESCALA EDUCACIONAL
437441.0000	LINGUA-LINGUAS	ELEMENTAR PUBLICACOES E EDITORA
437681.0000	LIMERIQUES TRAVA-LINGUAS	GUIA DOS CURIOSOS COMUNICACOES LTDA
437851.0000	LOLO BARNABÉ	EDITORIA ALTEA LTDA
437961.0000	LÜCIO E OS LIVROS	EDITORIA GLOBO LIVROS LTDA
438001.0000	LUGAR DE BICHO	GUIA DOS CURIOSOS COMUNICACOES LTDA
438021.0000	LULU OU A HORA DO LOBO	IMP DE EDUCACAO LTDA
438081.0000	MABEL, A ÚNICA	DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICACOES LTDA
438241.0000	MAMÃO, MELANCIA, TECIDO E POESIA	EDITORIA MODERNA LTDA
438301.0000	MANIA DE EXPLICACAO	RICHMOND EDUCACAO LTDA
438421.0000	MAR DE SONHOS	SINGULAR EDITORA E GRAFICA LTDA
438641.0000	MAS POR QUÊ?!	COSAC & NAIEY EDICOES LTDA
438931.0000	MÊS DE JUNHO TEM SÃO JOÃO	MENEGETTS GRAFICA E EDITORA
439011.0000	MEU BICHO DE ESTIMACAO	ASSOCIACAO PARANAENSE DE CULTURA E EDITORA
439081.0000	MEU LEÃO	EDICOES ESCALA EDUCACIONAL
439201.0000	MEU PRIMEIRO MALUQUINHO EM QUADRINHOS PRA LER DESDE PEQUENININHO!	EDITORIA TAVOLA INFANTO JUVEI
439231.0000	MEUS CONTOS DE FADAS PREFERIDOS	MARTINS EDITORA LIVRARIA LTDA
439241.0000	MEUS PORQUINHOS	EDITORIA ATICA S/A
439291.0000	MIL E UMA ESTRELAS	EDICOES SM LTDA
439531.0000	MINHOÇAS COMEM AMENDOINS	JORGE ZAHAR EDITORIAL LTDA
439611.0000	MORAL DA HISTÓRIA - FABULAS DE ESOPHO	ELEMENTAR PUBLICACOES E EDITORA
439771.0000	MUITO, MUITO LONGO!	PLANET BOOKS LTDA
439911.0000	NA JANELA DO TREM	CORTEZ EDITORA E LIVRARIA LTDA
439951.0000	NA RUA DO SABÃO	EDITORIA GAIA LTDA
440101.0000	NATUREZA MALUCA	MARTINS EDITORA LIVRARIA LTDA
440171.0000	NICOLAS	INSTITUTO CULTURAL ALETRIA
440201.0000	NINGÜEM E EU	HEDRA EDUCACAO LTDA
440621.0000	NOSSA RUA TEM UM PROBLEMA	ABRIL EDUCACAO SA
440641.0000	O ANIVERSÁRIO DO TILTAPEIS	GRAFICA EDITORA STAMPA LTDA
440761.0000	O BALÃO	EDITORIA POSITIVO LTDA
440771.0000	O BALÃO DE ZEBELIM	SISTEMAS DE ENSINO ABRIL EDITORA
440891.0000	O BODE E A ONÇA	TEXTO EDITORES LTDA
441401.0000	O CONVIDADO DE RAPOSELA	EDITORIA CLARO ENIGMA LTDA
441681.0000	O DOMADOR DE MONSTROS	EDITORIA FTD SA
442051.0000	O GATO E A PEDRA	CALLIS EDITORA LTDA
442111.0000	O GATO NO TELHADO	A PAGINA DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA
442171.0000	O GATO VIBRA NA ENCONTRO	EDIOURO DUETTO EDITORIAL LTDA
442261.0000	O GRANDE CHEFE	EDITORIA CANGURU LTDA
442341.0000	O GULOZO	EDITORIA COMPOR LTDA
442591.0000	O LAGO DOS CISNES	UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO
442601.0000	O LANCHE	ALAUDE EDITORIAL LTDA
442661.0000	O LENCÖ	SDS EDITORA DE LIVROS FIRELI
442761.0000	O LIVRO DO REX	EDIOURO PUBLICACOES DE LAZEDA
442811.0000	O LIVRO DOS TRAVA-LINGUAS	TEXTO EDITORES LTDA
442891.0000	O LOBO NÃO MORDE!	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES
443041.0000	O MARIMBONDO DO QUILOMBO	MANOLE LTDA
443071.0000	O MELHOR AMIGO	EDITORIA MARTIN CLARET LTDA
443231.0000	O MENINO E SEU IRMÃO	EDITORIA RECORD LTDA
443651.0000	O MONSTRO (NEM TÃO MONSTRUOSO) E O MENINO JOÃO	NOOVHA AMERICA EDITORA DISTRIBUIDORA
443741.0000	O MUNDO É REDONDO E A VIDA É COR DE ROSA	MANUELA EDITORIAL LTDA
443831.0000	O NOIVO DA RATINHA	ARAGUAIA INDUSTRIA GRAFICA LTDA
444041.0000	O PAGAIO REAL	EDITORIA GAIA LTDA
444171.0000	O PATO PACATO	EDITORIA MODERNA LTDA
444151.0000	O PATO, A MORTE E A TULIPA	COSAC & NAIEY EDICOES LTDA
444271.0000	O PEIXE E A PASSARINHA	EDITORIA REVIRAVOLTA LTDA
444601.0000	O PRESENTE	COSAC & NAIEY EDICOES LTDA
444981.0000	O RABO DO MACACO	CALLIS EDITORA LTDA
445171.0000	O SACO	EDIOURO DUETTO EDITORIAL LTDA
445191.0000	O SAPATEIRO E OS ANÖEZINHOS	JARDIM DOS LIVROS LTDA
445501.0000	O SOM DA TURMA	EDITORIA GLOBO LIVROS LTDA
445511.0000	O SONHO DO URSINHO ROSA	EDITORIA POSITIVO LTDA
445561.0000	O TAPETE DE PELE DE TIGRE	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES
445731.0000	O URSO, A GANSA E O LEÃO	QUINTETO EDITORIAL LTDA
445801.0000	O VIOLINO	SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES
445821.0000	O VOO DA ASA BRANCA	EDITORIA PRUMO LTDA
446151.0000	OS BICHOS TAMBÉM SONHAM	LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA
446321.0000	OS FANTÁSTICOS LIVROS VOADORES DE MÔDITOS MÁXIMO	EDITORIA ROCCO LTDA
446371.0000	OS HAI-KAIS DO MENINO MALUQUINHO	EDITORIA MELHORAMENTOS LTDA
446511.0000	OS PASSAROS	EDITORIA 34 LTDA
446581.0000	OS TRÊS LOBINHOS E O PORCO MAU	BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS
446711.0000	OS TRÊS PORQUINHOS	MANATI PRODÜÇÕES EDITORIAIS
446811.0000	OU ISTO OU AQUILO	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA
446931.0000	PANTUFA DE CACHORRINHO	AUTÉNTICA EDITORA LTDA
447091.0000	PARLÊNCIAS PARA BRINCAR	GUIA DOS CURIOSOS COMUNICACOES LTDA
447371.0000	PEQUENAS GUERREIRAS	EDITORIA FTD SA
447491.0000	PICCOLO E NUVOIA	LIVROS DA MATRIZ EDITORA E PUBLICACOES LTDA
447561.0000	PINÖOUILO	DIRBA EDITORA E DISTRIBUIDORA
447591.0000	PIOLHO NA RAPUNZEL E OUTROS BICHOS EM	EDITORIA PROJETO LTDA

ANEXO IV: 1º QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

ORIENTADOR: JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES
MESTRANDA: ALBANEIDE MARIA DA SILVA FÉLIX

Desejamos sua cooperação para conhecer melhor você e seus alunos. Não se preocupe, pois a identidade de vocês será mantida em sigilo e não esqueça que sua sinceridade é muito importante para nós.

1. Nome: _____
 2. Sexo: () Feminino () Masculino
 3. Idade: _____ anos
 4. Qual a sua formação inicial acadêmica (qual instituição)? Durante a formação cursou disciplina referente a literatura infantil? Possui mais de uma graduação? Tem pós-graduação em que?

 5. Há quantos anos você ensina?

 6. O que você costuma ler em sua vivência pessoal?

 7. Quais os livros literários lidos por você - e não literários também?

 8. Que tipo de texto você costuma ler para seus alunos?

 9. Costuma ler poemas? Se sim, tem preferencia por algum poeta ou poetisa?

 10. Você costuma ler poemas para seus alunos? Se sim, com que frequência?

 11. Você já levou algum poeta da comunidade para recitar poesia na sua sala? Se sim, como foi esse experiência?

 12. Você considera importante que seus alunos leiam poesia? Por quê?

-

ANEXO V: INFORMAÇÕES SOBRE AS ESCOLAS MUNICIPAIS DE BOA VISTA - PB

Nome das Escolas	Nº de Professores	Lugar / Tipo de turma	Quantidade de alunos por ano	
João Leite Gomes	1	Campo – multisseriada	1º ano	03
			2º ano	05
			3º ano	02
Américo Porto	1	Campo – multisseriada	1º ano	03
			2º ano	02
	1	Campo – multisseriada	3º ano	05
Cícero André de Oliveira	1	Campo – multisseriada	1º ano	00
			2º ano	04
	1	Campo – multisseriada	3º ano	03
Manoel Alves Monteiro	1	Campo – multisseriada	1º ano	02
	1	Campo – multisseriada	2º ano	01
			3º ano	05
Francisco Sulpino de Araújo	1	Campo – multisseriada	1º ano	10
			2º ano	12
			3º ano	08
Severino Tavares da Silva	1	Campo – multisseriada	1º ano	12
	1	Campo – seriada	2º ano	16
	1	Campo – seriada	3º ano	17
José Pereira de Oliveira	1	Campo – multisseriada	1º ano	03
			2º ano	01
			3º ano	05
João Pereira da Costa	1	Campo- multisseriada	1º ano	04
	1	Campo – multisseriada	2º ano	07
			3º ano	05
Santino Luís de Oliveira	1	Campo – multisseriada	1º ano	04
			2º ano	00
			3º ano	00
Bentonit União	1	Urbana – seriada	1º ano	14

	1	Urbana – seriada	2º ano	09
	1	Urbana – seriada	3º ano	21
Francisca Leite Vitorino	1	Urbana – seriada	1º ano – A	24
	1	Urbana – seriada	1º ano – B	24
	1	Urbana – seriada	2º ano – A	20
	1	Urbana – seriada	2º ano – B	21
	1	Urbana – seriada	3º ano – A	26
	1	Urbana – seriada	3º ano – B	26
TOTAL	26	-	33	324

Fonte: Secretaria de Educação de Boa Vista – PB (2019)